UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MÁRCIA DO SOCORRO DA SILVA PINHEIRO

FABIOLA: A SUBVERSÃO, A MORALIZAÇÃO E A VIRTUDE RECOMPENSADA

Belém
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MÁRCIA DO SOCORRO DA SILVA PINHEIRO

FABIOLA: A SUBVERSÃO, A MORALIZAÇÃO E A VIRTUDE RECOMPENSADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do Mestrado em Letras, na área de concentração de Estudos Literários.
Orientadora: Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

Belém
2017

MÁRCIA DO SOCORRO DA SILVA PINHEIRO

FABIOLA: A SUBVERSÃO, A MORALIZAÇÃO E A VIRTUDE RECOMPENSADA

Banca Examinadora

_____
Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales (UFPA)
Orientadora

_____
Profa. Dra. Ana Claudia Suriani da Silva (UNIVERSITY COLLEGE LONDON)
Membro Externo

_____
Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz (UFPA)
Membro Interno

Profa.Dra. Lilia Silvestre Chaves (UFPA)
Membro Suplente

Aprovação: _____

Data: _____/_____/_____

A uma mulher batalhadora: minha mãe. Obrigada pela presença constante em minha vida

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus, por ter concedido saúde e sabedoria para escrever a Dissertação.

Eu penso, que por mais individual que um trabalho como esse possa parecer, sua construção, procede, na verdade, do resultado de inúmeras cooperações. Há várias pessoas que, em momentos e de maneiras diversas, colaboraram para que eu prosseguisse na escrita deste trabalho. Dessa forma, é uma grande satisfação, agradecer, de modo especial,

À minha mãe, tão presente e tão amada, posso dizer que com a senhora, minha divída é eterna.

À Marcilene, agradeço imensamente pelo apoio, pela amizade e pelo companheirismo.

À profa. Dra. Germana Sales, minha orientadora, agradeço pela sugestão que me levou ao tema deste trabalho, pela oportunidade de ter ingressado no mundo da pesquisa, agradeço ainda pelo afeto e preocupação, sentimentos que digo, são sempre verdadeiros.

Ao meu amor, Luiz Henrique, minha maior torcida e meu incentivador.

À Jeniffer Yara, pela amizade, pontuada nas inúmeras tardes que passamos na sala 8, local que falamos sobre vida e Literatura. Sua disponibilidade para ler meus capítulos, contribuiu para os ajustes do trabalho.

Ao Adauto Bittencourt, pela amizade, pela parceria constante, desejo que nossos caminhos sempre se cruzem.

À Juliana Yeska e a Sara Ferreira, agradeço pelas conversas, pela parceria e pela convivência na sala oito, desejo que a vida nos permita muitos reencontros.

À Alinnie Oliveira, agradeço pela leitura do texto, agradeço também pela ajuda com indicações de leitura sobre o gênero romance, pela amizade e disponibilidade para me ajudar.

Às professoras Juliana Maia e Ana Claudia Suriani, pelas sugestões durante o exame de qualificação.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos, graças à qual pude dedicar-me integralmente à elaboração da Dissertação.

RESUMO

Embora tenha conseguido sua maior projeção no século XIX, o gênero romance já se destacava no horizonte literário europeu do século XVIII e apresentava grandes transformações. Dessa forma, o romance se firmou em meio a mudanças sociais, políticas e econômicas. Este estudo objetiva analisar o romance **Fabiola**, publicado em 1865, no formato folhetim no periódico **A Estrella do Norte** (1863-1869), folha católica que publicou suas notícias sob os auspícios de Dom Macedo Costa (1830-1891). Para efetuarmos o objetivo deste trabalho, trataremos sobre a ascensão e consolidação do gênero no primeiro capítulo, fazendo uma espécie de contraponto entre a leitura de **Fabiola** e outros romances que tiveram destaque durante o século XVIII e XIX. Demonstraremos também, no segundo capítulo, como foi no século XIX a recepção do romance em terras paraenses, sobretudo a partir da ótica do editor do periódico, Dom Macedo Costa. No terceiro capítulo, analisaremos as personagens femininas do romance econferir como essas categorias se manifestaram na obra. O contexto histórico no qual esse romance foi publicado, será também descrito, assim buscamos determinar sua influência, no que envolve a escolha de tal publicação pelos editores do periódico religioso paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Romance. **Fabíola**. **A Estrella do Norte**. Dom Macedo Costa.

ABSTRACT

Although it achieved its greatest projection in the nineteenth century, the novel genre already stood out in the Europe's eighteenth century literary horizon and underwent through major transformations. This way, the romance established itself amidst social, political and economic changes. This study aims to analyze the romance Fabiola, published in 1865, in the form of a booklet in the periodical A Estrella do Norte (1863-1869), a catholic newspaper that published its news under the supervision of Dom Macedo Costa (1830-1891). To achieve the objective of this work, we will discuss the rise and consolidation of the genre in the first chapter, making a counterpoint between the reading of Fabiola and other novels that stood out during the eighteenth and nineteenth centuries. We will also demonstrate, in the second chapter, how the reception of the novel in nineteenth century's Pará, especially from the perspective of the editor of the periodical, Dom Macedo Costa. In the third chapter, we will analyze the female characters of the novel and see how these categories manifested themselves in the literary work. The historical context in which Fabiola was published will also be described, as a way to try to determine its influence, in what it involves the choice of such publication by the publishers of Pará's religious journal

Keywords: Novel. Fabiola. A Estrella do Norte. Dom Macedo Costa.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Cidades que publicaram o romance.....16

TABELA 2 – Títulos de romances religiosos publicados n' *A Estrella do Norte*.....17

TABELA 3 – Jornais que publicaram o romance *Fabiola* em folhetim no Brasil..... 18

TABELA 4 –V Críticas ao gênero romance publicada n' *A Estrella do Norte*.....67

TABELA 5 – Narrativas religiosas e moralizantes publicadas n' *A Estrella do Norte*.....69

Sumário

Introdução 9

CAPITULO 1 - O ROMANCE: EM CENA UM NOVO GÊNERO 16

1.1. Romance: Ignóbil e Licencioso – Emma Bovary uma desafortunada heroína 26

1.2. Realidade e Ficção: o romance renega a si mesmo 31

1.3. Moralizante e insuspeito 37

CAPÍTULO 2 - *A ESTRELLA DO NORTE* E OS IMPRESSOS RELIGIOSOS: A CENSURA NA PROVÍNCIA DO GRÃO PARÁ 47

2.1. Os impressos no Grão-Pará: fontes para a história da leitura 48

2.2. Ultramontismo e romanização: o duelo de Dom Macedo no Grão-Pará 56

2.3. As páginas d' A Estrella do Norte:insuspeitas e moralizantes 61

CAPÍTULO 3 - FABIOLA: A MORALIZAÇÃO NAS PÁGINAS D' *A ESTRELLA DO NORTE* 78

3.1. Fabiola: páginas moralizantes em terras paraenses 80

3.2. O ofício do narrador: guia de leitura 82

3.3 – Syra e a mediação de leitura 87

3.4. As faces de Fabiola: a subversão, a moralização e o ideal de virtude religiosa 94

3.5. A moralização e a premiação da virtude 105

Considerações Finais 108

Referências 110

Introdução

> *Em algum momento, talvez no século XVII, talvez somente no XVIII, mulheres e homens perceberam que havia surgido uma nova forma narrativa, chamada por alguns de novela, por outros de história, conto, aventura, romance. A instabilidade na designação não criou nenhum tipo de constrangimento, já que, em todo mundo ocidental, homens e mulheres tornaram-se ávidos leitores desse tipo de narrativa. Junto com o interesse, veio o controle. O romance ocupou o espírito de inquisidores, censores, críticos e professores que desconfiavam de um gênero não previsto pela tradição clássica, um gênero que atraía tantos e tão diversos leitores e que, com sua linguagem acessível, suscitava interpretações que feriam todo tipo de ortodoxia. Junto com a interdição, vieram as defesas. Escritores, críticos, professores e leitores ocuparam suas penas buscando justificativas para a produção e leitura do novo gênero.*
>
> Márcia Abreu

O Cardeal Nicholas Wiseman (1802-1865) chega à Inglaterra em 1835, com a missão dada pelo Papa Pio VII de ajudar o país na catequização católica, já que nesse momento, os ingleses já eram, em maioria, protestantes. O religioso escreveu inúmeros tratados e livros, inclusive o romance **Fabiola** que foi publicado em 1854 em Londres. O Cardeal foi escolhido pelos representantes da Igreja Católica em Roma para escrever a obra, pois teve sua formação supervisionada pelo Papa Pio VII e por isso, também havia sido escolhido para ser o primeiro cardeal residente na Inglaterra, após a Reforma Anglicana de Henrique VIII, foi ainda, um dos principais dinamizadores do renascimento do catolicismo na Inglaterra no século XIX.

De acordo com informações apresentadas no prefácio da primeira edição de **Fabiola**, os representantes da igreja católica conheciam a importância do romance e acompanhavam a ascensão e consolidação do gênero. Pois, o prefácio da obra expõe os méritos de uma narrativa que divulgasse histórias consideradas "corretas" e que pudessem ser lidas no âmbito familiar.

Na nota introdutória, o Cardeal Wiseman, esclarece que só aceitou a tarefa de escrever o romance, porque foi um pedido dos "representantes da Igreja Católica que

objetivavam criar uma 'biblioteca popular' composta somente por obras de temáticas religiosas e moralizantes". Entendemos que essas informações podem ter sido uma estratégia do Cardeal, pois sabemos que no século XIX, havia uma prática de ficcionar os prefácios das narrativas, para que isso chamasse à atenção do público leitor.

Nos anos de 1865 e 1866, **Fabíola**, foi publicado[1] em 56 capítulos, no jornal paraense **A Estrella do Norte**[2]. Nas primeiras páginas do romance, o narrador convida o leitor a caminhar por uma tarde de setembro pelas ruas de Roma. Nesse momento, também o público é convidado a conhecer um romance diferente daqueles os quais o autor se referia como "aqueles romances".

A história acontece em Roma nos princípios do século IV depois de cristo, durante as perseguições aos cristãos promovidas no império de Deocleciano. A heroína do livro é Fabíola, uma bela jovem de família romana nobre, que é descrita pelo narrador em terceira pessoa, como uma jovem "mimada e pérfida". Fabíola parecia ter de tudo, inclusive uma educação primorosa em filosofia, mas, apesar das aparências, de acordo com o narrador, "não estava feliz". Um dia, num acesso de raiva, ataca e fere a filha de uma escrava, a jovem Syra, que secretamente era cristã. A fútil menina romana é, entretanto, humilhada com a humildade de Syra, que reage a esta situação com resignação e maturidade.

A partir desse episódio, o narrador começa a apresentar uma lenta transformação na jovem voluntariosa, que culmina finalmente na sua conversão ao cristianismo, levada por Syra e por sua prima, Agnes, que é sua grande amiga.

Outro aspecto relevante do romance e que o faz dialogar com outras obras, foi a forma que o autor criou a narrativa, pois apesar da transformação de Fabiola ser o fio condutor da trama, outras histórias aparecem para compor o enredo o que faz o romance ter várias histórias englobadas em uma. Podemos destacar também, que a vida de alguns santos foi contada por meio de ficção, por exemplo, a vida de São Sebastião, Santa Inês, Santa Cecília e São Pancrácio, que tiveram suas vidas expostas nessa metaficção.

Fabiola, na sequência de sua conversão, transforma sua casa em um hospital para atender os cristãos doentes e após uma vida dedicada aos menos favorecidos, morre como uma mulher benevolente merecedora da verdadeira salvação.

O prefácio do romance **Fabíola**, assinado pelo Cardeal, expõe os méritos da narrativa e justifica a publicação da obra no prólogo, espaço em que o religioso se debruçou em

[1] O romance foi revisto e corrigido sob a tradução de Lisboa, em 1863, por M.J. de Mesquita Pimentel.
[2]A primeira edição do jornal data 6 de janeiro de 1863, sob proteção de D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará. Impresso na Typografhia Eclesiástica da Estrella do Norte.

discursar acerca das verdadeiras virtudes cristãs, pois seu desejo era familiarizar o leitor com os usos, hábitos, sentimentos e espírito dos primeiros séculos do cristianismo.

Como já mencionamos, **Fabiola** é entendido e publicado como exemplo de virtude e moral religiosa. A partir da leitura da recepção crítica no Brasil, notamos que a acolhida da obra era positiva, como confirmamos no seguinte fragmento: "Não há quem não tenha lido **Fabiola**, esta encantadora história, que prova poder existir o romance cristão; pois toda a Inglaterra conhece as conferências do autor do romance, sobre o protestantismo, que esclareceram tantas inteligências transviadas." [3]

O caráter moralizante faz parte da história do romance, já que esse tipo de gênero, em sua formação, precisou apelar para a função moral e educativa para deixar de ser olhado com desconfiança pelos censores. Desse modo, tanto na Europa como no Brasil, o caráter moralizante aponta para um modelo de sociedade a ser alcançado.

Objetivamos analisar o romance **Fabiola**, a partir da perspectiva da edificação da moral, para tanto é preciso perceber de que maneira o conteúdo da obra é articulado com momento histórico da sociedade paraense, na segunda metade do século XIX, e sua semelhança com a descrição do papel de cada personagem da narrativa, para resolvermos tal questionamento se a obra apresenta um contéudo moralizante, vamos nos concentrar em responder a seguinte pergunta: em qual momento do romance são apresentados os artifícios narrativos que podem ser entendidos como prescritivos e moralizantes e para que tipo de comportamento e valores esses artifícios tendem a conduzir os leitores.

Buscandos essas respostas, entendemos que: a função do narrador da obra, o comportamento das personagens femininas, a linha editorial do periódico que publicou o romance nos conduzem a defender que a obra é moralizante e Fabiola é o maior exemplo de redenção, pois sua transformação acontece de maneira lenta e gradual, a importância significativa de outras figuras femininas que também são usadas como ferramenta de defesa da fé cristã.

O interesse em pesquisar a temática deste trabalho, surgiu no início de 2012, quando a professora Germana Sales, que me recebeu como voluntária em seu grupo de pesquisa, **Grupo de Estudos em História Literária** (GEHIL), momento que começamos a desenvolver as tarefas do plano de trabalho: **Páginas Garrettianas***:* a trajetória do romance na Belém

[3] Cruzeiro do Brasil, 1865, p. 5. Se este é o nome de um jornal, deve vir em itálico.

oitocentista.[4] Sequencialmente, já como bolsista de Iniciação Científica[5], iniciamos a pesquisa em jornais que circularam em Belém no século XIX. Diante das inúmeras narrativas presentes nos periódicos **O Liberal do Pará** e **Jornal do Pará**, houve o interesse em apresentar no Trabalho de Conclusão de Curso[6] narrativas que expunham em seu conteúdo o teor moralizante.

Diante disso, a ideia para a Dissertação surgiu como uma forma de desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso, quando foi analisada a temática da moralização em narrativas publicadas nos periódicos do Pará, na segunda metade do século XIX, a saber: **O Jornal do Pará** e **O Liberal do Pará**, mais especificamente a narrativa **Helena**, de autoria desconhecida e o conto **A Ponte dos Noivos**, também publicado sem autoria mencionada. Na época existia um interesse maior no estudo das publicações sem autoria, mas no decorrer das leituras, a temática moralizante que aparecia relacionada ao desfecho da narrativa, pareceu propicia à tematização do trabalho e foi a escolha naquele momento.

Quando iniciamos os trabalhos para a construção do projeto de Mestrado, já existia um interesse por ficção moralizante. Sendo assim, começamos a pesquisar as páginas do periódico católico **A Estrella do Norte**[7], folha religiosa, que divulgou em suas páginas, inúmeros romances religiosos, entre eles a obra **Fabiola**[8].

A folha noticiosa construía votos em prol de narrativas moralizantes e tecia considerações contra obras que não eram aceitas ou prescritas pelos censores e seus representantes. O periódico publicou 9 (nove) romances católicos, entre os quais, a obra **Fabiola**, que foi divulgada em anúncios de inúmeros periódicos nacionais[9], foi também publicada no formato folhetim no decorrer de 1860 e 1870 nos principais jornais religiosos católicos[10].

Para alcançar o objetivo deste trabalho, foi feita a catalogação dos romances religiosos publicados n' **A Estrella do Norte, a partir disso, foi escolhido o romance**

---

[4]Nesse plano, cataloguei e analisei os prefácios das obras de Almeida Garrett (1799 -1854) presentes na biblioteca do Grêmio Literário Português.

[5] Bolsista pelo CNPq, com o plano de trabalho: *Romances folhetins na Belém do século XIX*, atrelado ao Projeto de Pesquisa: *A reconstituição do passado literário por meio das páginas de periódicos oitocentistas*.

[6]No TCC, trabalhei com duas narrativas publicadas no Jornal do Pará. O título do trabalho foi: *Helena* e a *Ponte dos Noivos*:páginas moralizantes nas colunas do *Jornal do Pará*.

[7] Periódico católico, circulou em Belém no período de 1863 e 1869, sob a tutela do Bispo de Belém na época, Dom Macedo Costa.

[8]A obra foi publicada em sua primeira versão, no formato livro, no ano de 1854 na Inglaterra, sob a pena do Cardeal Nicholas Wiseman (1802-1865). O prefácio da obra em inglês expõe os ideais que estava envolvida a escrita e publicação da obra.

[9]Jornais que divulgaram anúncios da chegada da obra *Fabiola*: Constitucional;

[10]Jornais que publicaram o romance *Fabiola*:*Constitucional* (1864); *O Apostolo* (1866); *Correio Paulistano* (1867); *Diário de São Paulo* (1870); *O Apostolo* (1870)

Fabiola para ser feita a análise, pois a partir da leitura do jornal, percebemos que foi para essa narrativa que os editores do periódico tiveram maior empenho no que envolve à divulgação nas folhas do jornal. Ainda sobre a organização de nosso trabalho, cotejamos o romance escolhido com algumas obras publicadas anteriormente: como **Manon Lescaut** (1722), **Moll Flanders** (1822)**, Pamela** (1740), entre outras obras que apresentavam os traços formais do genêro romance.

Ainda sobre a metodologia usada neste trabalho, foi feita a leitura do romance para podermos comparar com outras publicações divulgadas n' **A Estrella do Norte**, foi também organizado um material com as críticas que divulgavam informações sobre **Fabiola**. Os resultados serão apresentados nos três capítulos da dissertação.

No primeiro capítulo intitulado **O Romance: em cena um novo gênero**, será apresentada a formação, a consolidação e a legitimação do gênero romance, enquanto elemento que transformou a sociedade da época. Focalizaremos, ainda o romance moralizante, suas características e especificidades, pois a moralização sempre esteve presente de maneira marcante na literatura e foi extensamente explorada como um meio de aproximar o leitor, envolvendo-o pessoalmente no processo de troca de informação. O primeiro capítulo, busca, primeiramente, discorrer sobre o surgimento e estabelecimento do gênero romance em âmbito geral, para tanto apresenta ainda, algumas obras que contribuíram para a democratização ou proibição da leitura de romances, assim, faremos uma espécie de comparação para demonstrar quais romances dialogavam ou divergem de **Fabiola**, as obras escolhidas foram: **Moll Flanders** (1822), **Pamela** (1740), **Madame Bovary** (1854) entre outras de igual importância.

O objetivo do primeiro capítulo é demonstrar que não é possível tratar de um romance, sobretudo moralizante sem dar destaque a algumas narrativas que foram importantes para compreender a autonomia do gênero, pois localizamos inúmeras obras de caráter prescritivo e também não consideradas de conduta positiva.

O segundo capítulo tem como título **A Estrella do Norte e os impressos religiosos: A censura na Província do Grão Pará** concentra sua linha de atuação nas transformações que ocorriam na capital paraense, na segunda metade do século XIX, e mais especificamente nas publicações d' **A Estrella do Norte** e nos objetivos de Dom Macedo Costa[11] para a

[11] D. Macedo Costa pensava em reformas que incidiriam sobre a organização interna e externa do catolicismo. Foi um bispo que teve projeção em âmbito político e religioso no Brasil. Seu envolvimento na chamada Questão Religiosa, ocorrido na segunda metade do século XIX, o tornou ainda mais conhecido, pois são inúmeras as informações que circularam nos jornais da época que citavam os feitos do referido religioso. A partir da análise dos documentos produzidos pelo bispo, percebemos que suas intenções e projetos sociais, divergiam dos

Diocese paraense. Diante disso, as narrativas religiosas e críticas ao romance publicadas no periódico serão analisadas a partir de um enfoque histórico. Dessa historicidade, trataremos a partir de uma perspectiva moralizante, os processos de subordinação da mulher, por exemplo, procedimento mais amplo que aliou resíduos dos valores patriarcais e interesses da Igreja Católica. Este capítulo se deterá ainda, na análise das publicações d'A **Estrella do Norte**, sem deixar de questionar quais eram as intenções do Bispo paraense. Dessa maneira, acertamos à atenção sobre a questão da imprensa[12] como ferramenta transformadora.

Dessa forma, o objetivo do capítulo dois: será discutir a relevância da imprensa brasileira e paraense oitocentista e entender que o contéudo do periódico, dialogava no que envolve à moralização com a temática do romance **Fabiola**.

As críticas e narrativas menores analisadas no segundo capítulo tiveram um papel fundamental no rastreamento das imagens de leitores[13] na segunda metade do século XIX. Foi nesse contexto conturbado que a Igreja Católica precisou brigar consigo mesma[14] e com o poder civil para se fortalecer enquanto instituição politicamente independente e, em nível regional, precisava superar as dificuldades de uma região como a Amazônia, com grandes distâncias, falta de clero ou clero deficientemente formado.

No terceiro capítulo intitulado **Fabiola: a moralização nas páginas d' A Estrella do Norte**, foi feita a análise do romance, a partir da perspectiva moralizante, para tanto, foram identificadas as estratégias transformavam a obra prescritiva e que norteavam o enredo, para concluir essa tarefa, foi feita a avaliação da figura feminina no século XIX, como exemplo de virtude.

---

programas político-partidários dos liberais, para entendermos com qual ideal o bispo dialogava, precisamos entender o jogo político-religioso da época. LUSTOSA, Antônio de Almeida. **Dom Macedo Costa**: Bispo do Pará. 2 ed. Belém: SECULT, 1992, p. 26.

[12] De acordo com Isabel Lustosa (2004, p, 20) "o marco inicial da formação da imprensa no Brasil foi à chegada da família Real ao Brasil, haja vista que tal acontecimento ajudou a difundir a prática da leitura no Brasil". Os acontecimentos que envolvem a gradativa construção de uma identidade nacional por meio da literatura, estão, por sua vez, associados ao contexto histórico, e se traduzem em uma importante ferramenta à formação do universo social da cada época, e também possuem a capacidade de registrar as questões referentes ao modo de viver das sociedades, que eram retratadas nas publicações de folhetim nos jornais na primeira metade do século XIX.

[13]Discursos muito parecidos, que depreciavam os romances e suas leitoras, podem ser encontrados em LYONS, Martyn; LEAHY, Cyana. **A palavra impressa**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999, p.171-172.

[14] O cenário religioso na Província do Pará, na segunda metade do século XIX, estava envolto em vários acontecimentos, conflitos entre Igreja e Estado (o afloramento da chamada Questão Religiosa no Brasil), decorrente das ações ultramontanas de Dom Macedo Costa e suas críticas às crenças que estavam se firmando entre os populares, criaram um sentimento, para alguns protestantes, de que no Brasil não haveria forte presença religiosa, o que seria a porta de entrada para esta doutrina. Além disso, havia uma divergência entre os próprios religiosos da igreja católica. C.f. LUSTOSA, Antônio de Almeida. **Dom Macedo Costa**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939, p. 28.

Ainda no terceiro capítulo, percebemos que a leitura do prefácio do romance, e o narrador em terceira pessoa demonstram a dimensão do esforço de controle e do desejo de estabelecer protocolos de leitura que buscassem determinar interpretações corretas e usos adequados da obra no ato da leitura. Com isso, entendemos que o papel do narrador é demonstrar que a narrativa apresenta exemplos de virtude.

Acerca do ponto de vista interno da narrativa, cabe mencionar que o narrador era figura comum do século XIX, conhecia o que cada personagem sentia e assim advogava em favor de algumas dessas personalidades, um exemplo é o que aconteceu com o narrador de **Fabiola**, que inúmeras vezes interrompia a narração para inserir detalhes informativos, expressar constantes justificativas do discurso idealizador que defendia, a partir das reiterações históricas, que se instauram no enredo. Tal mecanismo auxiliava o narrador em seu ofício de erguer ideologias e assim construir um passado em bases sagradas para o cristianismo.

Nossa análise demonstrará como o discurso moral e seus juízos se relacionam com as movimentações históricas e culturais, atendendo intenções diversas, como a consolidação de valores, e assim, demonstrar que o jornal se revelou como local apropriado para o início de debates que levavam ao surgimento de novos ideais estéticos e ideológicos.

CAPITULO 1 - O ROMANCE: EM CENA UM NOVO GÊNERO

> *Correrei o risco de afirmar que, onde a leitura de romances prevalece como um hábito, ela provoca com o tempo a total destruição das capacidades da mente; constitui uma perda completa para o leitor que não deve ser chamada de passatempo, mas de mata-tempo. Não produz nenhum aperfeiçoamento do intelecto, mas enche a mente se uma sensibilidade nauseante e mórbida, que é diretamente hostil ao cultivo, ao fortalecimento e à ampliação das faculdades mais nobres do discernimento.*
>
> Samuel Taylor Coleridge

No ano de 1854, foi publicado na Inglaterra o romance **Fabiola**, de autoria do Cardeal Nicholas Wiseman. A obra surgia como uma forma de resgatar o prestígio da Igreja Católica perdido entre os fiéis. Não é à toa que a publicação tenha sido feita na Inglaterra, local que tinha uma demanda da população protestante, talvez esse fosse o motivo da narrativa ter sido publicada no país.

O romance foi traduzido para outros idiomas, o que demonstra que havia um interesse que a obra circulasse e assim ganhasse espaço entre os leitores. Como podemos confirmar na tabela a seguir:

TABELA 1 – Cidades em que **Fabíola** foi publicado

Local de publicação	Data	Prefácio da primeira edição
Londres	1856	✓
Pest	1856	✓
Lisboa	1863	✓
Porto	1863	✓
Braga	1872	✓
Paris	1881	✓
Bruxelas	1881	Não
Leipzig	1881	Não
Tournai	1882	Não
Roma	1884	✓
Nova Iorque	1885	Não

Fonte: https://archive.org/search.php?query=fabiola

A descrição na tabela comprova que houve uma demanda de tradução e circulação da obra para outros idiomas, logo, supomos que existia um interesse de leitura. Dessa forma, ou havia um público leitor, ou existia um interesse editorial em criar um público desse tipo de Literatura. Destacamos ainda que não foi uma situação isolada a chegada dessa narrativa ao Brasil, o que convém pensar no processo de romanização no mundo, e qual o motivo dessa sobrevida do romance **Fabiola**.

A obra ter sido publicada na Inglaterra em 1854, e já ser publicada em 1861 no periódico **O Regenerador**, demonstra que o Brasil estava ligado aos acontecimentos do mundo, pois para os padrões do século XIX e, sobretudo por ter circulado uma ideia que a população do Brasil não lia nos oitocentos, a aparição do romance não permite a confirmação de tal questão.

TABELA 2 – Títulos de romances religiosos publicados n' **A Estrella do Norte**

Títulos	Data de Publicação	Autoria	Gênero[15]
O Ouro	1863	A	Romance
O Jogador	1863	Sem autoria	Romance
A Convalescença	1863	Sem autoria	Romance
Benedicta	1864	Sem autoria	Romance
A Lâmpada do Santuário	1864	Cardeal Nicholas Wiseman	Romance
Um Ex-voto	1864	Sem autoria	Romance
Fabiola: Ou a Igreja das Catacumbas	1865/1866	Cardeal Nicholas Wiseman	Romance

Fonte. Tabela organizada a partir dos dados recolhidos pela bolsista de Iniciação Científica Jeniffer Yara da Silva

A literatura prescritiva e moralizante teve seu lugar garantido nas páginas d' **A Estrella Norte** é o que nos sugere o conteúdo da tabela que também expõe que o periódico dialogava com o que acontecia no restante do mundo, pois pela lista de romances publicados e também pelo conteúdo de cada um, podemos dizer que em Belém também havia a preocupação com a leitura de obras consideradas moralizantes. A lista de obras também demonstra que a imprensa durante o século XIX foi o local privilegiado para a discussão sobre o gênero romance.

[15] A informação acerca do gênero está pautada no que foi mencionado no índice geral do periódico, todos os romances citados foram publicados fatiados pelo periódico.

De gênero menor, com finalidades moralizantes, o romance viu na imprensa a sua elevação à categoria de obra arte, sendo considerado em determinado momento, o gênero por excelência no que diz respeito à capacidade de exprimir a nacionalidade da Literatura.

Até pelo menos meados do século XIX, a crítica literária nacional que se debruçou sobre o romance atribuiu-lhe um destino popular e uma função instrutiva e moralizadora. Em comparação aos demais gêneros, cuja feitura estava secularmente prescrita e a dignidade garantida pela tradição dos manuais de poética e retórica, o romance nada disso possuía, o que criava necessidade de justificar sua existência, mas apesar disso já ganhava prestígio junto ao público leitor.

A aceitação do gênero pela crítica não aconteceu pelas suas qualidades literárias, mas somente pela finalidade instrutiva e moralizante. Amparados nesse histórico do gênero, a Igreja Católica aproveitava para divulgar o romance **Fabiola**, pois de acordo com material exposto sequencialmente, a narrativa foi publicada em romance-folhetim em inúmeros periódicos no decorrer do século XIX.

TABELA 3 – Jornais que publicaram o romance **Fabiola** em folhetim no Brasil

Periódico	**Período**	**Local**
O Regenerador	1861	Rio de Janeiro
Constitucional	1864	Rio de Janeiro
A Estrella do Norte	1865-1866	Belém
A Esperança	1866	Recife
O Apostolo	1866	Rio de Janeiro
Diário de São Paulo	1870	São Paulo
A pacotilha	1872	Maranhão
Correio Paulistano	1872	São Paulo

Fonte: Hemeroteca digital < http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

De acordo com informações obtidas no *site* da hemeroteca digital, o primeiro periódico a publicar o romance **Fabiola** foi **O Regenerador** do Rio de Janeiro em 1861; não sabemos se a obra foi divulgada em outros periódicos que não foram digitalizados e assim não estão disponíveis no meio virtual. A publicação da obra segue até 1870 no **Diário de São Paulo**, o que demonstra que a circulação da obra teve uma espécie de sobrevida.

Para tratarmos com mais detalhes do romance **Fabiola**, devemos recuar no tempo e expor algumas questões sobre a formação do gênero romance, para entendermos as

motivações da Igreja e do Cardeal Wiseman, tendo em vista que, o romance nem sempre foi uma forma literária dominante, durante muito tempo foi considerado um gênero menor. Os teóricos clássicos condenavam-no por ter sido pouco praticado pelos antigos, pelo não compromisso com a verossimilhança e por não seguir as regras, tão caras aos literatos da época. É o próprio tempo quem desmitifica o romance e eleva-o a um patamar superior. Se, para o século XVII o romance era o espaço de aventuras extraordinárias e da deformação da realidade, o século XVIII se preocupará com a existência de prefácios e posfácios que justifiquem a verdade tanto da história narrada quanto da moralidade implícita; e, por fim, a ausência de regras pré-estabelecidas marca-o como um gênero da liberdade, pois, não submetido a elas, torna-se o espaço perfeito para as inovações, sejam elas formais ou temáticas, como o que já acontece no século XIX.

Outro aspecto positivo do romance diz respeito à sua plasticidade. Da mesma forma que podemos acompanhar a emergência do indivíduo e a sua complexificação psicológica, tornando-nos cúmplices da aventura interior da personagem, em um dado momento o mundo exterior e os conflitos sociais, nacionais e morais da humanidade levam o romancista a se engajar em prol de uma causa; a partir da percepção de todas essas transformações, o autor de **Fabiola** usou a fôrma do romance moderno, para criar sua narrativa religiosa, pois se o romanesco foi testemunha do progresso e das transformações sociais, assim como da experimentação científica dos vários saberes, é neste espaço ficcional que Wiseman pôde também refletir sobre a história do povo cristão.

O romance é um gênero complexo e de longa trajetória, sua definição, ou mesmo sua abrangência é de difícil apreensão. Alguns estudiosos defendem que nasceu com **Dom Quixote**, (1605) na Espanha, transmigrou-se para a França tomando a forma de uma **Princèse de Cléves** (1678), **Robinson Crusoé** (1719), **Moll Flanders** (1722), e corporificou-se em **Pamela** (1740), **Clarissa** (1748) e **Tom Jones** (1749). Sendo assim, são inúmeras as discussões sobre as origens do romance. Usaremos alguns romances do século XVII e XVIII para entender a relação da publicação e a circulação de **Fabiola** com os acontecimentos no mundo e no Brasil no que envolve a consolidação do gênero romance.

O novo gênero ganhou força a partir de 1740, com a publicação de **Pamela**, de Samuel Richardson (1689- 1761), e a fundação da primeira biblioteca circulante na cidade de Londres.[16] Mas a história do romance certamente não começou com o romance de Richardson, sendo, na verdade, fruto de um longo processo de gestação que se iniciou muito

[16] VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **A Formação do Romance Inglês**: ensaios teóricos. 1a. ed. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2007.

antes, pois o "romance" medieval e a novela, já apresentavam em maior ou menor grau, algum traço realista[17], seja por meio de um diálogo vivo, da atenção ao detalhe, ou de uma descrição de cenário num terceiro caso, também ao tratar do homem comum, assim a ficção já havia dado mais um passo em direção ao novo modo literário.

Robinson Crusoé publicado em 1719 é uma das obras que pretendemos comentar, pois é esse romance estava inserido no contexto histórico de sua produção, visto que que a narrativa apresenta forte diálogo com as transformações históricas mais amplas do seu tempo, precisamente as Luzes, o desenvolvimento do capitalismo, a ascensão da burguesia.

Enquanto alguns defendem que **Dom Quixote**[18] (1605) seria o primeiro representante do gênero, outros estudiosos veem às origens do romance moderno em **Robinson Crusoé**[19]. Os partidários da primeira posição defendem a modernidade como "o movimento de uma literatura que perpetuamente em busca de si própria, se interroga, se põe em causa, faz das suas dúvidas e da sua fé a respeito de sua própria mensagem e o tema de suas narrações".

Já os defensores da segunda hipótese, associam a modernidade às tendências da classe burguesa e mercantil saída da Revolução Inglesa, dessa maneira o romance é tido como um gênero burguês.

Em **Pamela** foi dada autenticidade à narrativa, pois houve a preocupação com a verossimilhança, o que está relacionado ao conceito desenvolvido por Ian Watt[20], o realismo formal, em que algo é constituído por um conjunto de procedimentos narrativos: a fidelidade à experiência individual, particular, inserida na realidade contemporânea, a tomada do tempo e do espaço como coordenadas fundamentais que moldam a história.[21]

---

[17] Ibidem, p.12.

[18] Dom Quixote é provavelmente o primeiro romance "moderno", se entendermos por modernidade o movimento de uma literatura que, perpetuamente em busca de si mesma, se interroga, se questiona, fazendo de suas dúvidas e sua fé a respeito da própria mensagem o tema de seus relatos, pois, de fato, Dom Quixote satiriza os romances de cavalaria, narrativas escritas em língua vernácula que se centravam na cavalaria, e assim distanciando-se da realidade. C.f. ROBERT. Marthe. **Romance das origens, origem do romance**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.11.

[19] Já **Robinson Crusoé** pode reivindicar outra espécie de prioridade: é moderno sobretudo na medida em que reflete com clareza as tendências da classe burguesa e mercantil oriunda da Revolução inglesa. Nesse sentido, com efeito, pode-se dizer que o romance é um gênero burguês que, antes de se tornar internacional e universal começou especificamente inglês. Idem, p.11.

[20] C.f.WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

[21] Antes da aparição do romance, havia narrativas que apresentavam protagonistas que eram vistos como heróis mitológicos e não estavam próximos da realidade do leitor. Também não havia menção a espaço definido nas obras que precederam o romance. *Pamela* apresentou uma personagem próxima da realidade dos leitores. Com descrição de sua origem, suas características físicas, descrição do endereço e de dados mais peculiares o que aproximava a personagem do mundo real. C.f. ROBERT. Marthe. **Romance das origens, origem do romance**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

O primeiro romance de Samuel Richardson foi o romance **Pamela**, narrativa escrita em forma de cartas, na qual uma jovem criada escreve aos seus pais. O autor revela um entendimento da complexidade da personalidade humana, e das tensões entre indivíduo e sociedade. Apresenta ainda a novidade da contemporaneidade da época, assim o público feminino logo reconheceu sua própria categoria, as condições morais e o desenlace feliz. A protagonista Pamela casou-se com o aristocrático sedutor, encantando os leitores de toda a Inglaterra.

A burguesia ascende e descobre no romance todos os seus ideais de vida: a virtude recompensada, a moralidade salva e a ascensão social pelo casamento com um nobre. Com **Pamela** e **Clarissa**, ambas de Richardson, a burguesia e o romance iniciam um longo entendimento.

Ian Watt[22] destaca a importância de três autores para a ascensão do romance na Inglaterra, sobre os quais comentaremos a seguir. O primeiro deles é Daniel Defoe (1660-1731), cuja importância acontece pela maneira como sua estrutura narrativa incorporou a luta entre o puritanismo e a tendência à secularização. O isolamento do homem com seus semelhantes, centrado em suas preocupações pessoais foi expressa, literariamente, em **Robinson Crusoé**.

É sintomático que a obra considerada marco inicial do romance moderno na Inglaterra seja uma que destrói as relações da ordem social tradicional, chamando a atenção para a oportunidade e a necessidade de se estabelecer relações pessoais segundo um modelo novo e consciente. Nesse sentido,

> O jovem Robinson, na sua loucura de ir para o mar e de fugir à 'condição mediana' de seu pai, certamente tem algo de 'quixotesco', "heróis cavaleiros errantes do mar", como a inquietação é a mola da iniciativa e do progresso econômico; Robinson se cura de sua "loucura errante" convertendo-se à aventura do trabalho.[23]

Contudo, não se pode perder de vista que uma transformação social tão profunda não foi fruto de um momento de revolta. Muito pelo contrário, foi gestada durante séculos, desde o Renascimento, sendo alimentada pelo absolutismo político, pela ausência de direitos individuais e de oportunidades sociais, responsáveis por insatisfações cada vez mais intensas, tanto das classes populares como da burguesia.

---

[22] WATT, Ian.Op.Cit.p.28.

[23]SITI, Walter. "O romance sob acusação". In: **A Cultura do romance**. Org. MORETTI, Franco. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.180.

> Múltiplas são as novidades percebidas: quantidade de autores envolvidos com essa produção, a abundância e a variedade de leitores, a pouca homogeneidade formal dos escritos. Assim como Grange, muitos intelectuais preocupam-se em conhecer "a causa que produz tal interesse" e em desvendar as regras de funcionamento do gênero. Proliferaram, nos séculos XVIII e XIX, textos teóricos críticos, os quais se dividiam em duas posições extremas: identificar os defeitos estruturais dos romances e condenar os perigos que sua leitura representaria ou exaltar a "nova" forma e glorificar as virtudes que dela adviriam.[24]

Nesse sentido, o "secularismo, o Iluminismo científico, o empirismo, o capitalismo, o materialismo, a consolidação nacional e a ascensão da burguesia, tudo contribuiu para caracterizar o contexto no qual surge o romance"[25]. Entretanto, como a história é um processo, até que o romance moderno se constituísse enquanto gênero consagrado no século XIX, a prosa de ficção já havia percorrido um longo caminho.

> Durante o século XIX proliferaram narrativas ficcionais percebidas pelos contemporâneos como algo novo. Sequer havia um nome estável para essas produções, que eram chamadas de "histórias", "aventuras", "vidas", "contos", "memórias", "novelas", "romances". [26]

Para Catherine Gallagher[27] muitos gêneros anteriores ao século XVIII poderiam ser considerados ficção pelo seu caráter de "irrealidade", embora não se diferenciassem totalmente da fantasia. Já no romance, nada "é tão óbvio e ao mesmo tempo invisível quanto o fato de ser ficção", isso possibilitou aos primeiros romancistas argumentarem em favor do gênero afirmando que suas obras eram histórias verdadeiras.

Segundo Franklin Mattos[28] o "desprestígio do romance nos séculos XVIII e XIX se deve, basicamente, às questões de ordem estética e moral. Sobre a moral, as reservas consistiam na acusação de que o romance era uma ameaça aos costumes, principalmente, pela predominância que dava ao tema do amor. O argumento moral antes foi usado contra o teatro no século XVII, porém o romance, ao contrário do teatro que contava com prestígio da Antiguidade, recebia mais um tipo de restrição, a estética.

---

[24] ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p.267.
[25] GALLAGHER, Catherine. "Ficção". In: **A Cultura do romance**. Org. MORETTI, Franco. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.639.
[26] ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p.265.
[27] GALLAGHER, Catherine. "Ficção". In: **A Cultura do romance**. Org. MORETTI, Franco. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.630.
[28] MATTOS, Franklin. **A cadeia Secreta**: Diderot e o Romance Filosófico. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 78.

Assim, os defensores do gênero se apressavam em responder às objeções, sustentando que o romance descendia, em linha direta, do "poema épico", porém a acusação de constituir-se plebeu não demorou a ser substituída por outra, bem mais grave: a de inverossimilhança"[29]

E para responder a esse argumento, os romancistas se voltavam para o "realismo". Mas, ao se dizerem realistas, foram acusados de imorais, tendo que "homenagear a virtude em prefácios retóricos e desenlaces forçados". Por isso, "o tom moralizante de grande parte dos prefácios e catástrofes dos romances então escritos".[30]

O debate em torno da sobreposição do factual sobre o fictício era apenas um dos questionamentos acerca do romance. A principal questão talvez fosse o caso dele não fazer parte da tradição clássica, pois "a leitura e os escritos legitimados estavam fortemente vinculados a um grupo específico de textos e a um grupo específico de pessoas cultivadas segundo critérios estabelecidos em artes poéticas, retóricas e tratados sobre leitura" [31]

Nesse período, houve quem trabalhasse também com o romance religioso, foi o que aconteceu com a publicação do romance **Fabiola**, que foi publicado em livro na Inglaterra em 1854 e no ano de 1863, foi traduzido para o português por editores da cidade de Lisboa. No Brasil, a obra chegou em anúncios de jornais e no formato de romance folhetim.

Márcia Abreu[32] afirma que a ideia de moralização pela leitura promovida pelos que propõem modelos positivos de virtude, é realizada por meio da narração de vidas de santos e episódios bíblicos, em que a partir da imitação do comportamento dessas pessoas se poderia atingir o ideal cristão. Já os romances, que se diziam preocupados com a moral, mostravam abertamente situações de imoralidade e pecado, com personagens que eram fracas diante do vício. Contudo, embora narrassem do ponto de vista de quem as condena, colocavam os leitores em contato com o pecado, permitindo que eles se imaginassem na mesma situação.

Ao estudarmos às origens do romance, percebemos que ganhou força e conquistou sua posição de forma literária maior a partir principalmente do século XIX. No entanto, como sabemos, nenhum gênero tem sua origem construída do nada e já surge em uma forma finalizada. Assim, ao pesquisarmos a formação do gênero romance, localizamos no século XVIII manifestações literárias com inúmeras características do novo gênero, em obras que

---

[29] Ibidem, 2004, p.18.
[30] Ibidem, 2004, p.22.
[31] ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p.273.
[32] Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p.361.

não tinham o objetivo de obter essa denominação, sobretudo porque o conceito de romance, como concebemos contemporaneamente, não existia[33].

Desde as suas primeiras publicações o romance provocou no leitor uma nova postura perante a vida, o que fez com que o comportamento deste fosse pautado pelas histórias lidas e, consequentemente, idealizadas ou repudiadas pela imaginação. Assim, esse gênero ainda em constituição, ocasionou pareceres diversos acerca dos malefícios e/ou benefícios estimulados por sua leitura. Dessa forma, este capítulo objetiva investigar a formação do romance para alcançar sua consolidação enquanto gênero novo. Não obstante, é preciso sublinhar que atualmente o percurso continua, o romance está sempre em transformação. Focalizaremos ainda o romance moralizante, suas características e especificidades, pois a moralização sempre esteve presente de maneira marcante na literatura do século XVIII e XIX e tem sido extensamente explorada como um meio de aproximar o leitor, envolvendo-o pessoalmente no processo de troca de informação.

> A ascensão do romance na Inglaterra do século XVIII marcou também a inauguração de um longo e intenso processo de discussão sobre o novo gênero. Inicialmente restrita aos prefácios, local que os escritores como Defoe, Richardson e Fielding refletiam sobre seus objetivos e sobre os problemas técnicos que enfrentavam, a atividade reflexiva que acompanha o período de formação do romance se expandiu de maneira surpreendente, invadindo periódicos e revistas literárias e ganhando espaço na correspondência de leitores. [34]

O romance tornou-se a principal forma de diversão e informação dos ingleses na Inglaterra do século XVIII. Esse período marcou o começo de uma longa e intensa discussão sobre o novo gênero, que surgiu cercado de questões as quais colocavam em risco sua consagração e enobrecimento. Os autores ingleses que mais se destacaram foram Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding. Foram nos prefácios que esses escritores refletiram sobre os objetivos e os problemas técnicos que eles enfrentaram naquela época.

---

[33] O Romance [romanesco] é uma fábula heroica, que trata de pessoas e coisas fabulosas. – O Romance [moderno] é uma pintura dos costumes e da vida real do tempo em que foi escrito. O Romance[romanesco] descreve, em linguagem sublime e elevada, aquilo que nunca aconteceu nem poderia ter acontecido. – O Romance [moderno] faz uma narração familiar das coisas que acontecem todos os dias diante de nossos olhos, da forma como poderiam acontecer a um amigo nosso ou conosco mesmo; e sua perfeição está em representar cada cena de uma maneira tão fácil e natural, fazendo com que ela pareça tão provável, a ponto de nos enganar e persuadir (ao menos enquanto estamos lendo) de que tudo é real, até que sejamos afetados pelas alegrias e tristezas das pessoas da história, como se elas fossem nossas próprias. REEVE, Clara. **The Progress of Romance** 1785, p.111. **apud** ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p.292.

[34] VASCONCELOS, Sandra. **A Formação do Romance Inglês**: ensaios teóricos. São Paulo: HUCITEC. 2007, p.64.

Essa atividade reflexiva relacionada ao período que acompanha a formação do gênero romance, se diversificou, foi expandida e assim invadiu as páginas de periódicos, revistas literárias e a cada dia conquistou mais leitores. O tema principal do novo gênero era a vida doméstica do ser humano, com o qual ganhou popularidade, a partir de 1740, na Inglaterra, com a publicação de **Pamela**, de Samuel Richardson.

No século XVIII, as narrativas ficcionais ambientadas no presente eram frequentemente chamadas de 'histories', em língua inglesa. Elas assemelhavam-se a uma crônica de experiências cotidianas, conflitos e opiniões de homens e mulheres comuns e poderiam ter também outros nomes, como 'romances', 'adventures', 'lives', 'tales', 'memoirs', 'expeditions', 'fortunes and misfortunes'. O termo 'novels', traduzido para nós como 'romance', foi a nomenclatura que se tornou hegemônica nos anos 1790. Os homens do Setecentos inovaram na consciência de reconhecer-se enquanto descendente de épocas anteriores e ao começarem a questionar o significado do presente. Segundo Sandra Vasconcelos, "o homem passou a ter consciência de sua historicidade".[35]

Ainda sobre a discussão acerca das denominações do novo gênero, naquela época, algumas pessoas chamavam-no **romance**, e seu significado variava muito, pois era um momento que alguns críticos o definiam como um livro que conta a história de um indivíduo, sua situação social e moral e seus problemas, outros como uma história de amor, separação e triunfo. Já *novel*, era o retrato real da vida e dos modos da época em que foi escrito. Isso gerou uma nova terminologia, *romance novel*, que, apesar das dificuldades para defini-la, muitos críticos do final do séc. XVIII usavam para designar livros que apresentavam histórias de amor de finais felizes.[36]

Com suas histórias de heróis e heroínas em dificuldades, pais ou filhos desaparecidos e reencontrados, feitos fantásticos e vilões temíveis, o romance romanesco teve posteriormente uma grande influência na formação do gosto do público inglês, impulsionando aquele que viria a se tornar um dos mais importantes gêneros ingleses a partir do século XVIII e que influenciaria decisivamente a formação do público leitor na Inglaterra.

[35] VASCONCELOS, Sandra Guardini. **Op.Cit**. p.58.
[36] Ibidem, p.183.

1.1. Romance: Ignóbil e Licencioso – Emma Bovary uma desafortunada heroína

Emma Bovary morreu de tanto ler romances[37], a jovem Emma alimentada com romances, evoca as heroínas dos livros que lera, identifica-se com elas numa cumplicidade de sentimentos, ocorrência que certamente deveu-se ao seu gosto por situações enternecedoras e romanescas, situação que fez um filósofo brasileiro concluir: "Madame Bovary morreu de tanto ler romances".

A suposta imoralidade do romance escandalizou os homens letrados franceses daquela época, que associaram a imparcialidade do narrador flaubertiano a uma ausência de posição moral por parte do autor. **Madame Bovary** desviava-se dos parâmetros então vigentes para o romance, afastava-se dos moldes tradicionais da narrativa de até meados do Oitocentos, familiares a leitores e críticos. Parece óbvio não ter sido imediatamente aceito no universo letrado parisiense. Todavia, não passou, de forma alguma, despercebido; causou impacto na crítica de seu tempo.

Publicado de 1 de outubro a 15 de dezembro de 1856 na *Revue* de Paris, o romance, que já havia sofrido cortes impostos pela própria direção da revista, foi alvo de um processo movido pelo Ministério Público francês, por ofensa à moral pública, aos bons costumes e à religião. Gustave Flaubert compareceu ao Tribunal Correcional juntamente com o diretor e o impressor da *Revue* de Paris, processados com ele. Para o promotor Ernest Pinard o texto era perigoso, sobretudo se lido pelas mulheres.

De acordo com Ernest Pinard, o advogado imperial no processo do Ministério Público contra Flaubert, a ofensa à moral pública está retratada nas imagens 'lascivas' contidas no romance; à religiosa, nas imagens voluptuosas misturadas às coisas sagradas. Para ele, **Madame Bovary** é a glorificação do adultério, sua poesia, sua voluptuosidade. A grande preocupação do advogado de acusação recai nos possíveis leitores do romance: "Quem lê o romance do Sr. Flaubert? Os homens que se ocupam de economia política ou social? Não! As páginas licenciosas de **Madame Bovary** caem nas mãos das jovens, por vezes das mulheres casadas. E quando a imaginação é seduzida, não há força de luta contra a sedução dos sentidos e do sentimento"[38].

Assim, em 1857, a jovem Emma foi apresentada ao público leitor francês como uma leitora voraz, sobretudo de estórias de amor, de romances sentimentais que a permitissem

---

[37] Cf. RIBEIRO, Renato Janine. **Madame Bovary morreu de tanto ler romances**. In: Folha de São Paulo, 02/05/1993.

[38] PINARD, Ernest. Discurso de acusação no processo contra o escritor Gustave Flaubert. In: FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. Paris: Garnier-Flammarion, 1966. p. 386.

imaginar um mundo mais emocionante, para escapar ao tédio e assim desenvolver sua sensibilidade. Em relação a um dos momentos mais interessantes da narrativa, destacamos o momento que a sogra de Emma chega à casa do filho e solicita que todas as assinaturas da jovem leitora sejam canceladas.

> – Sabes o que a tua mulher precisava? - prosseguia a velha Bovary. - Eram ocupações obrigatórias, trabalho manual! Se, como tantas outras, ela se visse obrigada a ganhar o pão, não teria esses flatos que são o resultado de um monte de ideias que tem metidas na cabeça e da mandriice em que vive.
> – No entanto, ela faz alguma coisa - dizia Charles.
> –Ah! Faz alguma coisa! E o que é que faz? Lê romances, maus livros que até são contra a religião, em que se faz troça dos padres com citações tiradas de Voltaire. Mas tudo isso leva longe de mais, meu pobre filho, e qualquer pessoa que não tenha religião acaba sempre mal.
> Resolveu-se, portanto, impedir que Emma lesse romance. A empresa não parecia nada fácil. Encarregou-se disso a boa senhora: quando passasse em Ruão, iria pessoalmente falar com o alugador dos livros e dizer-lhe que Emma suspendia a sua assinatura. Não haveria o direito de avisar a polícia se o livreiro, mesmo assim, persistisse na sua atividade de envenenador?[39]

Percebemos que no diálogo de Charles e de sua mãe havia uma preocupação no que envolve a leitura de romances, a obra apresenta uma personagem leitora, ávida em ler narrativas que não eram prescritas, e assim, não consideradas moralizantes. Diante disso, seria mais proveitoso que os romances apresentassem a discussão de questões de ordem moral relativas à condição da mulher na sociedade, mas o que está presente na obra é a história de uma personagem que é descrita como alguém que adoece de tanto ler romances.

Na obra, são nutridos anseios por uma vida romanesca aprendida nos livros, acabando por se deparar com a imensa distância entre os sonhos e a realidade. O que nos permite pensar também na advertência para as mulheres quanto ao perigo de leituras românticas, pois tais livros impregnam a mente de ideais inatingíveis, levando as jovens a buscarem a felicidade apenas na realização amorosa. A ideia de romantismo levada para o casamento pode acarretar grandes desilusões, de acordo com ela, pois a convivência diária desfaz a auréola de beleza inicial.

Emma Bovary emergiu da ficção, tanto para a realidade do escritor quanto para a realidade do leitor, provocando curiosidade, escândalo e discussões acerca da conduta feminina na sociedade pequeno-burguesa da França, do casamento e da liberdade de criação, sem observar às convenções da sociedade da época. O julgamento do autor trouxe à personagem notoriedade e permanência no mundo literário ocidental. O tempo, as mudanças

[39]FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Martin Claret. 2003, p.222.

sociais e literárias em vez de varrê-la para a obscuridade, fazem-na renascer a cada nova crítica, a cada nova leitura.

Para além da insatisfação feminina com a condição de esposa e de mãe, Emma Bovary encarna a insatisfação humana e a busca do ser pela harmonia consigo e com o mundo. Ademais, Flaubert tece crítica mordaz a essa mesma sociedade, à hipocrisia burguesa, submersa em vaidades diversas, mediocridade existencial e falsa moralidade.

Em se referindo às criações ficcionais e às relações estabelecidas entre leitores e personagens, Umberto Eco diz que estas 'migram', passando a fazer parte de nossa memória coletiva. Tais personagens, acrescenta, vivem e determinam nossos comportamentos, de forma que as elegemos como modelos de vida, nossa e de outros, e "nos compreendemos muito bem quando dizemos que alguém tem complexo de Édipo, um comportamento quixotesco, os ciúmes de Otelo, uma dúvida hamletiana ou é um irremediável Don Juan". Isto não ocorre somente em relação a personagens, mas de igual modo no que concerne a situações e a objetos do mundo ficcional, completa Eco.[40]

Personagens similares, que tocam o âmago do leitor, surgem na imaginação, mescladas às vezes à experiência pessoal do escritor, inspiradas, não raro, em ocorrências e pessoas da vida real. Tais criaturas, imaginadas e trazidas ao conhecimento público, estendem seu domínio sobre homens e mulheres; permanecem vivas a despertar paixões e desejos confessados em declarações semelhantes às de Vargas Llosa: "Madame Bovary revolveu camadas profundas do meu ser."[41].

Ideia semelhante expõem Rene Wellek e Austin Warren ao afirmarem que as pessoas podem moldar suas vidas nos modelos de heróis e de heroínas da ficção: "Há quem mate ou quem se suicide influenciado pela leitura de um livro, seja ele **Os desgostos de Werther**[42], de Goethe ou **Os mosqueteiros**, de Alexandre Dumas". Contudo, acrescentam que, somente os leitores inexperientes[43] tomam a literatura mais por uma transcrição da vida do que por uma interpretação dela.

A Literatura, em particular o romance, exerce inegável poder de convidar à reflexão, à discussão, à compreensão da psicologia humana e, muitas vezes, à ação. Há muito tempo,

---

[40] ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 17.
[41] VARGAS LLOSA, M. **A orgia perpétua**: Flaubert e 'Madame Bovary'. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. p. 15
[42] WELLEK, R. & A. WARREN. **Teoria da literatura**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971. p. 128.
[43] A história de Werther comoveu uma geração, levando muitos a imitarem a personagem não apenas na maneira de vestir-se como em seu trágico destino. Muitos suicidas foram encontrados portando no bolso um exemplar do livro; retratos de Carlota e Werther apareceram em leques, em cintos e em outros objetos. MORAES, C. D. **Aspectos psicológicos do romantismo**. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro, 1957. p. 10.

assevera Jonathan Culler, atribui-se aos romances o despertar, nas pessoas, da insatisfação com suas vidas e da ansiedade por algo novo, "quer seja a vida nas grandes cidades ou uma aventura amorosa ou a revolução. Promovendo identificação através das divisões de classes, gênero, raça, nação e idade, os livros podem produzir um senso agudo de injustiça o que torna possível as lutas progressistas"[44].

> A educação da mulher deve ser sempre relativa ao homem. Agradarnos, serem úteis para nós, fazer-nos amá-las e estimá-las, educar-nos quando jovens e cuidar de nós quando crescemos, aconselhar-nos, consolar-nos, tornar nossas vidas fáceis e agradáveis, esses são os deveres da mulher em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância.[45]

O texto literário representa o real de modo a dar-lhe visibilidade, forma, produzindo um objeto possível de ser apreendido e analisado, em meio aos acontecimentos e às experiências dispersos ao nosso redor, e que nem sempre conseguimos assimilar em todo seu significado e em toda sua beleza. Ao mesmo tempo, conduz a um despertar de nossa consciência crítica. Os grandes autores propiciam ao leitor imergir não apenas nas paixões humanas, incitando-o a detectar e a avaliar suas próprias paixões; também apontam, por vezes, novos caminhos e novas atitudes perante a vida e a sociedade:

> Quanto mais o romance burguês ocidental amadurece e toma conta de si, entre os séculos XVII e XIX, mais o mal se expande. À clara exposição entre herói e vilão, versão louca da luta entre Deus e Satanás, sucede uma ramificação mais profunda: cada personagem traz em si, motivos inconfessáveis e nenhuma é verdadeiramente boa. A verdade assume a forma do desmascaramento, à indignação moral contra o bandido sucede um sentido difuso de amargura e de desgosto[46].

Cabe mencionar que ideias, relativas, sobretudo ao papel social da mulher e à instituição do casamento, foram disseminadas em diferentes tipos de publicação, ao passo que os romances moralizantes se esforçavam para ensinar à mulher como se comportar e se tornar boa mãe, mas ao lado dos esforços moralistas, o romance surgiu também como expressão de espírito democrático, o que em muitas situações divulgava informações que não confirmavam o discurso moralizante, era como se o romance advogasse em duas frentes: tinha cunho moralizador e também teor não moralizante, pois serviu para exprimir uma certa visão da

---

[44] CULLER, Jonathan. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Beca, 1999, p. 45.
[45] ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio** ou **Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.18
[46] SITI, Walter. "O romance sob acusação". In: **A Cultura do romance**. Org. MORETTI, Franco. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.185.

sociedade, e ajudou a contribuir com novos valores sociais e lentamente conquistou seu lugar na sociedade, pois de acordo com Sandra Vasconcelos:

> O disfarce foi perdendo força à medida que adentramos o século XIX. Entretanto, ainda nessa época, não era incomum deparar-se com as suspeitas e o medo com que os romances e a leitura deles eram encarados, pelos riscos que os guardiões da moralidade e do *establishment* literário pressentiam num tipo de atividade que escapava ao controle e estimulava a imaginação. As objeções eram, na maior parte das vezes, de caráter religioso e moral. [47]

Durante o século XVIII, escritores, periodistas, jornalistas entre outros se ocuparam em defender, explicar, atacar ou justificar o gênero romance, e desse modo, travava-se de um embate de concepções divergentes sobre o que era um romance ou a que intenções deveria servir; Ian Watt afirma que "ainda não há respostas inteiramente satisfatórias para muitas das perguntas genéricas que qualquer pessoa interessada nos romancistas de inícios do século XVIII poderia formular."[48] Entre alguns questionamentos, Watt menciona os seguintes: "O romance é uma forma literária nova? Em que o romance difere da prosa de ficção do passado? Há algum motivo para essas diferenças surgirem em determinada época e em determinado local?" Desse modo, não obstante sua emergência não pode ser relacionada a mera coincidência, assim o surgimento de uma nova forma implica em condições temporais e especiais que a favoreçam. De tal postulação, podemos fazer os seguintes questionamentos: "por que o romance surge no século XVIII? E também, por que a Inglaterra e a França se tornam o centro de desenvolvimento, consolidação e disseminação para outros lugares?

O romance europeu em particular, cuja glória coincide com a expansão do capitalismo, propõe desde Miguel de Cervantes, uma aprendizagem do indivíduo burguês. A fortuna crítica do romance deve-se evidentemente aos privilégios exorbitantes que a literatura e a realidade lhe concederam ambas com a mesma generosidade. Defoe e Richardson foram os primeiros ingleses que não extraíram seus enredos da mitologia, da História, da lenda ou, de outras fontes literárias do passado. Assim, o romance aboliu as antigas castas literárias, as dos gêneros clássicos.

> Embora comumente visto como herdeiro das grandes formas épicas do passado, o romance, no sentido em que o entendemos hoje, é um gênero relativamente recente, mantendo laços apenas muito frouxos com a tradição

[47] VASCONCELOS, Sandra. **A Formação do Romance Inglês**: ensaios teóricos. São Paulo: HUCITEC. 2007, p.204.
[48] WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.11.

> de que o originou. Para alguns nascido com as peripécias de Dom Quixote, para outros, com o naufrágio e a ilha deserta de Robinson Crusoe, o romance moderno, a despeito das nobres origens a ele atribuídas pelo historiador e que ele próprio reivindica[49]

Era, assim, natural que o sucesso do novo gênero produzisse uma discussão bastante difundida a respeito dos efeitos perniciosos que a leitura de romances tinha nos corações e mentes dos jovens de ambos os sexos, mais notadamente nas mulheres. Enquanto só podemos conjecturar a respeito do tipo de efeito que esses modelos tiveram nas leitoras, não é difícil presumir que os romances podem ter funcionado como instrumento poderoso de controle e dominação das mulheres, contribuindo para moldar e configurar padrões de comportamentos considerados adequados, afinal de contas as mulheres eram o público alvo. Desse modo, Sandra Vasconcelos entende que:

> O movimento de livros e a circulação de ideias foram uma característica notável do século XVIII e poucos ramos da atividade humana são prova tão eloquente disso quanto a literatura, particularmente o romance, cujo extraordinário desenvolvimento o confirmam os intercâmbios, traduções, imitações, influências e ecos em diferentes países da Europa. Século do triunfo do romance, este será um tempo de entrecruzamentos, apropriações e empréstimos. [50]

O que chama a atenção, é a vasta profusão de obras que se criam em torno de um núcleo comum: a representação da leitura como atividade propensa a confundir imaginação e realidade, conjugada a uma crítica embutida a determinados gêneros de ficção, e o lastro social, econômico e político que se revela por meio da atividade literária.

1.2. Realidade e Ficção: o romance renega a si mesmo

Independentemente de Defoe ter sido ou não o primeiro novelista, ele foi o primeiro a ganhar dinheiro nesse mercado. Sem perceber, talvez, que as pessoas aceitariam narrativas ficcionais, ele simulou que **Robinson Crusoé** (1719), **Moll Flanders** (1722) e **Roxana** (1724) eram narrativas verídicas, uma vez que:

---

[49] ROBERT. Marthe. **Romance das origens, origem do romance**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.11.
[50] Sandra, VASCONCELOS. **A Formação do Romance Inglês**: ensaios teóricos. São Paulo: HUCITEC. 2007, p. 76.

> Pareciam tênues os limites entre veracidade e verossimilhança: o leitor seria levado a mergulhar num mundo parecido com o seu, mas que se rege por regras próprias, tão bem articuladas que o contraponto com o verdadeiro perderia sentido. Não é à toa, portanto, que alguns leitores pareciam não conseguir distinguir realidade e ficção. Segundo Diderot, uma amiga sua, senhora "de um gosto e de uma sensibilidade pouco comuns", preocupou-se tanto com a história de Grandison, que ela acabara de ler, que pediu a um conhecido em viagem a Londres: "eu vos peço que procure, de minha parte, por miss Émile, M Belford e sobretudo por miss Howe, se ela ainda estiver viva".[51]

A única marca confiável da ficção narrativa era igualmente a pura e simples ausência de credibilidade, enquanto a verossimilhança está relacionada a uma profissão de veracidade. Se não continha animais falantes, tapetes voadores ou personagens humanas muito diferentes do normal, as narrações pareciam referenciais e, portanto, incorriam com facilidade na acusação de fraude ou difamação; e habitualmente eram consideradas culpadas. No século XVII e no começo do século XVIII, as narrações críveis em prosa, inclusive aquelas que atualmente definimos como ficção, eram lidas ou como relatos reais ou como reflexões alegóricas sobre pessoas ou eventos da contemporaneidade. Quando, por exemplo, em 1719, Daniel Defoe publicou **Robinson Crusoé**, sem dúvida pretendia enganar o público, e teve pleno êxito. Um ano depois, no prefácio à continuação do romance, Defoe quando solicitado a admitir a mentira, insistiu ainda sobre a exatidão histórica daquilo que tinha narrado.[52]

> A História seria prejudicada pelos romances, pois eles criariam falsas narrativas sobre o passado, sobre as origens dos povos, sobre o comportamento de imperadores e reis. A mesma falta de preocupação com a verdade interferiria com a geografia, pois os romances retratariam lugares e povos fantasiosos ou acontecimentos imaginários localizados em lugares reais, criando um embaralhamento de valores que levaria a suspeitar da geografia e a acreditar em romances de viagem.[53]

Essa proposta de apresentar o romance como real, era o que emitia uma espécie de fundamentação à ficção, assim era permitido que a ficção fosse vista como capaz de dar forma ao conhecimento por meio da encenação de pormenores fictícios.

Por que isso ocorreu na Inglaterra no começo de setecentos? O secularismo, o Iluminismo científico, o empirismo, capitalismo, o materialismo, a consolidação nacional e a

---

[51] ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p.298.
[52] GALLAGHER, Catherine. Ficção. In. MORETTI, Franco. **A Cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann – São Paulo: Cosac Naify, 2009.p, 632.
[53] ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p.273.

ascensão da burguesia, tudo contribuiu para caracterizar o contexto no qual surge o *novel* e tudo estava relacionado com o que Watt[54] definiu como "realismo formal". Na Inglaterra, diz-se, surgiu antes do que nas outras nações uma classe de leitores burgueses, e a burguesia desejava ler a si mesma, defrontar o próprio mundo descrito de modo minucioso e circunstanciado, bem como imaginar a existência de outras pessoas em partes remotas da nação.[55]

Para os leitores e escritores do século XVIII, o realismo literário constituía um ideal de representação fiel do mundo sensível. Assim, entendemos que havia uma vontade de aproximar a forma do romance ao mundo real, tal qual ele é, implica um "caráter universal e vitalmente enciclopédico da intenção, que nenhuma parte da vida deve faltar". A tônica, então, desses escritos, cujo desenvolvimento desliza entre a ficção e a não ficção, consiste no uso da narrativa ficcional como força de argumentação, dentro do propósito crítico do autor de discutir um assunto.

Richardson inseria-se nessa tradição. Antes dele, Daniel Defoe apresentou seu romance **Moll Flanders** não como uma obra de invenção, mas como uma 'história verdadeira', de uma leviana, que contava as ocorrências de sua vida, com suas próprias palavras. Anteriormente a esta obra, **Robinson Crusoé** também se manteve preso ao estilo documental. Contudo, na opinião da crítica, apenas os recursos estéticos de Richardson elevaram o romance ao universo da arte.

> A necessidade de controle da leitura, no entanto, longe de ser uma preocupação que se restringia apenas a alguns, configurou-se como uma inquietação que se estendeu aos mais diferentes setores da sociedade inglesa, e que podemos testemunhar nos prefácios, na correspondência, nos ensaios e nos periódicos da época. O temor generalizado de interpretações equivocadas podia assumir as mais diversas formas, indo desde a inclusão de comentários autorais dirigidos ao "caro leitor" com a clara finalidade de orientar sua leitura até as cartas trocadas entre romancistas e seu restrito círculo de amigos e conhecidos, como foi o caso de Samuel Richardson, cujo o grande esforço de desfazer ambiguidades e promover uma leitura de suas personagens como modelos irrepreensíveis de conduta fica patente na incansável argumentação que se depreende de sua correspondência[56]

---

[54] C.f.WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

[55] ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. *Apud*. Ficção. In. MORETTI, Franco. **A Cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann – São Paulo: Cosac Naify, 2009.p, 639.

[56] VASCONCELOS, Sandra Guardini. Romances e leitura na Inglaterra setecentista. In: Roger Chartier: **A força das representações**: História e Ficção. ROCHA, João Cezár de Castro. Org. Argos. Santa Catarina. 2011, p.64.

Ao longo do século XVIII, houve uma importante diferenciação entre narrativas factuais, que levaram ao jornalismo e à história, e narrativas ficcionais, que originaram os romances. Richardson, Defoe e Fielding, estiveram envolvidos no movimento de formação do gênero romance. De acordo com o estilo individual de cada um, esses romancistas exploraram as fronteiras entre o real e o ficcional, criando uma escrita ao mesmo tempo inventiva e referencial. Os romancistas se esforçaram para diferenciar suas novas criações do gênero romanesco anterior. Para tanto, utilizaram o compromisso com a verossimilhança das ações e dos acontecimentos, que deveriam ser comuns e naturais.[57]

Independentemente da nomenclatura, o sucesso do novo gênero fez-se sentir, mas toda novidade é recebida com certa resistência. "Popularidade não significa, porém, aceitação", e isso reflete a mentalidade e os valores da época. É justamente no século XVIII que, segundo Roger Chartier, o leitor acaba tendo certa liberdade. Antes, a leitura estava restrita fisicamente: lia-se sentado e imóvel em gabinetes e bibliotecas. Na época estudada, no entanto, viam-se leitores nas ruas, nos bosques, no próprio quarto[58]. Essa liberdade incomodava. Os leitores agora liam sem seguir instruções, escolhiam livremente seus livros e os liam em qualquer lugar. A leitura tornava-se uma atividade privada. Assim, um controle maior fazia-se necessário.

Preocupados com a venda cada vez maior de romances e sua popularização, pessoas ilustres viam-se na importante tarefa de alertar seus concidadãos para os perigos da leitura de livros frívolos (caso do romance). Samuel-Auguste Tissot (1775), médico suíço, procurou prevenir as pessoas de sua época quanto ao malefício da leitura:

> Os inconvenientes dos livros frívolos são de fazer perder tempo e fatigar a vista; mas aqueles que, pela força e ligação das ideias, elevam a alma para fora dela mesma, e a forçam a meditar, usam o espírito e esgotam o corpo; e quanto mais este prazer for vivo e prolongado, mais as consequências serão funestas. [...] O cérebro que é, se me permitem a comparação, o teatro da guerra, os nervos que dele retiram sua origem, e o estômago em que há muitos nervos bastante sensíveis, são as partes que mais sofrem ordinariamente com o trabalho excessivo do espírito; mas não há quase nenhuma que não se ressinta se a causa continua a agir durante muito tempo[59].

---

[57] VASCONCELOS, Sandra. **A Formação do Romance Inglês**: ensaios teóricos. São Paulo: HUCITEC. 2007, p.23.

[58] Cf. Chartier, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

[59] TISSOT. Samuel-Auguste. A saúde dos homens de letras, 1775. **Apud**: ABREU, Márcia de Azevedo. **Os caminhos dos livros**.
Campinas: Mercado de Letras, ABL, 2003, p. 268.

A data dos escritos do médico suíço foi o século XVIII, mas a preocupação sobre os males da leitura, estendeu-se pelo decorrer do século XIX, uma vez que, tal prática era tida, portanto, como uma atividade perigosa. Porém, desde que pouca, a leitura das belas letras ou a de obras religiosas era válida, já que formava o estilo do leitor, ampliava seus conhecimentos e o instruía moralmente.

Com a leitura de romances, esse aproveitamento moral, segundo seus detratores, não era possível. Mais ainda, temiam que a moral fosse corrompida pela leitura de livros que "divulgavam ideias falsas, fazendo-as parecer verdadeiras, estimulavam demasiadamente a imaginação, combatiam o pudor e a honestidade"[60].

Os romancistas procuravam defender-se afirmando que também estavam preocupados com a moral. Para ensiná-la, era preciso mostrar que as pessoas também pecam, também erram; seus livros ofereciam uma espécie de aprendizado pelo exemplo que só se poderia dar pelos romances. Curiosamente, as pessoas acreditavam ser impossível tirar aproveitamento moral de narrativas ficcionais. Às obras não bastava ser apenas verossímeis, e os autores precisavam convencer seus leitores disso.

Para atingir tal intento, Defoe escolheu o romance memorialístico (como a personagem narra a sua vida, esta deve ser "verdadeira"; além disso, ela torna-se automaticamente responsável por tudo o que foi narrado, isentando o autor/editor de qualquer responsabilidade), como é o caso de **Moll Flanders** e **Roxana**. No prefácio desta, ele explicita sua finalidade.

> A história desta bela criatura fala por si mesma. Se não é tão bela quanto a dama da qual retrata a vida, se o leitor acha menos divertida do que poderia desejar ou muito mais do que devia razoavelmente esperar, o redator confessa que deve ser culpa sua, que ele talvez não tenha sabido imprimir o tom que a própria dama lhe teria dado. Ele se permite acrescentar que este livro se distingue da maior parte das obras do mesmo gênero pelo fato de que o fundo está estabelecido sobre dados verdadeiros: esta narração não é uma ficção, mas uma história real[61].

Durante a fase inicial, o romance foi associado, como vimos, a uma leitura frívola e como entretenimento de pessoas desocupadas. Nesse sentido, algumas obras aparecem com a função de diversão, e, no prefácio, o autor orienta a leitura e ainda destaca que a narrativa tem sua base em fatos reais. Nesse momento em que o gênero ainda não estava estabelecido, cabia

---

[60] ABREU, Márcia. "Prefácio: percursos da leitura". In: **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, ABL, 2002.
[61] Defoe, Daniel. **Os segredos de Lady Roxana**. Ediouro, s.d., p. 9

aos escritores defendê-lo e tentar enobrecê-lo. O espaço dos prefácios funcionava como um diálogo que o escritor estabelecia com a crítica e com o público, a fim de definir o novo gênero literário. As questões levantadas nos prefácios que pretendiam definir e enobrecer o gênero merecem atenção, pois elas apontavam o caminho pelo qual foi constituído o gênero em questão. As estratégias de associar o romance a esta ou àquela ocorrência eram as armas de que os escritores dispunham para conquistar seus espaços.

Desde quando o romance se tornou o gênero mais bem aceito, como também o mais lido no mundo ocidental, os romancistas passaram a se utilizar de inúmeros estratagemas e artimanhas para afiançar a confiança dos leitores e para assim também garantir elogios. Entre essas estratégias havia uma que causava muitos debates entre detratores e defensores do romance: a atribuição de veracidade ao enredo.

Atribuir veracidade ao enredo foi uma prática comum no século XVIII e XIX. O cardeal Wiseman adotou essa engenhosa técnica para compor o prefácio de **Fabiola**. Na questão de mencionar que a obra é real, o autor da narrativa religiosa dialoga com a construção de outros romances, como por exemplo, a obra **Moll Flanders**, que em nota prefacial é apresentada como as memórias da personagem principal.

> Exemplo bastante evidente é **Moll Flanders**, de Daniel Defoe: a história de uma ladra, prostituta, adúltera e incestuosa. Os defensores do romance diriam que a narrativa é apresentada no interior de uma pregação moral bastante rígida, em que a personagem relata seus erros para explicitamente mostrar ao leitor que aquele não é um caminho a ser seguido. Já os moralistas redarguiram que a vitória final da personagem, que consegue um casamento estável e uma posição financeira confortável, apesar da quantidade de "erros" cometidos, desequilibra essa pregação moral, pois os leitores, além de tomarem contato com fatos tão pouco edificantes, perceberiam que ela foi de alguma forma premiada.[62]

Sem preocupação com questões formais que pudessem precisar diferenças internas aos gêneros, o que definia essa produção era seu caráter fictício, ou seja, "fingido, fabuloso", definição não isenta de um toque pejorativo, pelo recurso a termos relativos à mentira e ao fingimento, atitudes vistas com maus olhos em terras católicas e familiarizadas com a inquisição.[63]

---

[62] ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.p,279.
[63] Ibidem, p.266.

1.3. Moralizante e insuspeito

O tom moralizante da história se apresenta a partir de diferentes recursos estéticos, por exemplo, pela própria sequência dos acontecimentos nos quais as virtudes são premiadas e os pecados punidos, de modo a construir um final edificante subjacente aos castigos, dados às personagens levadas pelo vício, e a recompensa, dada aos virtuosos ou aos que se regeneraram. O tom moralizante pode aparecer também na fala das personagens, quando estas expressam suas opiniões e concepções de mundo, ou ainda na fala do narrador, quando este "discursa" sobre algum determinado assunto.

Assim, o autor de **Fabiola** empenhou-se em imprimir um tom edificante ao seu escrito, na medida em que o caráter moralizante perpassa vários elementos ao longo da obra. Os discursos moralizantes colaboraram para enfatizar o sentido dos acontecimentos para as personagens. A questão moral também é característica do folhetim, nele o tom moralizante acontece pelas próprias ações das personagens e suas consequências, e não em digressões diluídas pela narrativa.

A discussão de questões de ordem moral relativas à condição da mulher na sociedade da época também está presente na obra, ela aparece diluída em passagens que envolvem Fabiola, com seu comportamento rebelde e na luta do "bem contra o mal", metaforizado, inclusive, na dualidade universo pagão e universo cristão, constituindo outro traço moralizante da estrutura narrativa do romance.

Para conferir um tom edificante à narrativa, o autor também incluiu a temática da religiosidade, elemento que percorreu todo o enredo, não só para ilustrar as crenças populares, como para ressaltar a virtude dos protagonistas e a vilania dos antagonistas.

Para justificar o feito de Fabiola não ter sido punida pelos "crimes" dos quais participara, não comprometesse a moralidade do romance, o narrador enfatizou a sinceridade de seu arrependimento, cuja redenção se converte na transformação em santa. Diante das considerações mencionadas, cabe a reflexão: o que faz a obra **Fabiola** ser análoga com outros romances que circularam no século XVIII e XIX? Alguns dos romances eram de teor moralizante e assim dialogavam com a produção do Cardeal Wiseman e outras narrativas ganhavam o epíteto de imorais, como podemos constatar em **Madame Bovary**. O que acontece com o gênero romance que faz epítetos antagônicos e correlatos andarem juntamente quando o assunto é se tais categorias narrativas são "corruptoras" e "moralizantes".

> Corrupto" e "moralista" são dois epítetos opostos e correlatos, a depender de como são vistos. "O romancista é um moralista", escreve em 1786 Restif de la Bretonne, os romancistas são uns "moralistas experimentadores", replica Zola, pois alguém descobriu que era uma obra moral, ironiza Hardy no prefácio a Judas, obscuro; durante o processo contra O amante de Lady Chatterley, um eclesiástico declara convencido de que o livro é um "pequeno tratado moral, além de um romance[64].

A carência de tradição e de filiação, duas instâncias socialmente legitimadas, era umas das causas dos preconceitos que sofria o gênero romance no século XVII, considerado subalterno aos gêneros nobres escritos em verso, como a epopeia e a história. Assim como não constava na Poética de Aristóteles, para muitos acadêmicos contrários ao romance, esse gênero não evocava reflexão estética.

Diante disso, começou um debate acirrado entre o grupo dos favoráveis e contrários ao gênero. Aqueles que pretendiam demonstrar o valor do romance argumentavam a partir de três vertentes: tentavam provar que o romance tinha origens que remontavam a Antiguidade; procuravam demonstrar que ele seguia normas e regras próprias, ou seja, procuravam esboçar uma teoria do romance, e esforçavam-se para evidenciar que o romance seria um meio privilegiado para a propagação da moral.

Talvez essa última tarefa fosse a mais importante, uma vez que o gênero era frequentemente acusado de ofender a moral cristã. Pois, conforme era considerado diversas vezes como leitura perigosa para jovens leitores e leitoras, a questão moral tornou-se ponto crucial na discussão acerca do romance. Dessa forma, constatamos que tanto o problema das origens quanto o da regulamentação acabaram convergindo para a questão moral que suscitava o novo gênero.

> Ainda mais grave parecia o fato de a leitura de romances ser feita sem supervisão, não contando com a mediação de um padre ou de um ministro como ocorria com a leitura de textos religiosos, tampouco com a mediação de um professor ou de uma tradição de interpretação como se passava com os textos beletrísticos. Não havia dúvida, portanto, de que se tratava de leitura perigosa, pois estava fora do controle das instâncias que legitimavam a produção e a leitura de textos. Entretanto, esses eram perigos menores se confrontados ao risco que corriam a virtude e a moral daqueles que se envolviam com romances.[65]

---

[64] SITI, Walter. O romance sob acusação. In: **A Cultura do romance**. Org. MORETTI, Franco. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.188.

[65] ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.p,274.

Como podemos ver, o prazer proporcionado pela leitura do romance tornaria o aprendizado da moral mais fácil. Quando o leitor passasse a condenar os defeitos das personagens nas histórias, ele saberia corrigir os seus próprios. Assim, aprenderia os bons princípios por meio da afabilidade dos exemplos, sem perceber que estava assimilando prescrições que, de outra forma, poderiam lhe parecer muito severas. Por isso era importante que as histórias sempre mostrassem a virtude coroada e o vício castigado, de forma que era condenado qualquer tipo de história considerada lasciva ou desonesta. Os romances poderiam ser definidos como uma arte regular desde que eles pretendessem alcançar esse objetivo último que era a instrução dos leitores, proporcionando assim a correção dos hábitos dos indivíduos. Ainda sobre tal questão, destacamos que:

> Do ponto de vista da moral, os detratores do romance localizavam vários problemas. As narrativas ensinavam a fazer coisas reprováveis: favoreciam o contato com cenas de adultério, incesto, sedução, crimes, fazendo com que o leitor aprendesse como levar a cabo situações semelhantes, como evitar riscos, como burlar leis. Mesmo que não pusessem em prática os atos condenáveis representados nos romances, sua leitura provocaria sensações físicas pouco recomendáveis no leitor, inflamando desejos, despertando a volúpia, excitando, enfim, os sentidos.[66]

O autor de **Manon Lescaut**, escreve na advertência ao romance que em seu livro "o público verá a conduta de M. Des Grieux" um exemplo terrível da força das paixões"[67]. No século XVII, era comum esse tipo de advertência. Prévost a utiliza, muito provavelmente, como um modo de se livrar da censura. Ao definir o seu romance como sendo um exemplo moralizante de como a libertinagem acaba por destruir e corromper os jovens, Prévost vai ao encontro das preocupações da época. Discussão acerca da educação de jovens e moças são um dos temas mais discutidos no século das luzes, merecendo inclusive um livro de Jean-Jacques Rousseau, **Emilio**, ou **Da Educação**, no qual o autor trata, dentre outros temas, da educação por meio da literatura: "Meu principal objetivo ao ensiná-lo a sentir e amar o belo em todos os gêneros é fixar nele aspectos e seus gostos, impedir que se alterem seus apetites naturais; e que um dia ele procure em sua riqueza os meios de ser feliz".[68]

E é o que o autor de **Manon Lescaut** (1731) espera ao escrever a sua narrativa: demonstrar, por meio da Literatura, os exercícios da virtude.

---

[66] Ibidem, 2003, p.278.
[67] PRÉVOST, Abade. **Manon Lescaut**. Rio de Janeiro: Jackson Editores, 1959, p.3.
[68] ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio** ou **Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.475.

> É precisamente para leitores desta ordem que obras como a atual podem ser de extrema utilidade, muito mais quando escritas por pena guiada pela honra e pelo bom senso. Cada fato narrado aqui é um facho de luz, uma lição instrutiva que supre a experiência; cada aventura é um modelo pelo qual nos podemos formar; falta apenas adaptá-los às circunstâncias em que nos encontramos cada um[69].

A justificativa de Prévost foi necessária porque o romance sempre se viu às voltas com a necessidade de defender-se das acusações de imoralidade que pesaram sobre ele, uma vez que, nascido sem o prestígio dos gêneros clássicos da antiguidade, como a poesia e o drama, o romance se viu, desde suas origens, na obrigação de defender-se de seus detratores. As acusações que pesaram sobre o gênero vão desde a possibilidade de "afastar de tarefas sérias" e "perturbar a paz da alma", até "corromper os costumes" e "criar maus hábitos de devaneio".

Portanto, para se justificar, o romance não deveria procurar senão edificar e instruir, duas tarefas superiores em detrimento ao divertimento que poderia proporcionar. Quando muito, o divertimento deveria servir como espécie de "pílula dourada" que permitisse a introjeção, no leitor, de finalidades mais nobres:

> A finalidade principal dos Romances, ou ao menos a que deveria ser, a que se devem propor todos aqueles que os compõem, é a instrução dos leitores, a quem é necessário fazer ver a virtude sempre coroada e o vício castigado. Mas como o espírito do homem é naturalmente inimigo dos ensinamentos, e seu amor-próprio o revolta contra as instruções, é preciso enganá-lo pelos atrativos do prazer, adoçar a severidade dos preceitos pelos exemplos agradáveis, e corrigir seus defeitos condenando-os em outra pessoa. Assim, o divertimento do leitor, que o romancista hábil parece ter por objetivo nada é além de uma finalidade subordinada à principal, que é a instrução do espírito e a correção dos costumes.[70]

O gênero romance nasceu plebeu, diferente dos gêneros Clássicos como a epopeia e a poesia lírica e cresceu contando o cotidiano de personagens, suas emoções, nobres ou profanas, descrevendo assim, ambientes comuns até os mais requintados. Tinha ainda, a capacidade de ser uma narrativa que adentrava e se ampliava na mente dos leitores, tal capacidade podia trazer consequências maléficas: por isso mesmo entendia-se que o romance poderia educar ou instigar maus hábitos e atitudes. Dessa forma, algumas narrativas eram censuradas pela sociedade.

---

[69] PRÉVOST, op.cit., p. 5-6.

[70] HUET, Pierre Daniel. A Treatise of Romance and Their Originals 1672. **apud** ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003 p. 306.

> A concorrência dos romances com as leituras e atividades religiosas devia parecer ainda mais injusta, uma vez que sua disseminação pegou carona nos esforços de alfabetização patrocinados pelo desejo de propagação do cristianismo e pela larga difusão de impressos religiosos. A disputa entre os dois gêneros de escritos arrastou-se pelos anos 700 e 800, mas, no final do século XIX, o romance sairia vitorioso, superando o volume de publicação de textos religiosos.[71]

Uma possibilidade da vitória do gênero referido na citação seria que a literatura, em particular o romance, exerce um poder inegável de convidar à discussão, à reflexão, pois emana da narrativa esse poder capaz de propiciar o duradouro encontro entre personagem e leitor. Talvez por todas essas questões mencionadas, havia por parte dos autores a preocupação em escrever romances moralizantes.

Clarissa é outra obra na qual o teor moralizante está presente e revela que a temática da doença pode ser entendida como saída moral, para resolução de uma situação limite. A doença é consequência da desonra da jovem, assim torna-se um argumento digno para um desfecho moralizador da obra.

> A ideia de moralização pela leitura promovida pelos religiosos parte do pressuposto exatamente contrários aos dos romances. Os textos cristãos propõem modelos positivos de virtude por meio da narração de vidas de santos e de fatos bíblicos nos quais se pode conhecer a trajetória de homens e mulheres que não pecam, que cumprem os mandamentos e temem a Deus. [72]

As considerações de Márcia Abreu confirmam a importância do caráter didático-moralizante que envolve as intenções dos defensores da virtude e moral religiosa, assim cabe salientar que um dos veículos mais efetivos de circulação de ficção ao longo do século XIX, tanto na Europa como no Brasil, foram os periódicos. No Brasil, houve a necessidade de organizar e manter o país enquanto nação, e isso fez com que os jornais fossem imbuídos de um papel didático-civilizatório de valor eminentemente moralizante. Esse propósito implicou muitas e constantes traduções de textos, publicados originalmente em livros ou em periódicos europeus, sobretudo franceses e britânicos.

Para os detratores do romance a leitura era entendida como grande perigo, pois fazia com que se perdesse tempo precioso, se corrompesse o gosto e com que se tomasse contato com situações moralmente condenáveis. Assim, os detratores imaginavam que o contato com

---

[71] ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p.271.
[72] Ibidem, 2003, p.270.

essas situações pecaminosas e interpretações peculiares alteraria a percepção de mundo e o conjunto de valores pelos quais as pessoas deveriam se pautar, a fim de colocar freio em seus piores impulsos, logo se imaginava que esse tipo de leitura seria ainda mais perigosa quando realizada por mulheres. Quanto ao romance **Fabiola**, sua construção narrativa é constituída em exemplos positivos de moral e virtude, dessa forma podemos conjecturar que algumas das intenções do cardeal Wiseman são pautadas no que Márcia Abreu esclarece como:

> Fortes objeções ao romance partiram ainda daqueles que se preocupavam com a formação dos jovens, temendo não apenas o perigo moral advindo do contato com certo tipo de enredo, mas impressionando-se também com a possibilidade de que a leitura dessas narrativas os afastasse dos estudos e das ocupações sérias.[73]

Havia, por meio dos impressos moralizantes, a difusão de um mundo conservador, exposta por meio de determinados novelos temáticos divulgadores de um seleto grupo de valores sentimentais, morais, religiosos, históricos, patrióticos e políticos, assim os novelos mencionados reiteram uma rede de sintagmas voltados para a pátria e religião.

Naturalmente, os romances também participaram desse movimento cultural. A maior parte deles, na Inglaterra do século XVIII, escritos para instruir pelo exemplo, promover a virtude e punir o vício por meio de uma história. O senso do propósito moral e o zelo didático dos romancistas exprimiam uma moralidade burguesa que clamava por expressão. Dessa forma, o romance funcionava como um instrumento pedagógico que tinha intenção de reformar os homens, os costumes e as maneiras.

A associação mulher e romance está fortemente presente no imaginário ocidental[74], construído por fragmentos concretos que certamente, processaram essa agregação. Parece haver uma ligação com o que, tradicionalmente era atribuído à mulher burguesa, na dimensão do privado, da casa, da intimidade e, por conseguinte, com mais disponibilidade de tempo para leitura de romance. É comum ligá-la ao mundo dos afetos, dos sentimentos e emoções e assim, os livros, romances, essencialmente ao trabalharem as emoções, com a intimidade, descobriam nelas seu público preferencial.

É, principalmente, pela via literária que a leitura de romances sentimentais enquanto hábito feminino aparece como tema constante; grandes leitoras são mostradas ao público pelo próprio romance.

---

[73] Ibidem, 2003, p. 231.
[74]C.f. CUNHA. Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**: Os romances de M. Delly. Autêntica. Belo Horizonte. 1999.p, 25.

> A associação mulher/romance que se firma durante o século XVIII está ligada ao Romantismo – um movimento marcado pelo predomínio do sentimento sobre a razão clássica; da imaginação sobre o espírito crítico. Desenhado vagamente na Inglaterra nos inícios do século XVIII e consolidado de fato na Alemanha de Goethe com a publicação do apaixonado Os Sofrimentos de Werther, em 1774, o romantismo chegou ao auge no século XIX com os avanços dos revolucionários franceses no mundo de uma aristocracia recém-derrotada. Cantava-se o amor, a emoção, as liberdades individuais, um retorno ao passado, uma idealização da mulher no plano literário.[75]

Foi no século XIX que a leitura, em particular a feminina, torna-se um tema inquietante quando é tematizada por meio da Literatura. Pois, passou-se a tematizar os anseios humanos mais profundos, uma vez que a literatura preserva ou defende dimensões da vida, principalmente feminina, reprimidas pelos poderes econômicos ou sociais.

Na França do século XIX, uma personagem leitora é apresentada aos leitores pela literatura: é Matilde De La Mole que conquista o amor de Julien Sorel no romance **O Vermelho e o Negro**, de Henri-Marie Beyle, mais conhecido como Stendhal. Matilde ansiava emoções mais fortes, pois julgava ensossas as conversas do meio aristocrático no qual vivia. Para fugir desse mundo, lia constantemente. No romance são apresentadas várias cenas da personagem relacionadas às práticas de leitura:

> A senhorita de la Mole tinha a habilidade de furtar livros na biblioteca de seu pai sem que dessem por isso[...] Aos dezenove anos, a pobre moça já tinha a necessidade de estimulante do espírito e se interessava por romances. Certa vez ela lhe contou, com os olhos brilhando de prazer, que atestavam a sinceridade da admiração, o episódio de um romance que ela acabara de ler.[76]

Nos séculos XVIII e XIX, travou-se uma discussão a respeito do que era um romance ou para que servia a leitura desse gênero. Antes de sua consolidação, houve um longo embate acerca de suas regras e das causas do interesse público por essa literatura:

> Duas coisas podem ser ditas sumariamente: 1. A característica fundamental dessa literatura era, obviamente, a de ser escrita na língua vulgar de cada país;2. O assunto era religioso era um componente prescrito, as histórias de amor eram, ao invés, de toleradas e periodicamente proscritas. A produção

[75]CUNHA. Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**: Os romances de M. Delly. Autêntica. Belo Horizonte. 1999.p, 26.
[76]STENDHAL. **O Vermelho e o Negro**. Tradução de Souza Júnior e Casimiro Fernandes. Rio de Janeiro: Tecno-print, 1988, p. 197.

> religiosa é a que recentemente foi mais pesquisada. Mas foi especialmente o variado acervo de romances e novelas que encontrou nas mulheres o seu público. Heroínas antigas e modernas povoavam essas histórias de amor e de aventura: François Villon evocou-lhe o nome numa apaixonante balada. Mas os seus sentimentos de leitor nostálgico documentam que essa literatura não era reservada às mulheres. Presumia-se que fosse assim toda vez que se tratava de depreciar e criticar os costumes da época. E isso, entretanto, porque às mulheres como criaturas mais fracas, mais afastadas da cultura douta e obrigadas, por definição, à obediência às autoridades masculinas, a elas se adaptavam uma linguagem pedagógica feita de repreensões e de propostas positivas. Até porque as mulheres eram vistas como criaturas inclinadas ao consumo de frivolidade[77].

O contexto político e social moldou o novo gênero, dando-lhe suas características mais relevantes, constituídas pelo individualismo, o destaque ao fator emocional, tanto por parte dos autores, que se derramavam em descrições detalhadas e prolixas, tanto pelo despertamento dos sentimentos nos leitores que, ao ler os romances, se solidarizavam com os personagens e também tentavam experimentar os sentimentos deles.

Era um momento que o romance precisava de legitimidade e tinha sido objeto de inúmeras reflexões críticas. Talvez por isso a especulação teórica e a discussão crítica adentraram seus livros, em prefácios, posfácios e notas que coabitavam no espaço do livro juntamente com as narrativas ficcionais.

Destacamos ainda, o fato de no prefácio da edição em inglês ser mencionado que o primeiro título do romance seria a **Igreja das Catatumbas**, mas o autor acentua que seria mais interessante o nome de uma figura feminina e assim, poderia ser o nome da própria heroína da narrativa. Dessa forma, formulamos a seguinte hipótese: o autor de **Fabiola** usou a mesma fôrma do romance, que teve sua gênese com Samuel Richardson, como estratégia de atração do público leitor para o que ele desejava divulgar. Logo, presumimos que o título foi uma estratégia para chamar a atenção do público leitor. Dessa forma, possivelmente as construções de romances na Inglaterra, foram a fonte que o Cardeal bebeu para escrever sua narrativa. Depois de **Pamella** muitos romances surgiram com nome de mulher, Wiseman estava na Inglaterra anglicana, a mesma que viu nascer o gênero romance e que leu com avidez todos esses livros.

O século XIX viu o romance ser progressivamente aceito no terreno das belas-letras. Entretanto, antes de sua consolidação, as narrativas ficcionais em prosa foram, por muito

---

[77] PROSPERI, Adriano. "Censurar as fábulas – O Protorromance e a Europa Católica". In: **A Cultura do romance**. Org. MORETTI, Franco. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.105.

tempo, vistas como escritos menores, frívolos, sem qualidade artística. O gênero romanesco chegou ao século XIX carregando as marcas de uma trajetória de polêmicas.

O romance não é, portanto, o gênero fútil e hipócrita de que os Antigos desconfiavam, mas um agente de progresso, um instrumento de imensa eficácia, pois reconduz os culpados ao bom caminho, cura os infelizes, faz as chagas do indivíduo da sociedade serem odiadas, por fim, realiza uma missão[78].

Com efeito, tais mudanças permitem observar que esse gênero se (re) inventa a cada dia e que é necessário atentar para o seu dinamismo, o que faz com que ele continue sendo novidade até mesmo para aqueles que julgam conhecê-lo por completo. Seu papel enquanto forma de entretenimento é inesgotável, apesar dos meios midiáticos, é o romance quem permanece desde sempre na mente dos ávidos leitores como antigamente. Para construirmos argumentações acerca do gênero supracitado, precisamos inicialmente da definição das características do romance, assim como discorrer sobre pontuações que permearam suas origens, pois quando deixou a condição de gênero menor e desacreditado, ganhou o lugar de potência provavelmente sem precedente, uma vez que sua fortuna histórica "deve-se evidentemente aos privilégios exorbitantes que a literatura e a realidade lhe concederam ambas com a mesma generosidade".[79]

Se a leitura, de modo geral, foi vista, em vários momentos de sua história, como algo nocivo, o que não dizer do caso particular do romance, gênero desprovido de origens nobres, sem formas pré-estabelecidas e em constante modificação? As leituras religiosas e a das chamadas belas-letras poderiam ser justificadas por buscarem promover, respectivamente, o aprimoramento do espírito e a formação do estilo.[80]

Relativamente novo e sem a tradição e o prestígio de que gozavam as formas clássicas, esse gênero bastardo, sem regras ou cânone, não parecia, aos olhos de boa parte dos que testemunharam seus primórdios, digno de figurar entre as grandes manifestações do terreno das belas-letras. Os principais argumentos dos quais se valiam seus detratores eram a deturpação do gosto e a corrupção dos costumes.

O romance, gênero utilizado por Richardson, surgiu como produto do pensamento iluminista. Expressão artística que se originou de um ideal democrático, o romance caracterizou-se por abarcar vozes diversas e valores morais distintos. Tinha, sobretudo, o

---

[78] ROBERT. Marthe. **Romance das origens, origem do romance**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.77.

[79] Ibidem, p.12.

[80] A esse respeito, consultar ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.

intuito de expressar uma determinada visão da sociedade que os romancistas tentavam transpor em termos artísticos. Mais do que isso, o novo gênero, além de traduzir os novos valores de seu tempo, ajudou também a forjá-los. Segundo Sandra Vasconcelos, "os romances foram 'instrumentos que [contribuíram] para constituir os interesses sociais mais do que as lentes que os [refletiram]"[81]. Os romancistas ingleses do século XVIII quebraram muitas das regras do classicismo europeu, ao colocarem no centro da narrativa o indivíduo comum, tematizando-o como digno de problematização.

[81] VASCONCELOS, Sandra Guardini. **A formação do Romance Inglês**: Ensaios teóricos. São Paulo: Aderaldo e Rothschield: Fapesp, 2007, p.23.

CAPÍTULO 2 - *A ESTRELLA DO NORTE* E OS IMPRESSOS RELIGIOSOS: A CENSURA NA PROVÍNCIA DO GRÃO PARÁ

> *O que era a imprensa? Era o fogo do céu que um novo Prometeu roubara, e que vinha animar a estátua de longos anos. Era a faísca elétrica da inteligência que vinha unir a raça aniquilada à geração vivente por um meio melhor, indestrutível, móbil, mais eloquente, mais vivo, mais próprio a penetrar arraiais de imortalidade.*
> *O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções*[82].

(Machado de Assis)

Machado de Assis, evidencia que a imprensa se estabeleceu, como elemento essencial para a cultura política do século XIX, e assim, que sua vigorosa produção e circulação eram alimentadas, em boa parte, pelas atividades políticas desenvolvidas nesse momento histórico. Dessa forma, a imprensa foi usada como agente da história e não simplesmente como órgão que registrou os fatos, logo, comporta vários sentidos específicos, e de tal modo, procura engendrar uma mentalidade. E como "fazedora" de opinião teve, em sua vertente católica, o caráter doutrinário.

O século XIX consolidou valores, posições políticas, instituições, entre outras categorias; a imprensa da época veiculou grande parte da vida cultural, religiosa e social dos oitocentos. Destarte, pesquisar os periódicos que circularam nos anos oitocentos é seguir pistas do que aconteceu, de maneira a reinterpretar o passado tentando captar o espírito da época.

De tal modo, para pesquisarmos o percurso editorial d' **A Estrella do Norte**[83], enfocamos alguns aspectos, como: quais os objetivos do editor do periódico[84]em divulgar um jornal religioso? Destacamos também o que aconteceu no contexto sócio-histórico na Província do Grão-Pará, quais os jornais circulavam coetaneamente à folha religiosa sob a tutela de Dom Macedo.

---

[82]ASSIS, Machado. **O Jornal e o Livro**. Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente no *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12/01/1859.

[83]A primeira edição do jornal data 6 de janeiro de 1863, sob proteção de D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará. Impresso na Typografhia Eclesiástica da Estrella do Norte. O Periódico circulou durante seis anos, no período de 1863 a 1869, mas houve uma interrupção nas publicações no ano de 1868, assim o jornal voltou a circular em 1869, mas não estava sob a tutela de Dom Macedo.

[84]Para uma análise da produção impressa, nesse período no Brasil, ver SODRÉ, Nelson Werneck. "A imprensa do Império". In: **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Neste capítulo, analisaremos a recorrência de outras narrativas em prosa veiculadas n' **A Estrella do Norte**, que definiam o perfil editorial do jornal. Como desdobramento do referido objetivo, destacaremos questões relacionadas às publicações em outros periódicos, conforme acontecia em relação à circulação de impressos em Belém.

Nossa hipótese está pautada na seguinte proposição: para divulgar notícias sobre a Igreja Católica, apresentar narrativas a favor do catolicismo e notas críticas que sempre colocavam sob suspeição os ideais protestantes, Dom Macedo bebeu na fonte da "modernidade", ou seja, a publicação em jornais e para isso, publicou romances nas páginas d' **A Estrella do Norte** e umas das narrativas veiculadas foi **Fabiola**.

Acerca dos representantes clericais, na segunda metade do século XIX, a Igreja Católica lutava contra movimentos que, segundo alguns de seus integrantes, ameaçavam os domínios dessa instituição no mundo. O crescimento do Liberalismo na Europa, como também de outros credos, foi responsável pelo aumento da crítica à hegemonia católica em território europeu. Esses movimentos chegaram ao Brasil e à Província paraense, e diante disso, tal situação levou o clero local a integrar-se na disputa pela sobrevivência do catolicismo. Aos sacerdotes que lutaram para purificar a religião católica das "impurezas" do mundo foi dada a denominação de reformadores, romanizadores ou ultramontanos[85].

Coerentemente obedecendo aos dogmas católicos, **A Estrella do Norte** seguiu a linha editorial de uma escrita preenchida de assuntos religiosos, patriotismo e assim priorizou a temática da moralização, da religião, na estrutura dos escritos publicados em suas colunas. Desse modo, o discurso apresentado nas folhas do periódico católico foi exemplo de aconselhamento e de virtude.

A escolha por realizar tal investigação, por meio da imprensa local paraense aconteceu pelo fato do jornal impresso ter sido um dos maiores veículos de comunicação existente no século XIX e por ser uma das principais fontes, naquele momento, de notícias e informações. No jornal, pessoas publicavam em diversos gêneros, como: críticas, notícias, cartas e anúncios sobre as obras literárias.

2.1. Os impressos no Grão-Pará: fontes para a história da leitura

Ao longo do século XX, historiadores e críticos literários dedicados à pesquisa sobre o livro e a leitura se perguntaram sobre a circulação da produção escrita nos séculos

[85] Eram adeptos da vivência espiritual de acordo com as resoluções do Concílio de Trento, os demais religiosos se mostravam algumas vezes mais leitores de obras profanas e francesas.

anteriores, bem como sobre as preferências do público leitor. Uma parcela desses pesquisadores passou a se dedicar ao estudo de publicações em periódicos. Tais pesquisas propunham-se a levantar inúmeras questões acerca da preferência dos leitores por determinadas obras e autores; bem como sobre as diferentes práticas de leitura, muitas vezes, orientadas por autores, editores, tradutores, entre outros atores sociais que faziam parte da regulação da leitura.

Quando referimos ao estudo de narrativas ficcionais, críticas, notas, entre outros materiais publicados nos periódicos, devemos atentar também, para o fato de que o estudo da Literatura abranger entre outros componentes além do texto; elementos que compõem o cenário e o mercado livreiro paraense, o qual é parte que constitui informações marginais e são suportes para a História da Leitura e da Literatura, bem como para a história do livro, esse trabalho está direcionado a reconhecer a importância de agentes que estão envolvidos no processo de publicação e circulação do livro, conforme explica Márcia Abreu:

> Em nosso trabalho não se examinam obras abstratas e sim objetos materiais que para existirem passam por diversas mãos: das que escrevem o texto às que produzem o livro – em alguns periódicos, passando antes, pelas que o censuram –, dessas que contribuem e vendem, emprestam ou alugam, chegando às mãos daquele que lê, sem o qual essa ciranda perde todo o sentido. Dessa forma, não se trata de estudar autores imateriais e sim homens de letras, que, para se firmarem como tal, interagem com editores, livreiros, críticos, colegas e desafetos.[86]

O jornal[87] é um instrumento que possibilita compreender o movimento histórico, as ideologias que existiam e os conflitos de opinião. Para alguns períodos é a única fonte de reconstituição histórica, e assim permitindo um melhor conhecimento das sociedades e de suas manifestações econômicas, culturais, políticas e religiosas.

Nas últimas décadas, os pesquisadores de historiografia literária dedicaram-se a promover estudos voltados à contribuição da imprensa oitocentista no processo de formação da leitura na sociedade brasileira. Entre essas pesquisas, existem aquelas que se ocupam em

---

[86] ABREU, Márcia. Prefácio. **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2008, p. 12.

[87] A participação dos jornais impressos, no cenário brasileiro, como elemento divulgador e dinamizador de livros e textos literários, seja por meio da publicação, seja por meio da propaganda desses escritos, é atribuída à implantação da Impressão Régia em 1808 pela Corte portuguesa. Esta veio para o Brasil e instalou-se no Rio de Janeiro em consequência das invasões napoleônicas ao Reino de Portugal. *C.f.*VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília, 2ed. Editora da Universidade de Brasília, 1929.p.45.

divulgar a prosa de ficção, críticas, notas sobre religião católica e protestante, que circulavam na Província do Grão-Pará nos anos oitocentos. É com base nessa linha de pensamento que este capítulo discorrerá sobre o periódico católico **A Estrella do Norte** que circulou no período de 1863 e 1869, com uma interrupção no ano de 1868, o interesse de pesquisa, não está pautado, apenas na folha católica como difusora de informações religiosas, mas como um espaço de relações e reflexões críticas sobre o gênero romance.

Além da dimensão de prática política, isto é, de considerar a imprensa como um complexo agente histórico, capaz de ser lida como fonte documental ou texto de época, em diferentes perspectivas, ganhando uma dimensão que não raro é atribuída apenas aos livros: portadora de conteúdos que formulem, de maneira mais consistente, ideias, tendências e projetos. Ou seja: não só no caso mais conhecido dos folhetins como ficção literária, por exemplo, quando os romances apareceriam em folhas periódicas, mas também no campo do pensamento político e, igualmente, para elaboração de uma história nacional, os conteúdos de jornais periódicos do século XIX devem e estão sendo incorporados de maneira mais efetiva aos recentes estudos histórico-literários do Brasil

No que envolve o desenvolvimento da imprensa, já é do conhecimento de pesquisadores da história do Livro e da Leitura, que a propagalção da imprensa não aconteceu apenas na Corte, mas, as Províncias também estavam envolvidas em publicações de prosa ficcional, de crônicas e de romance-folhetim, comprovados com as afirmações de Nelson Werneck Sodré:

> O desenvolvimento da imprensa não ocorreu apenas na Corte e em função das lutas nelas travadas. Estendeu-se por todo país, particularmente nas províncias em que as lutas políticas alcançaram níveis mais alto, interessando profundamente, em alguns casos e episódios, camadas muito mais amplas do que teria sido possível supor à base dos choques meramente eleitorais [...] o setor mais importante da imprensa da época viria a ser, com as rebeliões, o que estava ligado, nas províncias, aos movimentos que nelas surgiram. Em todas encontrou-se, entretanto, o sulco profundo dos papéis impressos o clarão das pregações, a nota das ideias que buscavam multiplicar influências, abalar situações, mobilizar a opinião.[88]

No que concerne o suporte jornal, tentamos definir o papel exercido por este veículo na sociedade como principal local de debate das questões políticas, sociais e religiosas. Portanto, os periódicos eram espaços férteis de ideias e informações, os jornais de Belém multiplicaram-se à medida que a condição econômica da capital melhorava.

---

[88] SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p.128

Em relação às publicações em série, e a relação com a imprensa paraense, já conhecemos a história do folhetim, do seu surgimento na França, sua expansão para diversos países e a constituição do gênero romance-folhetim, o que não dispensa a necessidade de refletirmos acerca do papel que esse fenômeno jornalístico do século XIX exerceu sobre as práticas dos leitores tanto da França, como também do Brasil que, embora não tivesse um quadro social semelhante ao francês, acatou a inovação jornalística que representou grande sucesso editorial. De acordo com Ana Cláudia Suriani:

> Naquela época, o romance era basicamente publicado em dois formatos: fasciculado em folhetos, jornais diários, revistas quinzenais ou mensais e no formato de livro. Era prática recorrente utilizar o folhetim como primeiro meio de divulgação de uma obra de ficção e, depois, reimprimi-la em volume.[89]

A partir do estudo da publicação da obra **Fabiola**, primeiramente em livro, percebemos que a divulgação do romance não segue o previsto na proposição da citação, pois destoa do costume da publicação inicial em folhetim e sequencialmente em livro.

Sobre os jornais que circularam em Belém do Pará no século XIX, estes não deixaram de seguir a tendência da época. A coluna **folhetim**[*90*] compareceu com sucesso entre os leitores de prosa de ficção. Nesse espaço, os romances estrangeiros, principalmente os de origem francesa e portuguesa, eram os mais divulgados, o que nos faz inferir que estavam na preferência do público leitor oitocentista.

O periódico católico segue aos moldes do "continua amanhã". Com objetivos diferentes de outros jornais, pois além de vender e obter lucros, pretendia influenciar a fé e a crença dos leitores, pois esta era a informação veiculada no prospecto da primeira edição: "esta folha não visa lucros e sim angariar fundos para propagar a fé cristã". No que se refere as publicações, veremos, a seguir com mais detalhes, mas adiantamos que foi extensa a quantidade de críticas negativas a quem partilhasse de ideias contrárias ao catolicismo, e também a quem lesse romances não prescritos por censores cristãos.

---

[89]SILVA, Ana Claúdia Suriani da. **Machado de Assis**: do Folhetim ao Livro. São Paulo: nversos, 2014.p. 36.

[90]No começo do século XIX, os jornais franceses reservavam um espaço para publicações de escritos. Esse espaço era uma linha cortada horizontalmente na geografia do jornal, era chamado de que traduzido para o português denominamos de folhetim, nasce da necessidade de gerar prazer e bem estar aos leitores. Tinha a seu serviço o rodapé do jornal, e se apresentava separado por um fio gráfico grafado horizontalmente. A partir de 1830, esse espaço cedeu lugar à ficção, momento em que os clássicos da literatura francesa e universal foram selecionados para ocupar em "pedacinhos" o rés-do-chão. Assim o jornal democratizou-se diante da burguesia e saía do círculo dos assinantes ricos. Em razão disso, houve, então, a necessidade de uma nova parceria entre jornalismo e literatura. Surge a aliança, entre o jornal e o romanceenquanto novo gênero, e com isso, a coluna *Folhetim*, que foi garantia de sucesso.Cf. NADAF. Yasmin Jamil. **Páginas do passado**: ensaios de literatura. São Paulo: editora, 2014. p.45.

Outra questão que surgiu nesta análise, durante a leitura do jornal, foi a constatação da publicação de outros romances religiosos e moralizantes, tal como a obra **Fabiola**, o que corrobora com a nossa hipótese de que Dom Macedo se valia do periódico e do ato de leitura como ferramenta para divulgar os ideais tradicionais da Igreja Romana.

Os editores da folha religiosa publicaram 8 (oito) romances, aos moldes do "continua amanhã", certamente com objetivos distintos dos outros periódicos que publicavam traduções francesas que não seguiam os preceitos católicos. No que envolve o espaço folhetim, na geografia do jornal, os editores da folha católica, não usavam como era costume na época, uma linha gráfica na horizontal, marca que dividia o espaço folhetim de outras publicações no jornal, pressupomos que tal atitude estivesse relacionada em não endossar tudo que fosse relacionado aos costumes franceses, pois esses padrões e a França eram intensamente criticados pelo editor d' **A Estrella do Norte**.

A construção da figura religiosa era necessária no decorrer da década de 60, no século XIX, momento que Dom Macedo assumiu a Diocese paraense. Para conseguir esse objetivo, criou-se a partir das publicações veiculadas no jornal editado por Dom Macedo, uma espécie de arquétipo da figura religiosa. Dessa forma, seriam inseridas nesse contexto ideias relacionadas à Igreja Católica e a importância de seguir os preceitos do catolicismo.

A reforma católica interessava tanto à Igreja quanto ao governo: à Igreja, porque significava o estabelecimento de um novo clero, observante do celibato e dedicado exclusivamente à missão espiritual; ao governo, interessava porque afastava os sacerdotes e suas ideias liberais dos meios políticos. O objetivo da Igreja Católica nesse período é o fortalecimento interno da instituição eclesiástica. Para tanto, buscava maior autonomia junto ao poder civil, especialmente no que se refere à organização interna, sem, contudo, romper com o poder político civil, o qual precisava para se manter.

Em todos os tempos, a imprensa funcionou como termômetro de forças políticas vigentes e hegemônicas em uma determinada sociedade. Não foi diferente no Pará, no final da primeira metade do século XIX, quando a imprensa, já consolidada, expõe testemunho da efervescência política daquele período e do debate ideológico travado pelos jornais. No que envolve a importância da pesquisa a partir do que era veiculado na imprensa, Marinalva Barbosa, esclarece que:

> Ocorre desde meados dos anos de 1970, mas, sobretudo a partir da década seguinte, uma renovação historiográfica a nível internacional (na qual a França teve papel decisivo), com ênfase nas abordagens políticas e culturais, que redimensionou a importância da imprensa. Esta passou a ser considerada

> como fonte documental nas perspectivas de um testemunho, à medida que enuncia expressões de protagonistas. E, também, como protagonista ela mesma, peculiar e complexo agente histórico que intervém nos embates e episódios, não mero reflexo de uma realidade já definida. O que implica, portanto, verificar como os impressos periódicos interagem na complexidade de um contexto. [91]

Nesse contexto acirrado, de disputas político-ideológicas, no século XIX, merece destaque o papel da imprensa para a divulgação das ideias de diferentes grupos, como: católicos, maçons, protestantes, profissionais liberais, entre outros interessados, para assim ser construída, a formação de uma opinião pública e para a constituição das imagens da sociedade.

O jornal compareceu como um meio capaz de responder às diversas demandas do espírito coletivo da sociedade paraense e cabe ainda mencionar que a imprensa periódica, enquanto veículo de informação, reproduziu, incentivou e opinou a respeito das inúmeras correntes de informações que visavam o desenvolvimento do indivíduo e seu preparo para o exercício da cidadania. Dessa forma, o progresso e a democracia confirmados pelo jornal, trouxeram ânimo e disposição para que houvesse um ciclo de reformas capaz de modificar as estruturas políticas, sociais e religiosas.

> Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informação – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em aquele está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas das mais diversas situações sociais, culturais e políticas, correspondendo às diferenças de interesses e aspirações. [92]

Vale ainda apontar a importância das tipografias no processo de crescimento e do desenvolvimento da imprensa no Pará, como demonstrou Izenete Nobre na Dissertação de mestrado: **Leituras a Vapor**: A cultura letrada na Belém Oitocentista, quandolistou as casas tipográficas existentes em Belém na primeira metade do século XIX, a saber: Tipografia Imprensa Liberal; Tipografia Imprensa Imperial e Nacional; Typografia Nacional e Imperial; Typografia De Alvarez; Typografia Sagitário; TypografiaPhilamthopica; Typografia Santos e Menor; Tipografia Santos e Irmãos; Tipografia Commercial; Tipografia do Diário do

[91]BARBOSA. Marinalva. **História cultural da imprensa**: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauadx, 2010.p, 3.
[92]SODRÉ. Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p, 01.

Commercio; Tipografia de Frederico Carlos Rhossard; Tipografia do Diário Gram-Pará; Tipografia do Jornal do Amazonas.[93]

O fato de inúmeras tipografias permearem o mercado livreiro paraense, demonstra que no Grão-Pará no século XIX, havia vários integrantes envolvidos no processo de leitura, desde as tipografias, determinantes no ato da impressão de livros, periódicos e revistas, bem como, atores mais periféricos, como impressores, tradutores, editores e os leitores.As edições d' **A Estrella do Norte** eram impressas em tipografia de propriedade da Igreja Católica. Tal notícia foi veiculada na edição de número 26 do ano de 1863[94].

Embora a publicação de romances-folhetins tenha acontecido mais intensamente a partir de 1870, a exposição das referidas informações, demonstra que a vida jornalística de Belém já estava em processo de solidificação, pois os jornais já divulgavam em suas páginas ideias, artigos, resenhas de livros, informações econômicas e prosa ficcional.

O Jornal do Pará, um periódico conservador, esteve relacionado às questões de cunho político, também, teve grande repercussão na imprensa paraense na segunda metade do século XIX. O primeiro número do periódico foi publicado em 04 de novembro de 1862, no entanto as primeiras publicações de prosa de ficção acontecem a partir do dia 29 de maio de 1867, na edição 123 do periódico, com a publicação da obra **Helena**. Podemos presumir, que uma possível demora nas publicações de prosa de ficção esteve relacionada ao jornal ter pertencido a uma linha antiliberal, pois, suas colunas eram permeadas de narrativas informativas, avisos de reuniões políticas, avisos marítimos, entre outros.

O fato da maioria das publicações de romances em folhetim, também do uso do espaço folhetim, só constarem a partir da década de 60, não impediu que alguns jornais já divulgassem informações que confirmavam que havia um espaço em Belém para as práticas de leitura, como demonstramos na nota divulgada na **Coluna Movimento Literário** no jornal **A Ephoca**:

---

[93]Izenete Garcia Nobre realizou uma pesquisa sobre a cultura letrada de Belém do Pará no século XIX. Seu trabalho apresentou informações relacionadas à fixação do mercado livreiro. Cf. NOBRE, Izenete Garcia**. Leituras a vapor**: a cultura letrada na Belém Oitocentista. Belém do Pará, 2009. 128f. Dissertação – Mestrado em Estudos Literários – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.p.40.

[94] Anunciamos aos nossos leitores com satisfação, que se acha chegada a esta capital e sujeita ao competente despacho da alfândega, uma pequena typografhia destinada à impressão do nosso jornal e dos diferentes atos da autoridade episcopal. *A Estrella do Norte* vai pois sair brevemente em excelente papel e nítidos tipos sem que sejam alteradas as condições da assinatura. Pedimos aos nossos assinantes que conservem cuidadosamente os seus números deste novo ano para formarem coleção, a que uniremos no fim um título e índice, e possuirão assim um excelente livro de leituras próprias para famílias. COSTA. Dom Macedo. **Crônica Religiosa**. *A Estrella do Norte*, ed. 26. 1863. p,6.

> Compulsando o movimento das obras saídas para leitura, facilmente se reconhece que as de recreio, como seja o romance, são quase as únicas procuradas e de que há mais falta, o que, de algum modo, não há de ser satisfatório, atendendo a que essa leitura pouca instrução é o pensamento nobre e civilizador que deve presidir aos fins desta instituição. Mas, como já seja uma grande vantagem atrair à leitura, qualquer que ela for, depois de satisfeito esse primeiro desejo sôfrego de emoções, posto que frívolas, os ledores procurarão materiais mais sólidas para adquirir outros conhecimentos de mais utilidade. No entanto, como primeiro que tudo cumpre atender as necessidades presentes, a nova diretoria compreenderá que é com obras de recreio que deve abastecer mais amplamente o gabinete[95].

Diante do exposto, a imprensa aparece como veículo que oferece subsídios para compreender o processo de sistematização do mercado consumidor de romances e para demonstrar que já havia formado, um público leitor atento às novidades editoriais e sobretudo no que envolvia à leitura de romances. Dessa forma, a circulação literária ganhava fôlego, pois cada vez mais aumentava a consagração da prática de leitura.

> A semana não oferece muito que fazer ao semanista, que não está resolvido a compor romances para enfastiar os leitores, que, neste gênero, devem ter lido muita coisa boa, sem excetuar os da pena do insigne Paulo de Koch, que é coisa maravilhosa, e que muito tem aproveitado as meninas da atualidade, que tanto se entretém com a leitura de tais romances, e por isso não lhes queremos mal, porque ao menos ficam a par da ciência do positivismo. O que já não estamos a ponto de suportar é o procedimento de muitas meninas românticas, que, por causa da leitura de romances, entendem, que uma igreja é o mesmo que um salão de baile, onde só vai quem é da moda, e que para sê-lo deve ter o seu namorado ou sua namorada.
> A igreja, meninas, é a casa de Deus, onde se vai submisso render homenagem religiosa, veneração, respeito e culto ao Criador; se é impossível vos conservardes na igreja sem lançar olhares de afeição, languidos e de ternura aos vossos Narcisos, será melhor lá não irdes, porque os rapazes por mais seguros que sejam não podem resistir a tanta maquaquices (ou fascinações)
> [96]

A menção à leitura, comprova a circulação de livros e de romances em Belém, dessa maneira, tal atividade, descreve-se como movimento abrangente que envolve numerosos agentes e canais de comunicação, quer sejam comerciais, políticos, sociais e históricos, constitutivos de uma função vital para a permanência da obra literária como bem cultural. A citação, também reafirma que os jornais se constituíam como arena para polêmicas, pois

[95]BRANCO. Francisco Gonçalves de Medeiros. **Gabinete de Leitura**: Movimento Literário. A EPHOCA, Ed. 157. 1859.p, 3.
[96]Editores. **Revista Semanal**. A EPHOCA, Ed.186. 1859. p,1.

falavam uns para os outros, uns contra os outros. Assim, a imprensa e os seus editores publicavam uma forma de encenação da política e dos temas que constituíam o cotidiano da cidade.

2.2. Ultramontismo e romanização: o duelo de Dom Macedo no Grão-Pará

Dom Macedo Costa[97] foi um bispo que teve projeção em âmbito político e religioso no Brasil. Seu envolvimento na chamada Questão Religiosa[98], fato que ocorreu na segunda metade do século XIX, o tornou ainda mais conhecido, pois são inúmeras as informações que circularam nos jornais da época que citavam os feitos do referido religioso. A partir da análise dos documentos produzidos pelo bispo, percebemos que suas intenções e projetos sociais, divergiam dos programas político-partidários dos liberais, para entendermos com qual ideal o bispo dialogava, precisamos entender o jogo político-religioso da época.

Logo que assumiu o episcopado paraense em 1861, não havia ainda a profusão de riquezas geradas pelas exportações de borracha, e o povo amazônico vivia em uma situação de abandono devido à ausência de assistência do poder civil. Dom Macedo estava ciente desse abandono, principalmente da falta da assistência religiosa, pois dada essa imensidão territorial, seria preciso alocar sacerdotes em todas as paróquias possíveis. Uma vez que, a igreja não possuía padres suficientes para abarcar as necessidades dos fiéis.

Em 1860, Dom Macedo Costa[99] assume o arcebispado paraense, a Questão Religiosa ajudou a dar seguimento na linha editorial objetivada pelo bispo paraense, um estudo nessa

---

[97] A láurea de Doutor em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, foi obtida no dia 28 de junho de 1859. Dom Romualdo de Seixas, Arcebispo de Salvador, mas que outrora fora presbítero no Pará, prestigia-o com apresentação de seu nome ao Imperador do Brasil, Dom Pedro II, com quem terá diatribes, à Santa Sé no dia 23 de março de 1860. No dia 20 de dezembro de 1860, o Papa Pio IX confirma a nomeação do Padre Dr. Antônio de Macedo Costa como 10º Bispo do Pará, aquele que irá sustentar a campanha da autonomia para igreja frente ao estado, sucedeu a D. José Afonso de Moraes Torres, também da mesma cepa do catolicismo romanizado. Isto posto, em 21 de abril de 1861, sob a graça do Internúncio Apostólico no Brasil, Dom Mariano Falcinelli Antoniacci, o bispo é sagrado. D. Antônio toma posse no bispado por procuração no dia 23 de maio de 1861; pois só chegará a Belém no dia 24 de julho. NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Romualdo, José e Antônio**: Bispos na Amazônia do Oitocentos. Belém: EDUFPA, 2015. p. 15.

[98]Em linhas gerais, foi o clímax do conflito entre Igreja Católica Romana brasileira e a Coroa, quando oImperador D. Pedro II ordenou a prisão de dois bispos, Dom Macedo Costa e Dom Vital, por terem senegado a revogar a suspensão de irmandades que acolhiam maçons entre seus membros. C.f.RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973.

[99]D. Macedo Costa nasceu no interior da Bahia, Maragogipe, em 1830. Em 1848, entrou no seminário da Bahia, foi lá que teve primeiro contato com D. Romualdo Antônio de Seixas, então arcebispo da Bahia, que no futuro lhe indicaria a D. Pedro II para o bispado do Pará. Em 1852, foi estudar na França, passou por alguns seminários até chegar a São Sulpício em 1854. D. José Afonso de Moraes Torres renunciou ao bispado do Pará em 1859, dessa forma, quando D. Antônio de Macedo Costa chegou ao Pará em 1861. Uma das principais preocupações de Dom Antônio de Macedo Costa, como recomendava a política de reforma da Igreja, era a disciplina do clero local. Cf. NEVES, Fernando Arthur de Freitas.

linha, pressupõe a compreensão do contexto político e religioso em que se encontrava a Amazônia, mais particularmente o Pará, na segunda metade do século XIX. É nesse contexto que a Igreja Católica sente o efeito das primeiras incursões de protestantes na Amazônia[100].

Dom Macedo pensava no progresso moral baseado na vivência comunal entre os homens, na solidificação dos laços familiares e no princípio da solidariedade. Na sociedade pensada pelo clérigo, o progresso técnico serviria à reafirmação da vida cristã, de tal modo, que existiria uma sociedade agrícola dirigida por sacerdotes, isso já seria uma crítica aos preceitos da sociedade moderna.

O bispo do Pará articulou suas estratégias discursivas para manter-se atuante em um universo de ideias que contrastava com um determinado modo católico de pensar o mundo. Em termos mais precisos, tentamos entender como D. Macedo, a partir de sua produção literária de natureza diversa, constituiu pensamentos que fundamentaram a reconquista de fiéis no âmbito da devoção católica. Autores como Riolando Azzi e Eduardo Hoornaert[101] consideram o "projeto macedista" conservador e elitista, no entanto a palavra "reforma" foi uma das mais utilizadas nos documentos escritos pelo religioso, e, portanto, eram expressos os planos de transformar a Amazônia em uma civilização católica, de acordo com os padrões romanos.

As referências intelectuais de D. Macedo foram desde textos bíblicos aos chamados modernos. A partir da leitura de suas obras, nas quais aparecem temas como família, educação, "civilização cristã", crítica ao capitalismo e ideias "heréticas". As narrativas foram estruturadas a partir de um quadro múltiplo de assuntos, o que demonstra a pluralidade autoral que influiu nos escritos do bispo.

No que envolve o movimento ultramontano, que renasceu no decorrer do século XIX, consequência tanto da reação a alguns princípios contrários aos dogmas papistas, quanto do anseio em garantir a autonomia da Igreja Católica diante das nações, assim o poder seria centralizado no representante maior da igreja, o Papa.

Após um início de mandato com ideias liberalizantes, Pio IX forneceu novos rumos ao seu pontificado. Ao ser abalado com a crise de 1848, que envolveu a Itália, a Áustria e a

[100]O protestantismo de missão na Amazônia Brasileira na segunda metade do século XIX. Os pioneiros a adentrar a Amazônia Brasileira foram Daniel Parish Kidder, em 1839, e Richard Holden, em 1860. Kidder, mesmo não vindo apenas em missão religiosa, já que viera ao Brasil como naturalista, não deixou de se comportar como missionário, pregando e distribuindo bíblias em suas viagens pelo Brasil. O escocês Richard Holden esteve no Pará nos primeiros anos da década de 1860 e veio ao Brasil como missionário, financiando pelo Conselho de Missão da Igreja Episcopal e pela Sociedade Bíblica Americana. AZZI, Riolando. **O Altar Unido ao Trono**. Um projeto conservador. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p.85.

[101]Cf. AZZI, Riolando. **A crise da cristandade e o projeto liberal**. São Paulo: edições Paulinas, 1991; HOORNAERT, Eduardo. (Coord). **História da Igreja na Amazônia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

Santa Sé, e perceber que estava perdendo a sua popularidade entre os italianos, Pio IX resolveu reatar com a tradição conservadora praticada anteriormente por Gregório XVI. Este papa, seu antecessor, fora considerado o inimigo das "liberdades modernas", fosse a de imprensa ou a de consciência. Podemos considerar que Pio IX, foi em potência elevada ao máximo defensor da imutabilidade das doutrinas fixadas pela Igreja Católica.

Como chefe espiritual da Igreja, e não de um Estado, Pio IX não queria tomar partido do *Risorgimento*[102], mesmo almejando que os italianos se tornassem livres da dominação estrangeira. Bastaram apenas algumas palavras sobre a reserva hostil de Gregório XVI para que os mais patriotas passassem a acreditar que o papa era adepto da nacionalização e que, consequentemente, empreenderia uma cruzada para expulsar os austríacos da península. Essa convicção foi reforçada, quando, em fevereiro de 1848, Pio IX, querendo acalmar os ânimos aguerridos, pediu as bênçãos de Deus para a Itália, para sua extensão territorial.

Não demorou para que o encanto italiano chegasse ao fim. No dia 29 de abril de 1848, Pio IX pronunciou que a sua obrigação como chefe do apostolado era a de abraçar a todos os países e povos. Ao fazer isto, o papa incluía a Áustria e, mesmo sem pretenção desagradava os patriotas italianos. Assim, a questão tomou a proporção de um conflito entre "o nacionalismo italiano e o poder da Santa Sé". Essa crise tornou-se mais intensa quando o primeiro-ministro do Estado, Pellegrino Rossi, foi assassinado por manifestantes no momento em que entrou no Parlamento. Diante do clamor popular por manifestações do Papa, a solução foi o refúgio do pontífice em outra cidade. Em 1849, os ânimos se acalmaram e houve o movimento de Restauração. Antes, Pio IX demonstrou seu temor em perder os territórios pontifícios e, com ele, a liberdade espiritual. Convicto de que essa agitação política era apenas um episódio que envolvia Deus e o Diabo e assim no final o bem venceria o mal.

Naquele tenso ambiente de 1848, quando as ações de Pio IX se voltaram ao conservadorismo, foram instituídos alguns planos que visaram o fortalecimento do catolicismo. Esses projetos se baseavam principalmente no combate ao liberalismo e na tentativa de unificação dos diferentes segmentos católicos espalhados pelo mundo. Assim, os anúncios pontificos começaram a atuar ativamente nas Igrejas de diversos países; os bispos foram incumbidos de promover regularmente visitas em suas dioceses; alguns padres reformistas foram premiados com títulos honoríficos, para que fosse aumentado o sentimento de fortalecimento diante dos bispos de que se tinham reservas; os Concílios nacionais foram

[102] Foi um movimento na história italiana que buscou entre 1815 e 1870 unificar o país, que era uma coleção de pequenos Estados submetidos a potências estrangeiras. DELUMEAU, Jean; BONNET-MELCHIOR, Sabine. **De religiões e de homens.**São Paulo: Edições Loyola. 2000.p.265.

desestimulados; os recursos à Cúria Romana, sendo assuntos religiosos de grandes dimensões ou não, foram incentivados.[103]

Após o movimento da Restauração, Pio IX não deixou de prosseguir em seus projetos. Em 8 de dezembro de 1854, proclamou o dogma da Imaculada Conceição. Em sua *Ineffabilis Deus* explicou o processo até Maria ser considerada isenta da mácula do pecado original, o documento foi publicado n' **A Estrella do Norte** em 1863:

> Não obstante os pedidos a nós dirigidos com a finalidade de implorar a definição da imaculada conceição já nos tivessem demonstrado suficientemente qual fosse o pensamento de muitos bispos, todavia em 2 de fevereiro de 1849 mandamos de Gaeta uma encíclica a todos os veneráveis irmãos bispos do mundo católico, para que, após ter rezado a Deus, nos fizessem saber, também em relação à imaculada conceição da Mãe de Deus; o que pensavam, especialmente eles, os bispos da definição em projeto; e por fim, o desejavam exprimir para que o nosso supremo juízo pudesse ser manifestado com a maior solenidade possível. Em verdade foi grande a consolação que experimentamos, quando nos chegaram as respostas desses veneráveis irmãos. Eles, afinal, com cartas das quais transparece um incrível e alegre entusiasmo, não só nos confirmaram sua opinião e devoção pessoal e a de seu clero e de seus fiéis, mas também nos solicitaram, quase por unanimidade, que, como o nosso supremo juízo e autoridade, definíssemos a imaculada conceição da Virgem.[104]

Tal pronunciamento é uma boa ilustração do quanto o papa buscou reforçar a imagem da religião católica no mundo. Sentindo-se fragilizado em virtude da questão romana, Pio IX procurou priorizar a Imaculada Conceição de Maria, um dos símbolos dos católicos. A ideia também estava relacionada à reafirmação perante aos católicos com o apoio dos lideres das dioceses, pois estes eram os responsáveis capazes de influenciar os fiéis das províncias por meio de visitas pastorais.

As propostas do Papa chegaram à Província do Grão Pará e repercutiram entre os ultramontanos, na diocese do Pará, em 1861, Dom Macedo Costa[105], iniciou sua vida episcopal, com a publicação de uma carta pastoral.

A carta pastoral de 1861 pode ser inserida no conjunto dos documentos mais importantes relacionados à trajetória de Dom Macedo na província do Grão-Pará, como a atuação do bispo anteriormente foi apenas na Bahia, este escrito funcionou como uma espécie

---

[103]Cf. AUBERT, Roger. **A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno**, t.III.Trad. Pedro Paulo de Sena Madureira e Júlio Castañon Guimarães. Petrópolis: Vozes (Coleção Nova História da Igreja). 1976, p.59.
[104]PIO IX. **Correspondência Oficial d' *A Estrella do Norte***. *A Estrella do Norte*. Ed.44. 1863.p, 6.
[105] Ao ser nomeado bispo do Grão-Pará e Amazonas, Antônio de Macedo Costa tinha apenas 29 anos de idade. Nascido em Maragogipe na Bahia no dia 7 de agosto de 1830, sendo filho de José Joaquim de Macedo Costa e Joaquina de Queirós Macedo, Antônio iniciou os seus estudos no Seminário Santa Tereza, localizado nesta mesma província em que nascera. Em 1852, foi enviado pelo pai à França para estudar no Seminário São Celestino.

de preliminar dos objetivos do religioso no Pará. Nessa missiva, Dom Macedo aproveitou para bendizer a Deus pelo seu ministério, saudar a Catedral de Belém, expor seus anseios por um clero moralizado, expor a ênfase a hierarquia da Igreja e demonstrar sua obediência e fidelidade ao Papa.

> A religião é um bálsamo salutar que preserva a corrupção, não só da ciência, mas todas de manifestações da atividade humana. A família regenerada pelo princípio religioso torna-se o santuário íntimo, em que reina a virtude em toda a magia de seus encantos: um recinto sagrado, onde se misturam as dedicações generosas e os prazeres mais puros. Ali a mulher cristã nos aparece em toda a altura de sua missão sublime: ali a paz, a harmonia, o asseio, a ordem, os folguedos inocentes, o trabalho santificado pela oração, o dever cumprido com perseverança infatigável e com amor sempre feliz.[106]

Assim, a família era, para o bispo do Pará, um dos pilares para a conservação da moral católica, numa sociedade cada vez mais dessacralizada. Ela não era somente a célula básica da sociedade; era também da espiritualidade. Nessa concepção, não se pode pensar essa instituição como um grupo de pessoas reunidas na terra, mas como um conjunto de almas que trabalham juntas, para obter sua purificação.

De que catolicismo Dom Macedo fazia referência? O país no que tange à legalidade, era católico, mas o país "real", composto indistintamente por todos que habitavam cada província do Brasil, viviam à margem do que pressupunha às leis de Roma. Dessa maneira, entendemos que o bispo, almejava um uma religião pura. Assim, defendeu um catolicismo que fosse romano, que fosse traduzido em um cristianismo completo, com seu complexo de dogmas invariáveis, de preceitos positivos, impostos à consciência em nome de Deus pela autoridade infalível da Igreja. Desejava ainda que todos obedecessem aos preceitos papais, as resoluções do "representante de Deus na Terra", pois foi dessa maneira que a editoração d' **A Estrella do Norte**, nomeava o Papa.

O bispo do Pará consciente do apoio dado pelos liberais e pelos maçons à entrada de imigrantes protestantes, tecia suas críticas a estes e ao ato da distribuição de bíblias, que segundo David Vieira, estavam ligadas com as "maquinações dos Estados Unidos da América para tomar o Amazonas". Fazendo uso dos jornais de sua autoria e cartas pastorais, publicava artigos informando aos fiéis sobre esta nova evangelização. Sabia do propósito dos protestantes, mas era muito prudente e equilibrado e conduzia o "combate" para o terreno doutrinário.

---

[106]COSTA. Dom Macedo. **Prospecto**. *A Estrella do Norte*, 1ed. 1863. p,3.

Agindo em conformidade, desde cedo, o bispo articulou um conjunto de procedimentos visando estabelecer essa hegemonia contra um campo liberal. Para tanto, delimitou a igreja como o escudo da tradição contra o secularismo e cuidou da formação de um clero sintonizado com os ventos da "romanização".

As notícias publicadas evidenciavam o intuito do editor d' **A Estrella do Norte** em difundir os preceitos católicos, e assim educar e formar a população que lia o jornal. Sobre o suporte jornal, tentamos definir o papel que este veículo exerceu na sociedade como principal local de debate das questões políticas, sociais e religiosas. Em meio ao contexto da década de 60 em Belém o periódico comando por Dom Macedo se consolidou como folha defensora e difusora da religião católica.

O jornal não objetivou atender apenas o público feminino, pois não seguia o modelo de outros periódicos que divulgavam receitas, informações sobre moda, notas sobre noivas. **A Estrella do Norte** era para o leitor em geral. Para isso, os redatores divulgavam críticas aos protestantes, súmulas sobre religião, notas como uma família deveria seguir a religião correta, por exemplo, uma informção que era divulgada em todo a edição, era a correspondência de Dom Macedo com o Papa, pois expunha que havia uma relação próxima dos religiosos. Foi inevitável não reservar um espaço a Dom Macedo Costa, uma vez que o bispo pregava um discurso que seguia contrariamente ao que era defendido no restante do Brasil. Justamente por tentar impedir que a modernidade chegasse à Província do Grão-Pará.

2.3. As páginas d' *A Estrella do Norte*: insuspeitas e moralizantes

O periódico em questão que foi criado sob os auspícios de Dom Macedo, como folha católica, tinha como compromisso, em primeira mão, informar aos adeptos da religião. De acordo com as informações do editorial do jornal, os assinantes d' **A Estrella do Norte** pertenciam em sua maioria ao corpo eclesiástico e alguns "homens de boa família". Informação que pode ter sido veiculada apenas para endossar o perfil positivo dos leitores da folha religiosa.

Destinado à temática religiosa, o jornal declarou em seu primeiro editorial que foi criado para noticiar tudo que fosse relacionado às questões da religião católica. Uma vez que, conforme informações veiculadas no primeiro número do jornal, os novos tempos exigiam um amplo conhecimento de homens bem instruídos, os quais não deveriam ficar sem as notícias relacionadas a "verdadeira" religião.

Discutiremos, por meio do que foi veiculado no periódico, as concepções de mudança social para a Amazônia, a partir da leitura dos artigos d' **A Estrella do Norte**, percebemos que o objetivo das inúmeras publicações era informar e, instruir o leitor sobre acontecimentos de ordem religiosa, para dessa maneira dar-lhe noções filosóficas de cunho moral.

A Estrella do Norte era diferente das outras folhas de sua época. O jornal saiu a público semanalmente, aos domingos. Apenas na primeira edição foi publicado em uma terça-feira, e vinha impresso em caracteres grandes, em duas páginas, com divisão de cada página em duas colunas. Em contrapartida, o volume da publicação era significativamente maior do que o das demais folhas da época, as quais raramente excediam o limite de quatro páginas. A primeira edição da folha religiosa foi composta de 14 páginas, pois tinha a inclusão do índice geral, e as edições seguintes foram compostas de 8 páginas.

Um prospecto impresso, que veio a público junto ao lançamento da folha, e explicitava as linhas gerais da publicação, que seriam de ordem moralizante e religiosa, fator que estava intimamente voltado às intenções expressas por seu editor. A narrativa começava por exaltar a importância da religião:

> Disse um grande sábio que a Religião é o aroma que preserva a ciência de corromper-se. Esta admirável expressão, bem que esplendida de verdade, não deixa todavia de ser incompleta. A religião é um balsamo salutar que preserva da corrupção, não só a ciência, mas todas as manifestações da atividade humana. É o sal da terra, na linguagem do Salvador. É o princípio de vida universal, verdadeiro sol da ordem moral, que deve penetrar, aviventar, fecundar tudo: inteligência, vontade, coração, atividade externa, relações domésticas, relações sociais, o homem todo inteiro nas irradiações múltiplas de sua vida, em todas as esferas de sua atividade[107].

O contexto era de reorganização da Igreja Católica no Brasil, no Pará, especificamente, houve a questão da Cabanagem[108], pois muitos sacerdotes católicos apoiaram esse movimento. Diante disso, os representantes da Igreja, ainda na década de 1860, eram vistos sob suspeição pelo Imperador, junto a isso começavam os efeitos das primeiras incursões missionárias protestantes da Amazônia Brasileira. De acordo com informações divulgadas no periódico *Synopsis Eclesiastica* (1848-1849): a chegada dos lazaristas franceses, em abril de 1849, ao Brasil, pode ser entendida como marco inicial do processo de

[107]COSTA. Dom Macedo. **Prospecto**. *A Estrella do Norte*, 1ed. 1863. p. 3.

[108] Nas considerações de Riolando Azzi. Apesar de Cabanagem ter acontecido no período de 1835 a 1840, ainda existia os resquícios das ideologias cabanas, sobretudo porque os representantes da Igreja, apoiaram o movimento cabano. Dessa maneira, os sacerdotes estavam desacreditados e era necessário também, instruir os religiosos.

Reforma na Igreja Católica, processo que ficou conhecido como Romanização[109], tal evento ocupou as décadas de 1850 a 1870.

Os ideais de Dom Macedo Costa eram contrários a chegada da modernidade em Belém, o capitalismo era visto como negativo, e cabia à Igreja Católica, seguir e colocar em prática as concepções religiosas e assim afastar tudo que fosse relacionado ao conceito de modernidade. Logo, era responsabilidade da cúpula da Igreja criar líderes comprometidos com a doutrina que Roma preconizava. E com isso, combater o avanço dos protestantes e dos maçons.

Em todas as edições do periódico, foi informado que o catolicismo tradicional era a única saída para resolver todas as questões do ser humano. **O Ouro** (1863), primeiro romance publicado n' **A Estrella do Norte** expunha a temática da inquietação humana no que envolve a busca do descobrimento de novidades. O enredo estava voltado para a história de um jovem de 15 anos que desejava construir fortuna longe de sua terra natal, mas diante das "ambições" do personagem, a mãe o aconselhava a conversar com o padre do local.

> Minha mãe, por que é que o nosso Cura ralha sempre quando se fala de ir tentar fortuna em longes terras? Por que cisma ele e toma um ar triste, quando vê algum dos habitantes da aldeia sonhar riquezas? Pois eu, mãe, ando já pensar em partir para as Américas, afim de tornar-me um dia capitalista: ó que gosto ter uma carruagem, uma formosa quinta, um castelo com salões primorosamente alcatifados e cintilando com mil coisas lindíssimas.
> Meu caro filho, por que queres tu deixar a aldeia, que te viu nascer, e tua pobre mãe, que tanto te ama? Por que não expeles esses devaneios da imaginação, como outros tantos maus pensamentos! Crê-me, André vai ter com o Cura, e pergunta por que desaprova ele tanto essa maneira de pensar.[110]

No conjunto da produção de D. Macedo Costa é possível recuperarmos projetos sociais, cuja base era uma reflexão sobre a formação humana e o dever das sociedades, como se fosse uma espécie de filosofia cristã, temas gerais como liberdade, evolução, felicidade, a importância da família fazem parte da narrativa **O Ouro**, pois o padre narra a importância do lugar de origem do jovem, a importância da valorização da figura da mãe e ainda que a felicidade reside nas coisas de menor valor.

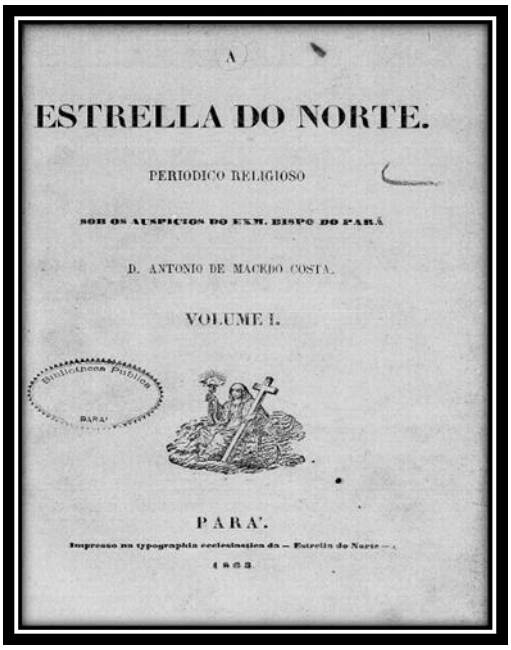
---

[109] Movimento que objetivou reformar o catolicismo, aproximando-o da Igreja de Roma, pregando um catolicismo conservador e fiel às diretrizes do Papa. Cf. VIEIRA. David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: UNB, 1980, p. 25.

[110] **O Ouro**. *A Estrella do Norte*. Ed. 03, 1863. p.5.

No que concerne a geografia do jornal, houve uma preocupação em fazer uma capa, o que era diferencial em relação a outros periódicos, houve a publicação de um índice geral que divulgou os títulos das futuras publicações.

Imagem 01 e 02– Fotos do Jornal **A Estrella do Norte** – Capa (à esquerda) índice geral (à direita)



A

ESTRELLA DO NORTE.

PERIODICO RELIGIOSO

SOB OS AUSPICIOS DO EXM. BISPO DO PARÁ

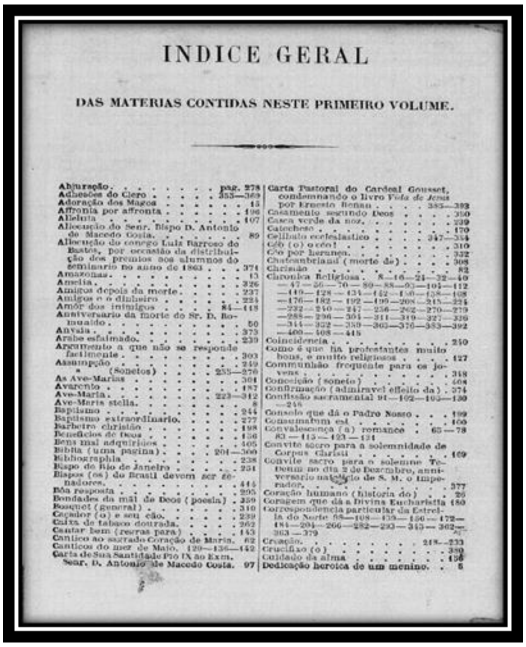
D. ANTONIO DE MACEDO COSTA.

VOLUME I.

PARÁ.

Impresso na typographia ecclesiastica da — Estrella do Norte —

1863



INDICE GERAL

DAS MATERIAS CONTIDAS NESTE PRIMEIRO VOLUME.

Abjuração . . . pag. 278
Adhesões do Clero . . . 353—369
Adoração dos Magos . . . 15
Affronta por affronta . . . 196
Alleluia . . . 107
Allocução do Senr. Bispo D. Antonio de Macedo Costa . . . 89
Allocução do conego Luiz Barroso do Bastos, por occasião da distribuição dos premios aos alumnos do seminario no anno de 1863 . . . 371
Amazonas . . . 13
Amelia . . . 326
Amigos depois da morte . . . 237
Amigos e o dinheiro . . . 224
Amôr dos inimigos . . . 84—118
Anniversario da morte do Sr. D. Romualdo . . . 50
Anvaia . . . 373
Arabe esfaimado . . . 239
Argumento a que não se responde facilmente . . . 303
Assumpção . . . 249
» (Sonetos) . . . 255—270
As Ave-Marias . . . 301
Avarento . . . 187
Ave-Maria . . . 223—312
Ave-Maris stella . . . 8
Baptismo . . . 244
Baptismo extraordinario . . . 277
Barbeiro christão . . . 198
Beneficios de Deos . . . 156
Bens mal adquiridos . . . 405
Biblia (uma pagina) . . . 204—360
Bibliographia . . . 238
Bispo do Rio de Janeiro . . . 251
Bispos (os) do Brasil devem ser senadores . . . 414
Bôa resposta . . . 295
Bondades da mãi de Deos (poesia) . . . 359
Bosquet (general) . . . 310
Caçador (o) e seu cão . . . 239
Caixa de tabaco dourada . . . 262
Cantar bem (regras para) . . . 143
Cantico ao sagrado Coração de Maria . . . 62
Canticos do mez de Maio . . . 129—136—142
Carta de Sua Santidade Pio IX ao Exm. Senr. D. Antonio de Macedo Costa . . . 97
Carta Pastoral do Cardeal Gousset, condemnando o livro *Vida de Jesus* por Ernesto Renan . . . 385—393
Casamento segundo Deos . . . 350
Casca verde da noz . . . 239
Catecheso . . . 170
Celibato ecclesiastico . . . 347—354
Céo (o) o céo! . . . 310
Céo por herança . . . 332
Chateaubriand (morte de) . . . 308
Christão . . . 82
Chronica Religiosa . . . 8—16—24—32—40—47—56—70—80—88—93—104—112—119—128—134—142—150—158—168—176—182—192—199—208—215—224—232—240—247—256—262—270—279—288—296—304—311—319—327—336—344—352—359—368—376—383—392—400—408—415
Coincidencia . . . 250
Como é que ha protestantes muito bons, e muito religiosos . . . 127
Communhão frequente para os jovens . . . 318
Conceição (soneto) . . . 408
Confirmação (admiravel effeito da) . 374
Confissão sacramental 91—102—105—130—248
Consolo que dá o Padre Nosso . . . 199
Consummatum est . . . 100
Convalescença (a) romance . 65—78 83—115—123—134
Convite sacro para a solemnidade de Corpus Christi . . . 169
Convite sacro para o solemne Te-Deum no dia 2 de Dezembro, anniversario natalicio de S. M. o Imperador . . . 377
Coração humano (historia do) . . . 26
Coragem que dá a Divina Eucharistia 180
Correspondencia particular da Estrella do Norte 98—108—139—150—172—184—204—266—282—293—343—362—363—379
Creação . . . 218—233
Crucifixo (o) . . . 389
Cuidado da alma . . . 156
Dedicação heroica de um menino . . 8

Fonte: Hemeroteca Digital - http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/

A linha editorial d' **A Estrella do Norte** segue o ideal comum ao da Igreja Católica, e ao sintonizar-se com o movimento de reforma, estreitava suas ligações com as diretrizes da Santa Sé. Buscava ainda, a neutralização da influência do enciclopedismo racionalista e da Revolução Francesa, o que levou os representantes da Igreja a assumirem uma postura autoritária e antiliberal, o que era refletido nas publicações do periódico católico. A citação da correspondência do jornal representa o quanto a Igreja desejava que os pensamentos Iluministas não chegassem aos leitores paraenses:

> Devo falar-vos do livro de Mr. Renan? Algumas palavras apenas para vos submeter uma reflexão que me parece importante. A aparição desse livro pode nos fazer julgar perfeitamente a sociedade francesa. Desde o nascimento desta obra inqualificável, a imprensa ímpia voltariana, racionalista apressou-se em exaltá-la. Sem aceitar todas as asserções dela contra a divindade de Nosso Senhor[...][111].

[111]**Correspondência Particular d' *A Estrella do Norte***. *A Estrella do Norte*, 1863, ed.46, p.3.

O bispo do Pará estava preocupado em organizar a estrutura interna de sua instituição, abalada pelas ideias liberais, e assim articularia a expansão das atividades evangelizadoras. Para Dom Macedo, o clero devia constituir a "coluna dorsal" da Igreja Católica. Para tanto, a publicação em massa de narrativas religiosas, notas críticas relacionadas ao comportamento das mulheres, eram publicações constantes no periódico.

Inspiradas nos ideais iluministas, foram introduzidas no país, após a sua independência, conceitos de cunho liberal que, alimentando um sentimento nativista, afirmavam que o país podia caminhar por conta própria e que o modelo "Igreja – Cristandade" precisava ser superado para que se formasse uma união entre a liberdade da pátria e a Igreja no país. Em busca de tal objetivo a figura feminina começou a ser usada para tentar influenciar o público leitor:

> Há pouco uma senhora, metida à literata e que nas conversações afetava de fazer sobressair a todo custo o seu espírito (triste defeito em um homem, tristíssimo em uma Senhora) começou a fazer objeções contra nossa Santa Religião, dizendo que não cria em muitos pontos ela. Alguém que achava-se presente perguntou-lhe:
> Já leu a Senhora as obras de Fenelon, Pascal, Dumas, Chateaubriand, Padre Ventura etc. etc.
> Não me ocupo com isso, respondeu muito lépida.
> Pois queira perdoar, minha Senhora, V. Exc. não é ímpia, como parece inculcar é, uma insigne ignorante. [112]

O fragmento demonstra que existe uma preocupação na qual as mulheres deviam se ocupar com leituras religiosas, e a expressão "metida à literata", a voz do narrador expõe um tom de crítica ao comportamento da mulher apresentado na história, e, é destacado ainda, que tal atitude já é reprovável em um homem, em mulher é mais desaconselhado. Dessa maneira, a intromissão em assuntos que não dizem respeito, não aconselhaveis ao comportamento da figura feminina, sobretudo, quando se trata de religião e não há leitura sobre o assunto, a mulher deve não se envolver em tais temas.

> Anunciamos aos nossos leitores com satisfação, que se acha chegada a esta capital e sujeita ao competente despacho da alfândega, uma pequena typografhia destinada à impressão do nosso jornal e dos diferentes atos da autoridade episcopal. *A Estrella do Norte* vai pois sair brevemente em excelente papel e nítidos tipos sem que sejam alteradas as condições da assinatura. Pedimos aos nossos assinantes que conservem cuidadosamente os seus números deste novo ano para formarem coleção, a que uniremos no fim um título e índice, e possuirão assim um excelente livro de leituras próprias para famílias[113].

[112] **Lunetazinhas para míopes**. *A Estrella do Norte*, 1863, ed. 27. p, 5-6.
[113]A estrella do Norte, 1863, p. 6

O uso da tipografia não foi destinado apenas a impressão do periódico, mas também dos documentos episcopais, foi anunciado o melhoramento do papel, e também a nitidez das imagens, mas que tal fato não alteraria o valor da assinatura, diferencial importante para os leitores da época, o que demonstra que o objetivo da Diocese, aparentemente não é lucro financeiro, mas sim, disseminar os preceitos da Igreja em Roma.

O título d' **A Estrella do Norte** estava relacionado à "metáfora da luz" a nomenclatura do jornal, era como se fosse uma espécie de indicativo que a leitura recomendaria o caminho correto, o caminho da luz. O prospecto da primeira edição do jornal, no 2º ano de circulação, expõe que após um ano de publicações que divulgavam maciçamente os preceitos católicos, os editores não perderam o foco, como comprovamos na citação seguinte:

> Eis-no chegados, amados leitores, ao ano de 1865. Com este número começamos o nosso terceiro ano, e ratificamos o nosso compromisso esperando satizfazê-lo com o socorro divino. Para o desempenho da nossa tarefa contamos com a cooperação dos muitos reverendos Srs. Vigários, e outros sacerdotes; com a dos pais de família, e mais pessoas, que animadas pelo zelo da glória de Deus, conhecimento verdadeiro da Religião de Jesus Cristo, e amor da moral e bons costumes nos quiserem auxiliar do mesmo modo, como no ano passado, com as suas assinaturas; só com este poderoso auxílio poderemos continuar no propósito de fornecer leitura amenas e instrutivas onde se acham os mais edificantes exemplos da educação que os pais e mães devem dar a seus filhos; do amor respeito e dedicação, de que os filhos são obrigados a seus pais e mães; do amor ao trabalho; e do cumprimento dos deveres religiosos, baseados todos estes exemplos no santo amor de Deus, e temor da sua indefectível justiça[114]

O periódico publicou uma série de acontecimentos relacionados ao modo de vida dos religiosos, bem como, crônicas religiosas, notícias relacionadas às questões da Igreja Católica em Roma, e narrativas que desabonavam a igreja protestante, entre outras notícias. Mas todas, de teor moralizante e religioso e entre as inúmeras notas veiculadas no periódico, destacamos algumas que foram consideradas mais relevantes, que tematizavam acerca da leitura de romances, do papel da mulher na sociedade; e em linha geral estavam sempre relacionadas a influência da religião e a moralização da sociedade.

TABELA 4 – Críticas ao gênero romance publicada n' *A Estrella do Norte*

Título	Data de Publicação	Autoria	Nº da edição

[114]COSTA, Dom Macedo. **Prospecto da edição de 1865**. *A Estrella do Norte*, 1865, 1 ed.p.1

Lunetasinhas para myopes	5 de julho de 1863	Sem autoria	14
Livros ímpios	22 de novembro de 1863	Alexandre Herculano	09
Verdades	13 de dezembro de 1863	Sem autoria	08
Prologo à versão de um romance	27 de março de 1864	Dom Macedo Costa	13
O perigo dos maus livros	11 de setembro de 1864	Padre Theodoro de Almeida	37
O Romantismo moderno como inimigo da verdadeira poesia	8 de abril de 1866	Sem autoria	39

Fonte: Dados recolhidos pela bolsista Jeniffer Yara Jesus da Silva, no trabalho de Iniciação Científica (SILVA ,2014).

Por motivos metodológicos comentaremos duas narrativas da tabela **O perigo dos maus livros e Livros ímpios** que expõem formulações sobre religião e sobre leituras que podiam subverter o leitor.

> Em todas as idades a religião tem sido o ludibrio das paixões dos homens: e o coração corrupto sempre arrastou após de si o entendimento já ofuscado. Que maldades não se meteram na Alemanhã por um pique de Martinho Lutero? Que escândalos na Inglaterra pelos amores de Henrique VIII? Que males não tem vindo aos fiéis de França pela teima e hipocrisia dos Jansenistas? E que funestos incêndios se não lamentam por toda parte pelo desejo desordenado de ler, de descobrir, e de falar sem freio; não como o evangelho diz, mas como o ímpio fala[115]

O título da nota crítica já demonstra que o perigo está nos "maus livros", logo inferimos que existem obras que merecem prescrição e devem ser lidas. Na narrativa é exposto que em todas as épocas, a religião sofre com as paixões e enganações dos homens, como exemplo, apresenta os atos de Martinho Lutero; menciona ainda fatos da Inglaterra nos quais decisões sobre religião foram tomadas, envolvendo motivos amorosos, e por fim trata do movimento de caráter dogmático, cunhado na França e Bélgica por Cornelius Jansen. O que podemos concluir, que todos os problemas de acordo com a narrativa estão relacionados a alguns homens, que se deixam ser enganados por leituras perigosas.

> Eis o que escrevia em 1839 o Sr. Alexandre Herculano acerca dos livros ímpios: "A incredulidade e a imoralidade tem feito populares os seus princípios, ou antes a sua falta de todos os princípios, e já há muito que nos lhes colhemos os frutos. Nos catálogos dos livreiros, e o que mais é por

[115]ALMEIDA. Padre Theodoro de. **O Perigo dos maus livros**. (*A Estrella do Norte*, ed. 37. 1864.p, 4-5.

> oficinas e lojas de artificies, e vendedores, pelas moradas de obreiros, de soldados a até de proletários sem modo de viver conhecido, se encontram livros imorais, e que seriam ridículos se na impiedade e dissolução tal circunstancia se poderá dar. Boas almas, que em nenhum tempo faltam, tem traduzido, e multiplicado esses livros (cujos nomes enxovalhariam o papel) para traficarem na corrupção pública, em que ganham ouro, que menos infamemente ganhariam sendo assassinos por salário; que estes matam o corpo e eles os espíritos; estes muitas vezes arriscam a vida no seu horrível ofício, eles não arriscam o corpo, na paz do gabinete, nem a alma porque essa já não tem que perder. Querem saber agora as consequências da imoralidade, e efeito natural desses livros venenosos? Eis aqui o que diz o escritor: "Entretanto os templos cada vez se vão tornando mais ermos; os crimes multiplicam-se; a moral expira; as últimas esperanças dos homens honestos e crentes resolvem-se em fumo, Portugal converte-se em país de bárbaros; o assassino é um desafogo a dobrez um mérito, o perjúrio um cálculo de interesses, e apenas o parrecidio será um feito, não horrendo, não abominável não maldito, mas digno de se repreender, nos jornais!"
> **Entre nós também que males não vai produzindo a vulgarização d' escriptos imorais e ímpios! Quantos artigos e romances publicados nos jornais na intenção de diminuir o respeito dos povos a nossa Santa Religião! Velem a este respeito os pais de família, que hão de responder diante do tribunal divino, se por sua negligência deixarem entre as mãos de seus filhos essas produções libertinas**[116].

A publicação de uma nota crítica, escrita por Alexandre Herculano, demonstra que um escritor reconhecido também se preocupou com a leitura feita de maneira "errada". Dessa forma, para D. Macedo, as famílias deveriam banir das suas casas romances considerados libertinos e subversivos. Haja vista que, tais obras desrespeitavam tanto às famílias como a religião e além do espaço da casa, era preciso também os espaços públicos que as filhas frequentassem, fossem fiscalizados, pois também era necessário o cuidado com a leitura em bibliotecas públicas e particulares.

Em uma única narrativa verificamos a referência existente entre Igreja e Ciência: o papel da família na construção da cristandade, o valor das "boas leituras". A vigilância sobre a família chegou ao ponto de a Igreja proibir leituras consideradas "ímpias", pois essa era mais uma forma de controle da vida cotidiana dos fiéis, especialmente o público feminino. Os religiosos afirmavam ainda, que certas leituras subvertiam o lar.

Por outro lado, o bispo proibia as leituras de Dumas, Sand e Victor Hugo e de outros romancistas, essas obras eram consideradas pervertidas e provocadoras do caos moral familiar. Mas, quais seriam os bons livros? Seriam aqueles influenciados pela sagrada escritura; os livros produzidos pelos teólogos. Sendo esses os livros prescritos, poderiam ser

[116]**Livros ímpios**. A Estrella do Norte, Ed. 47. 1863. p. 6-8.

usados como recomendação direcionada principalmente para as chamadas "filhas de família", cuja imagem deveria se manter imaculada, mas a preocupação maior do bispo era que a leitura de romances levasse às jovens a imitar as mulheres representadas nos livros.

A partir da análise dessas narrativas, entendemos a que tipo de perigo as mulheres estavam expostas. Diante de tal preocupação, Dom Macedo formulou propostas para tentar mudar os comportamentos ligados ao hábito da leitura, os temas mais frequentes estavam relacionados às relações interpessoais nos lares e nos espaços de convivência pública.

Como percebemos, a leitura de romances, dependendo da temática proposta, era considerada perigosa no que concerne à formação moral da população paraense. Para tanto, a Igreja exerceu um papel de censora dos discursos produzidos pelos romances e outras instituições consideradas nocivas aos leitores de Belém.

TABELA 5 – Narrativas religiosas e moralizantes publicadas n' *A Estrella do Norte*

Título	**Autoria**	**Data da Publicação**	**Gênero**
Os dois árabes Dois irmãos ajudam a ao outro e decidem fundar uma igreja, no local que presenciam um milagre	Leituras Populares	Janeiro 1865 1ed.	Conto
O perdão das injúrias História de João Gualberto – perdoa a matador de seu irmão e fundador do mosteiro de Valumbroso	Sem autoria	Janeiro 1865 – 2ed.	Pequena Narrativa
A mulher regenerada pelo cristianismo	Extraído	1865 – Janeiro – em dois capítulos na 1ª e 2ª ed.	Crônica Religiosa
A folha de carvalho e a folha de alamo Narrativa moralizante: Os filhos e filhas não deviam abandonar seus pais. A folha de carvalho não tinha medo dos perigos do mundo	Sem autoria	1865 – única publicação	Fábula
Anysia		1865 – única publicação	Pequena Narrativa

Fonte: Hemeroteca Digital

A escolha das publicações revela a intento dos editores que era alcançar também o público que não era católico. Como podemos demonstrar na citação a seguir que expõe as características desse jornal que era moralizar e cristianizar o público paraense, no material denominado de prefácio da obra **Entretenimentos sobre o protestantismo de hoje,** pelo Sr.de Segur que discorria acerca da questão protestante no Pará:

> Estes Entretenimentos sobre o protestantismo se dirigem aos católicos muito mais do que aos protestantes; não é um ataque, não é mesmo uma controvérsia, é uma obra de preservação e de defesa. Tem-se se perguntado: para que falar ainda do protestantismo na época em que estamos? Não está ele por modo fundido com o racionalismo e com a incredulidade, que não existe mais como seita religiosa? E, por outro lado, os franceses não têm bastante bom senso e lógica que lhe deixarão criar raiz entre eles? É certo que o protestantismo é profundamente antipático ao nosso país, e não é menos incontestável que dos protestantismos restam só ruínas. Há ruínas de que se deve desconfiar, porque podem servir de receptáculo e abrigo aos malfeitores, que não ousam mostrar-se a descoberto nas grandes estradas. Tal é o recinto arruinado do protestantismo para que afluem a porfia os inimigos da igreja. [117]

O hábito da leitura e a troca de informações em conversas passam a fazer parte da sociedade com mais liberdade de opinião. Os periódicos femininos se popularizam, com repercussão mesmo entre aquelas que não leem. O romance-folhetim antes difundido na França expande-se em Portugal, com reflexos no Brasil. O género torna-se um contributo fundamental para que as camadas mais baixas da população usufruam de bens culturais, podendo criar hábitos de leitura que estimulavam o desejo de ler e desencadeavam a fidelização do leitor.

A mulher regenerada pelo cristianismo expõe as transformações pelas quais passou a mulher no decorrer da história da humanidade.

> Com o perpassar dos séculos, ideias se mudam, velhas instituições se derrocam, velhos pensamentos caducam, e a humanidade de metamorfose em metamorfose, vai seu caminho de andamento progressivo, guiada sempre pela mão do onipotente Criador, e ai de nós se assim não fosse! Ai de nós; se a paralisia entorpecesse a civilização, se ainda no século XIX, em romaria suicida, nos fossemos prostar ante aos déspotas, formulando o desolador Djurna da velha Índia. Esse é o progresso material deixemo-lo de parte. O espírito também teve seu desenvolvimento; porém, nunca brilhante vitória alcançou do que com o cristianismo. Deus fazendo com que seu Filho nascesse do ventre de uma mulher, mandou o cristianismo para levantar a companheira do homem do abismo, das trevas, do nada, a que a materialista e barbara antiguidade tinha atirado o anjo da família. Aqui desejamos chegar a regeneração da mulher, foi o cristianismo que a consumou! Sob as asas do Evangelho ela foi criatura de Deus e filha de Eva[118].

Observamos, o discurso que Igreja Católica expos sobre as mulheres, enfatizando o tema da maternidade, de acordo com informações apresentadas n' **A Estrella do Norte**, tal

---

[117]SR. DE SEGUR. **Entretenimentos sobre o protestantismo de hoje**. *A Estrella do Norte*, Ed.11, 1863.p, 7-8.
[118]**A mulher regenerada pelo cristianismo**. *A Estrella do Norte*, ed.2. 1865. p, 3.

enfoque partiu da *Bulla Sylabus* (1864), expedida no pontificado de Pio IX. As palavras acima embasadas no mito da criação, fundamentaram séculos do discurso católico. O fato de Eva ter sido criada secundariamente, do homem e para ele, ajudou a legitimar a ideia de uma suposta inferioridade natural feminina. Também serviu para justificar uma concepção de hierarquia social na qual a mulher era sempre colocada de forma submissa ao homem.

Existia também, referência sobre o engano que seria para o homem casar com mulheres "jovens e formosas", já que a aparência dessas mulheres seria uma "capa enganadora". A mulher ideal, nessa concepção, é aquela que segue as regras da religião, teme a Deus e sabe como cuidar do marido e de seus filhos. O perfil deveria ser resignado, pois isso seria o melhor que uma mulher poderia dar ao esposo. Relacionado a isso, destacamos a importância da figura feminina, nos planos da Igreja Católica, pois era preciso prepará-las melhor, como novos cidadãos católicos.

Desse modo, tanto em anúncios, críticas, notícias, súmulas entre outras narrativas sobre o catolicismo em outros países, assim como a publicação de pequenas histórias religiosas que objetivavam doutrinar os leitores paraenses, como exemplo, citamos **Anysia**, exposta na íntegra a seguir:

> As próprias perseguições que tantos Mártires produziram no berço da cristandade, nunca em embaraçaram que os cristãos se ajuntassem para celebrar as festas da Igreja. Uma virgem cristã chamada Anysia, caminhava um dia para ir celebrar com os mais fieis estas festas. Ao passar viu-a um guarda do imperador Diocleciano, e encantado de seu porte e modéstia, tomou-lhe a frente e lhe disse: e lhe disse espera um pouco onde vás? Anysia temendo algum insulto fez sobre si o sinal da Cruz para obter de Deus a graça de resistir à tentação. O soldado julgando-se ofendido por não responder ela senão por este sinal, reteve-a e lhe disse irado:
> Não me respondes?
> Quem és tu, onde vás?
> Eu sou serva de Jesus Cristo, disse a donzela com coragem, vou para a Assembleia do Senhor. Pois eu farei com que tu lá não vá, levar-te-ei comigo para sacrificar aos deuses: hoje vamos adorar o sol, e tu o adorarás conosco. E dizendo isto arrancou-lhe violentamente o véu do rosto. Anysia, assoprando-lhe na face, disse-lhe: Vai, miserável; Jesus Cristo te castigará! O soldado, todo furioso, puxou pela espada, e a traspassou. Ela caiu banhada em sangue, e sua alma pura foi coroada no céu[119].

Um dos estilos presentes no jornal é a pequena narrativa, que apresentava situações que não possuíam precisão espaço-temporal. Podemos verificar que não importa o local e quando aconteceu o evento narrado, mas sim, o enredo, pois as mensagens desses acontecimentos tinham fundo moralista e pedagógico.

[119]**Anysia**. *A Estrella do Norte*, 1863, ed. 14.p, 5.

Como em algumas situações, fiéis da província, não participavam das atividades religiosas, a exposição de uma narrativa com a temática exposta em **Anysia**, talvez objetivasse mostrar aos cristãos que no passado as dificuldades para chegar a uma igreja fossem maior. A narrativa dialoga ainda, com o enredo de **Fabiola**, uma jovem cristã que tenta chegar a Igreja para rezar, é impedida por um soldado de Diocleciano. Vemos também a inferência à virgem Maria, pois se trata de uma jovem descrita como donzela e de alma pura.

É relevante, a menção à figura de Maria, figura antitética à Eva, já que, a mãe de Jesus, pode ser entendida como uma figura contrária ao que a companheira de Adão praticou. A virgem Maria foi fundamental para a teologia cristã enriquecer o seu discurso. Pois, com a sua fé e a sua obediência, trouxe a vida e a salvação ao mundo, ao contrário da sua antepassada, que tinha trazido morte e desgraça para toda a espécie humana. Maria acreditou na Anunciação do Anjo Gabriel, obedeceu e, principalmente, se fez submissa aos desígnios divinos. "Ela seria a nova Eva, a anti-Eva: a Ave". Concebendo sem pecado, tornou-se o protótipo idealizado do feminino: destaca-se pela pureza sexual e pela maternidade, caminho de remissão às 'filhas de Eva'. Por intermédio dela, a Igreja conseguia oferecer às mulheres uma espécie de saída da condição pecaminosa instaurada por Eva. Para isso, era necessário criar um novo modelo de mulher, ideal e idealizado: a virgem, esposa e mãe.

No que envolve o Pará, Dom Macedo e outros representantes da Igreja Católica, desejavam construir uma espécie de supraidentidade católica. Assim, em uma ausência de um mercado religioso, o episcopado progrediu sobre as experiências religiosas e assegurou a primazia do controle da Igreja no Império em suas contendas com o Catolicismo tradicional, o Catolicismo popular e o catolicismo ilustrado. Nas palavras de Fernando Neves:

> Mais antiga e mal posicionada, a Igreja Católica tinha o legado da cultura letrada, da formação das elites na direção do Estado, mas, sobretudo ainda persistia hegemônica nas mentalidades das classes subalternas, como podiam atestar as muitas modalidades de experimentar a religião nos países aonde o Catolicismo conseguiu se postar ao lado do Estado. Contudo, a revolução burguesa foi, em essência, cometida contra a ordem social e política do regime absolutista, cuja característica do Estado fundido à Igreja encontrou senão seu acaso, ao menos deslocou esta última mais para condição secundária na direção do Estado.[120]

Houve um esforço para separar os leitores do periódico das transformações da modernidade, assim como, os editores d' **A Estrella do Norte** justificavam a separação da tradição da Igreja tradicional. Da parte dos liberais, existia um reconhecimento à tradição da

[120]NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Romualdo, José e Antônio**: Bispos na Amazônia do Oitocentos. Belém: EDUFPA, 2015.p,10.

Igreja quanto ao ideário de fé e caridade, no entanto, eram denunciadas as usurpações cometidas contra a sociedade, sobretudo contra o Estado. Por seu turno, a Igreja condescendia com as muitas práticas católicas, mas a desobediência ao núcleo da doutrina colocava em confronto o modelo diocesano com as experiências de catolicidade. Seguramente, a Igreja quer fazer-se atuante em todos os lugares para assistir as almas dos fiéis, contudo, a carência de religiosos para atenderem a tantas paróquias era um diagnóstico já assimilado por esta. Governar a Igreja nas províncias do Pará e Amazonas foi tarefa árdua, a recorrente falta de padres nas paróquias também era motivada pelas muitas licenças do cargo.Ainda sobre a temática Fernando Arthur Neves, ressalta que:

> Desde o início da cristandade, a Igreja passou por muitas depurações, extirpando formas doutrinárias construídas inclusive naquela aurora como gnosticismo, maniqueísmo e arianismo e outras conveniências religiosas estigmatizadas como heresias. No século XIX, os desafios foram renovados, porém, a Igreja não podia mais contar com a infraestrutura e os recursos de controle, como a Inquisição, disposta sob a forma de Tribunal do Santo Ofício; para assegurar a pureza da doutrina e culto responsável pela circunscrição católica apostólica romana. [121]

Em quase todo século XIX, a Igreja Católica no Brasil manteve-se subordinada ao Estado, uma herança da instituição do padroado. A independência política e a Constituição de 1824 não alteraram a visão do papel da Igreja no país, dando-se continuidade à política regalista, empreendida desde a época que o Brasil era metrópole portuguesa. Persistiu-se na ideia de que era necessário exercer o controle sobre as ações eclesiásticas a fim de manter a supremacia do governante na sociedade. Assim, foi concedido à Igreja o papel de religião do Império, mas reservaram-se parágrafos constitucionais que frearam o seu poder, ao exigir o consentimento para entrar em vigor as decisões dos religiosos e ao colocar o provimento e a escolha de novos bispos sob a responsabilidade do imperador.

> Embora não se tenha de pronto suprimido a Igreja do bloco do poder em todas essas experiências, pois constitucionalmente o Catolicismo continuou a gozar dos privilégios do *regalismo* ibérico, ficou patente a tendência de secularização do liberalismo contra as investidas católicas sobre o poder secular. Esta ameaça foi denunciada por Leão XII na bula *Quo Graviora*, repudiando qualquer possibilidade de um*modus vivendi* entre a Igreja e a Maçonaria. Não foi só um reforço as prédicas anteriores, ela assinala o acento da escalada contra as sociedades secretas devido ao risco iminente de fracasso do projeto da Igreja de hegemonizar a cultura do ocidente[122].

[121]Ibidem p,15.
[122]NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Romualdo, José e Antônio**: Bispos na Amazônia do Oitocentos. Belém: EDUFPA, 2015.p, 17.

David Gueiros Vieira[123] defendeu o que poderíamos chamar de "teoria da aliança liberal maçônica-republicana com o protestantismo". Sua tese era a de que havia um complô liberal-maçônico nacional, e, mais especificamente, provincial, para separar a Igreja Católica Romana da Coroa, e, quando convinha aos maçons e liberais, eles se uniam contra o Protestantismo, mas não somente a ele, como também a todos os outros grupos minoritários que sofriam com a união da Igreja com a Coroa. "Os maçons fizeram frente comum contra a Igreja Católica, como fizeram aos espíritas e aos judeus que se encontraram com os missionários".

Vieira afirma, ainda, que se baseou em duas premissas para o seu estudo, uma era a tese de Dom Antônio de Macedo Costa e do Arcebispo da Bahia, Dom Manuel Joaquim da Silveira; segundo os bispos, os grupos religiosos norte-americanos faziam parte do projeto imperialista americano para conquista das terras brasileiras. A segunda, de Bernard Faÿ e da Irmã Mary Crescentia Thornton, baseada em uma teoria conspiratória liberal de nível internacional que pretendia aniquilar a Igreja Católica Romana, usando como instrumento a Maçonaria. Logo após, afirma que depois de pesquisar diversas fontes, chegou à conclusão de que a primeira teoria não tinha fundamento, ao contrário da segunda.

Comprovou, em seguida, que houve sim uma cooperação entre liberais, maçons, republicanos, protestantes e grupos minoritários no Brasil contra o poder político da Igreja Católica Romana. No entanto, essa cooperação era, às vezes, local e, às vezes, nacional, mas, em geral, brasileira ligada a problemas internos do país.

"A presença protestante no Brasil e seu envolvimento com o grupo maçônico-liberal fora o elemento motivador das controvérsias locais que culminaram na luta entre os bispos e a Coroa"[124]. Vieira defende que a Igreja Católica Romana no Brasil passava por uma situação muito delicada no século XIX. Do ponto de vista espiritual, o clero era ignorante e heterodoxo (jansenista), negligente quanto aos deveres espirituais, e, violador das regras do celibato. Do ponto de vista político, o uso e o abuso do padroado enfraqueceram a independência da Igreja. Do ponto de vista econômico, como os clérigos eram pagos pelo governo. Para o autor, vários foram os elementos que entraram em conflito com a Igreja Católica Romana no Brasil, no século XIX, e o mesmo não ocorreu apenas em terras brasileiras, mas por toda a "Cristandade". Os elementos eram: o galicanismo, o jansenismo, o liberalismo, a maçonaria, o

[123] VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
[124]Ibidem, 1980, p.9.

deísmo, o racionalismo e o protestantismo, todos contra o conservadorismo e o ultramontanismo da Igreja no século XIX.

Diante da conspiração, a Igreja Católica procurou armas para se defender, e como a impressa periódica era uma ferramenta que era usada pelos leitores, sua defesa foi feita também nas publicações impressas nos jornais, com inúmeras narrativas que discorriam acerca de considerações negativas sobre o protestantismo e demais doutrinais que conspirassem contra o Cristianismo.

O jornal foi usado para referendar a missão da Igreja como evangelizadora, para tanto, era tarefa principal valorizar seu conteúdo "excepcional, extraordinário", em algumas vezes veiculados como verdades absolutas e dessa maneira, construiriam, a memória de seu lugar na sociedade e a partir de sua visão, estabeleceriam a ideia do pensamento da sociedade. Diante do exposto, cabem os seguintes questionamentos: quem eram os leitores d' **A Estrella do Norte**? Seria possível a partir da análise apenas das publicações e a partir delas fazer a constituição do leitor do jornal, a que de leitor se destinava preferencialmente a folha católica? Teórica e metodologicamente, alguns autores e editores fornecem pistas para recuperação de quem era o leitor. Outra referência que nos permite pressupor quem seria esse agente de leitura seria a recuperação do contexto histórico da publicação, quais as pistas do editorial.

O veículo impresso sendo formador de opinião pública, e que em algumas vezes ultrapassa o universo leitor do jornal, e assim alcança um público de outras camadas sociais, que foram influenciados pelos artigos, críticas, súmulas entre outros acabam contribuindo para proliferação das ideias expostas no periódico. A publicação seriada não deve ser vista apenas como uma obra com a qual o jornal desejava conseguir público leitor para fins lucrativos, mas digamos que havia um objetivo maior que era buscar fieis para a Igreja Católica.

Tratava-se de uma transformação na cultura impressa local, na qual as obras consideradas canônicas e eruditas passaram a ser popularizadas, proporcionando a ampliação do repertório de leitura do público. Desse modo, acontecimentos que seriam isolados em outros países passaram a fazer parte dos debates na Província do Grão Pará, o que poderia imprimir um novo repertório de comportamentos e opiniões.

A Estrella do Norte publicou romances moralizantes e religiosos, com o objetivo de doutrinar a população do Grão-Pará. Pensar o romance publicado no Pará durante o século XIX significa, pensar a sociedade na qual ele foi produzido, editado, traduzido, circulou e foi lido. E pensar ainda que a atividade literária em Belém, não era incipiente, e que apenas o Rio

de Janeiro era por excelência o detentor das atividades editoriais.O romance, como um tipo específico de discurso, só adquire realidade social ao longo de um complicado processo de produção, circulação e consumo. Dessa forma, o gênero só existe como parte de uma dinâmica ideológica. Uma vez que, é no âmbito do processo ideológico global de uma sociedade que ele se define e assim desempenhar suas funções.

A leitura de narrativas publicadas nos periódicos é necessária, para entendermos algumas necessidades do XIX, por exemplo, a noção ampliada de educação, pois, é necessário considerar que a ação educativa era exercida por várias instituições; concomitantemente ao que se tinha como ideia de escola, os meios não escolares de formação tiveram importante função na transmissão de valores, comportamentos e na difusão de conhecimentos. Entre as referidas ferramentas de transmissão de conhecimento, situa-se a produção e a circulação de romances, jornais e revistas. Os jornais tinham como princípio o projeto de veicular valores e ideais visando educar o público leitor, dentro de um projeto civilizatório. Dessa forma, a imprensa passa a ser constantemente referida como meio mais eficiente e poderoso de influenciar os costumes e a moral pública, discutindo questões sociais, políticas e religiosas.

A posição da Igreja reflete, de um lado uma doutrina religiosa na qual a mulher sempre figurou como ser secundário e suspeito, e de outro lado seus interesses investidos na ordem vigente na sociedade. Ao estudarmos, os textos que tratam sobre a importância da mulher na sociedade do século XIX, percebemos que eram atribuídas qualidades admiráveis à mulher, contudo, havia uma insistência que suas características tornavam-na incapaz de participar em igualdade com homens na vida social e política. O controle social exercido sobre as pessoas para perpetuar um determinado padrão de vida pode ser claramente definido no universo religioso, cujo papel tem sido o de manter a mulher como mãe e esposa dedicada. A tradição judaico-cristã apresentou, ao longo de sua trajetória, a mulher como um ser inferior e submisso ao homem. Seu legado foi responsável pelo sufocamento de uma via feminina na teologia, na doutrina e na autoridade do cristianismo. A figura feminina é associada, no catolicismo, ao modelo mariano de santidade e perfeição, ao de pecadora, personificado na imagem de Eva e a de Madalena, a pecadora que se redime.

Portanto, o fio condutor deste capítulo, concentrou-se nas ideias de Dom Macedo Costa sobre o desenvolvimento da Província do Grão Pará, por meio das publicações divulgadas n’ A Estrella do Norte. Nas inúmeras narrativas veiculadas no jornal supracitado, percebemos a excessiva preocupação dos editores em transformar a Amazônia em um local eminentemente católico, uma vez que os ideais ultramontanos estavam relacionados a uma

série de interdições que impediam que as concepções modernas chegassem à Província do Grão Pará.

As notícias publicadas evidenciavam o desejo do editor em difundir os preceitos católicos, e assim educar e formar a população que lia o jornal.Em meio ao contexto da década de 60 em Belém **A Estrella do Norte** se firmava como folha defensora e difusora da religião católica. Em relação ao posicionamento político no seio da Igreja, local que havia uma bipolarização entre os clérigos, o periódico seguiu os ideais tradicionais e defendia veementemente a figura do Papa.

CAPÍTULO 3 - *FABIOLA*: A MORALIZAÇÃO NAS PÁGINAS D' *A ESTRELLA DO NORTE*

> *O romance é hoje em geral um facho ardente, que leva a toda a parte o ensino da imoralidade e da incredulidade. Que devastações que ele não faz em todas as classes, nas menos instruídas principalmente! Quantos pobres operários, quantas mesquinhas raparigas, que mal vivem do seu trabalho, não bebem no romance as mais depravadas e errôneas ideias, tendo-as na conta de puras verdades, só porque as leram nos mentirosos noveleiros, chamados Alexandre Dumas, Eugenio Sue, e outros que tais! Esta torrente do mal tem-na bons espíritos querido corrigir, publicando bons romances que no ânimo de seus leitores excitem sentimentos de religião, de respeito e de ordem. Foi ótima ideia, porque se era impossível suprimir àquela torrente, só assim se poderia remediá-la.*
>
> (Dom Macedo Costa)

Novos critérios de ajuizar acerca do gênero romance surgiram no decorrer do século XIX, quando o número de leitores aumentava a cada dia. Mas ao lado dos discursos que aprovavam o romance, houve quem não imprimisse pareceres favoráveis, como mencionado na epígrafe deste capítulo. No dia 27 de março de 1864, Dom Macedo Costa, representante da igreja católica no Pará, publica n' **A Estrella do Norte** a narrativa: **Prólogo à versão de um romance**, que expunha o demérito dos romances que não fossem construídos de acordo com o teor moralizante.

O bispo evidencia ainda, a receptividade positiva sobre a moralidade, como parâmetro assertivo para a avaliação dos romances, pois a obra devia apresentar caráter edificante e ser capaz de moralizar os leitores, instruindo-os e incutindo-lhes pensamentos e atitudes consideradas positivas, sobretudo pelos representantes da Igreja Católica.

Nos anos de 1865 e 1866, o romance **Fabíola**, de autoria do Cardeal Nicholas Wiseman, foi divulgado[125] em 56 capítulos, no jornal paraense **A Estrella do Norte**[*126*]. Essa obra foi anteriormente publicada na Inglaterra no ano de 1854, no formato livro. Nesse suporte a obra era dividida em dois volumes, com soma de 458 páginas. Logo no início, o narrador em terceira pessoa que conduz e sustenta a trama, convida o leitor a caminhar em uma tarde de setembro pelas ruas de Roma. Nesse momento também, o público é convidado a conhecer um romance diferente das quais o autor denominava como "aquelas obras". **Fabiola** foi publicado em Belém aos moldes do romance folhetim, com o enredo em pedaços, sempre com histórias interligadas.

---

[125]O romance foi revisto e corrigido sob a tradução de Lisboa, em 1863, por M.J. de Mesquita Pimentel.
[*126*]A primeira edição do jornal data 6 de janeiro de 1863, sob proteção de D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará. Impresso na Typografhia Eclesiástica da *Estrella do Norte*.

A história acontece em Roma nos princípios do século IV D.C, durante as perseguições aos cristãos promovidas no império de Diocleciano[127]. A protagonista do livro é Fabíola, uma bela jovem de família romana nobre, descrita pelo narrador como mimada e insensível. A nobre romana parecia ter de tudo, inclusive uma educação primorosa em filosofia, mas, apesar das aparências, não estava feliz. O momento de importância na obra é um episódio que iniciará a transformação da jovem pagã. Um dia, em um acesso de raiva, ataca e fere a escrava, Syra, que secretamente era uma cristã. A **fútil** menina romana é, entretanto, humilhada com a resolução de Syra, que reage a essa situação com resignação e maturidade, pois a escrava tem a oportunidade de partir, mas decide continuar a prestar serviços à senhora romana. Uma lenta transformação tem início na jovem ***voluntariosa***, que culmina finalmente na sua conversão ao cristianismo, levada por Syra e por sua própria prima, Agnes e pela amizade com Sebastião.

O romance expõe também a gradual conversão ao cristianismo da jovem Fabiola, pois nos momentos iniciais da obra a jovem é apresentada como pagã, e totalmente descrente ao que envolva a fé cristã. Outra personagem de importância é a escrava Syra, que possui sabedoria e virtude, o que a torna uma personagem diferente das outras escravas. No romance, também foi narrado o martírio de Sebastião, da cristã Inês e da jovem cega Cecília, que praticavam os credos cristãos. Os personagens que atuavam como antagonistas e perseguidores dos cristãos são Corvino, filho do prefeito, Fulvio, que trabalhava diretamente para o imperador, e era o perseguidor mais ávido dos cristãos, que capturava os seguidores do cristianismo e levava ao Imperador em troca de recompensa, mas seu objetivo maior é casar como Fabiola e assim herdar a herança da jovem, já que, o pai da moça já tinha falecido.

Na primeira parte do romance a partir das reflexões feitas por Syra as certezas de Fabiola começam a ser questionadas, mas apenas na segunda parte da obra é iniciado o processo de conversão, quando a jovem pagã convive com Inês, com Sebastião, é nesse momento que a origem de Syra é explicada, pois seu verdadeiro nome era Mirian, e sua procedência era cristã desde a infância, e, é ainda relevada a origem de Fulvio que era irmão de Syra e estava envolvido na venda da irmã como escrava. Fulvio, por perseguir os cristãos e perceber que Fabiola estava em processo de conversão, e ainda não aceitou seu pedido de casamento, tenta assassinar a jovem que ainda era pagã, mas Syra salva a vida de Fabiola e recebe o golpe que foi destinado a nobre romana.

[127]Imperador romano que praticou a mais intensa perseguição ao povo cristão, conhecida como "A perseguição de Deocleciano" que obriga os cristãos a cumprirem as práticas tradicionais romanas. Caio Aurélio Valério Diocleciano, governou no período de 284 a 305.

3.1. Fabiola: páginas moralizantes em terras paraenses

No século XIX, o ato de ler tornou-se cada vez mais comum entre as pessoas. Por esse motivo, a leitura passou a exercer grande influência na construção da identidade do leitor. Dessa forma, é na narrativa que o autor constata uma forma de transpor o real para a ficção. É por meio das histórias das personagens femininas do romance **Fabíola** que o enredo ganha vida, e é também em torno delas que acontecem as ações.

Neste capítulo faremos uma análise do romance **Fabíola**, sobretudo das personagens femininas Fabiola e Syra, objetivando observar o teor moralizante e religioso que a narrativa pretendia transmitir aos leitores, relacionando tais análises às práticas de leitura das mulheres do século XIX, mais especificamente em Belém.

O prefácio do romance **Fabíola**, assinado pelo autor, expõe os méritos da narrativa e justifica a publicação da obra, uma vez que no prólogo[128], o religioso se debruçou em discursar acerca das verdadeiras virtudes cristãs, pois seu desejo era familiarizar o leitor com os usos, hábitos, sentimentos e espírito dos primeiros séculos do cristianismo, como demonstra a seguinte citação:

> Na verdade, é desejado ardentemente que esta pequena obra, escrita exclusivamente para recreação, ser lido também como um relaxamento das mais graves perseguições, mas que, ao mesmo tempo, o leitor pode subir a partir da sua leitura com uma sensação de que seu tempo não foi perdido, nem a sua mente ocupada com ideias frívolas.[129]

Conforme apresentado na citação, entendemos que Wiseman objetivou fazer uma crítica positiva ao romance[130], pois pretendia incentivar o leitor a ser virtuoso, já que a história da personagem Fabiola demonstrou que a moralização não é um acontecimento qualquer, mas aquele cuja ocorrência pesa perante à atitude de cada personagem quando exposta no ato da leitura, e assim, influenciar decisivamente o comportamento daqueles que entrassem em contato com a obra.

---

[128]Os prólogos funcionam ao mesmo tempo como área de confissão do autor e tentativa de sedução do leitor. Servem, ainda, como guia para a leitura. Em busca de um público solicito, leitores e leitoras são tratados com reverência pelo autor e seduzidos por ele a seguir, como discípulos, as linhas de orientação traçadas no prefácio. SALES, Germana. **Palavra e sedução**: uma leitura dos prefácios oitocentistas. Tese de Doutorado. IEL, UNICAMP. Campinas, SP: 2003.

[129]WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. Lisboa. Livraria Internacional.1872, p. 10.

[130]Embora fonte de inconvenientes físicos, há leituras que valem a pena, enquanto outras são unicamente perniciosas. Dentre estas, muitos incluem a leitura dos romances, tida como perigosa, pois faz com que se perca tempo precioso, corrompe o gosto e apresenta situações moralmente condenáveis. A leitura de romances traz à baila discussões de natureza ética, religiosa e intelectual, tanto mais acaloradas quanto mais se percebe a disseminação do gênero e sua influência sobre os leitores. ABREU. Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo. Companhia das letras. 2ed. 2012.p. 269.

A partir do século XIX, nota-se uma maior quantidade de romances adentrando a capital paraense, de origem francesa, portuguesa e inglesa e algumas obras extraídas de outros periódicos que não mencionavam nacionalidade ou autoria. Essas histórias nas quais os leitores facilmente se identificavam eram repletas de descrições e digressões. Apesar da intensa circulação das obras ficcionais, havia uma parcela de indivíduos que acreditava que tais narrativas possuíam um caráter subversivo, por exemplo, por incutirem na mente das moças um ideal de amor ligado à liberdade de escolha e a preceitos que a Igreja Católica não aprovava. Tal posicionamento deveria ser repreendido, pois não podia ser perdido de vista o ideal de sociedade que estava ligado ao matrimonio e sua indissolubilidade.

Diante disso, cabem as seguintes reflexões: no século XIX, era comum os jornais publicarem histórias de suicídio por amor, um sonho desfeito, o amor negado, a traição e a morte. Logo, os autores, assim como os editores dos periódicos, exploravam o potencial melodramático desses temas que se popularizavam em folhetins ao longo do século XIX. Dessa forma, foi construído um dinâmico mercado editorial, e como Belém tinha uma vinculação com Portugal, houve um crescimento sociocultural, cujas formas de sociabilidade aconteciam por meio das informações que eram compartilhadas nas páginas dos diários impressos.

A leitura dos textos ficcionais publicados n' **A Estrella do Norte** demonstra um dos principais critérios de avaliação das narrativas presentes no periódico pesquisado, 1863-1869, era a abordagem de conteúdo moralizante[131]. Desse modo, havia a proposta da folha religiosa em seguir em sentido contrário às publicações veiculadas em outras páginas noticiosas, e assim expor ao público leitor os malefícios do romance[132].

A leitura da narrativa indica a abordagem da moralidade como um dos critérios mais importantes na análise de romances publicados no periódico comandado pelo bispo Dom Macedo Costa. Esse enfoque na análise da moral relaciona-se com o processo de ascensão do gênero na Europa, o qual foi marcado por discussões acerca da pertinência da leitura de prosas ficcionais, muitas das quais se centravam na denúncia da imoralidade dos textos, como

[131]Os romances moralizantes publicados no periódico foram *Ouro*, *A Convalescença* e *O Jogador* (1863); *A lâmpada do Santuário*; *A Benedicta (1864)*; *Olderico* ou *O Zuavo*, *Pontifício* (1866).

[132]A emergência do romance moderno foi acompanhada de admiradores, como Staël e Diderot, que elogiaram os possíveis efeitos do gênero sobre o público leitor. Entretanto, esse ponto de vista estava longe de ser um consenso, pois houve também aqueles que o criticaram. Mas quem seriam estes últimos e onde poderíamos encontrar essas visões depreciativas do gênero literário que, ao longo do século XVIII, via seu público leitor aumentar? AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta**: A Moreninha e Os Dois Amores. Campinas. 1998. 255 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1998, p. 75.

forma de condenar sua leitura e na defesa de seu conteúdo moralizante como estratégia para exaltar o gênero. As postulações de Márcia Abreu indicam que:

> O Brasil recebeu não apenas os romances, mas os ecos das polêmicas que tanto animaram os europeus durante o século XVIII. Na Europa a difusão do gênero foi acompanhada de forte polêmica, opondo detratores e defensores da nova forma, brandindo argumentos **estéticos**, **religiosos** e **morais**. Aqui e ali pequenos textos publicados na imprensa brasileira repetiam argumentos empregados nas discussões europeias sobre o gênero.[133]

Valéria Augusti salienta também a importância do teor moralizante em detrimento ao próprio enredo desses romances:

> A construção dos personagens, o cenário e a trama têm prioridade sobre a pregação moral que, neste caso, assume um papel secundário. Enquanto nos manuais de conduta o leitor encontra a exposição sistemática dos preceitos, nos romances ele os encontra dispersos ao longo do enredo, apresentados ao leitor por meio dos diálogos e comportamento dos personagens, assim como dos comentários que o narrador tece acerca dos mesmos. Entretanto, nessa dispersão é possível, segundo os críticos, perceber a "moral em ação". Tal tarefa exige, sem dúvida, um trabalho minucioso de desvelamento. [134]

Em relação à leitura de romances, existia a liberação apenas para romances prescritos pela autoridade religiosa, pois a igreja percebeu que para tentar combater obras subversivas e imorais, devia atacar tais obras com a própria publicação do gênero, mas apenas narrativas com conteúdos moralizantes e religiosos. O teor prescritivo desses romances, sobretudo de **Fabíola**, será melhor desenvolvido no tópico seguinte que trata sobre o ofício do narrador da obra.

3.2. O ofício do narrador: guia de leitura

A partir da leitura do romance, cabem alguns questionamentos: Qual o posicionamento ideológico do narrador de **Fabiola** e quais suas escolhas valorativas ao expor a descrição de cada personagem, e cada ambiente? Uma vez que, ao iniciar a narrativa já expõe que seu papel será de extrema importância "Usando nosso privilégio como "artistas de

---

[133] ABREU, 2004, p. 13 grifos do autor.

[134] AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta**: A Moreninha e Os Dois Amores. Campinas. 1998. 255 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas,1998, p. 87.

ficção" de entidades invisíveis, entraremos com o nosso leitor, ou como os antigos diziam, como a nossa sombra".[135]

Já no primeiro capítulo intitulado "A casa Cristã" o narrador, centrado na terceira pessoa, conversa explicitamente com o leitor ainda nas primeiras páginas e anuncia elaboração de um discurso moralizante, "caro leitor, em breve conheceras o ambiente que vivem verdadeiras famílias que temem a Deus". Desse modo, os momentos iniciais do romance anunciam uma espécie de narrador comentarista que não se atém apenas em "narrar" ou "mostrar" os fatos, mas busca discutir com seu leitor, observando as minúcias de caráter e aspectos que pontuam certa complexidade de suas personagens, como por exemplo, quando explica aos leitores, que "detido em prolixas descrições; mas elas tornavam-se necessárias, para que conhecendo bem o estado material e social de Roma na época da narração, assim ficassem melhor orientados". [136]Ainda no primeiro capítulo, o narrador nos apresenta a personagem Lucina, mãe do jovem Pancrácio, ambos viviam em Roma como pagãos, mas secretamente praticavam o cristianismo:

> Diante de uma mesa, por detraz das colunas de mármore Phrygio, está sentada uma matrona que se vê estar ainda muito avançada em anos, cujas feições nobres ainda que meigas, mostram ter já sofrido grandes dores em tempos passados. Mas, uma influência poderosa subjugou a lembrança dessas dores passadas, ou uma esperança enviada do céu veio adoça-las; e estes elementos, dominando o pesar, deixaram-lhe tranquilo o coração. A simplicidade de sua aparência forma um contraste estranho com tudo que a cerca; seus cabelos, em que brilham bastante como fio de prata, em vez de ligados por algum artifício, caem soltos; seus vestidos são da forma e da cor mais simples, sem nenhum bordado ou enfeite, além de uma fita de purpura chamada *segmentum*, que indica o estado de viuvez e, nem uma joia, nem um adorno precioso, de que damas romanas tanto usavam. A única coisa de valor que a isso se assemelha, é um cordão oucadeia delgada de ouro, que tem ao pescoço, e da qual pende um objeto, cuidadosamente oculto por dentro do seu vestuário. [137]

O narrador, ainda sem identificar a origem da mulher, constrói a personagem com uma descrição positiva, por exemplo, vejamos as expressões ou sentenças que confirmam o posicionamento do narrador: a palavra "matrona" expõe que a figura descrita é mãe, e sabemos da importância da figura feminina no período de criação da obra, meados do século XIX. Outra referência às valorações que o narrador nos apresenta são: "feições nobres ainda

[135] WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. A Estrella do Norte ed. 63. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 8.
[136] Ibidem, p. 7.
[137] Ibidem, *A Estrella do Norte* ed. 64. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p.8.

que meigas", o que demonstra que apesar de parecer ser da nobreza, a mulher, pode não ser romana. Ainda é exposto que o vestuário usado pela personagem difere das damas romanas, pois é simples e sem joias.

De acordo com o exposto no fragmento não podemos esquecer que havia um tom de crítica a quem se preocupava com ornamentos, o que demonstra a preocupação dos editores do jornal mediante à temática religiosa. O narrador demonstra tais questões implicitamente. A mulher não deve se preocupar com a vaidade, pois, havia a defesa do cultivo do espírito, a instrução e a aquisição do gosto pela leitura de obras que tinham a aprovação da Igreja Católica, uma vez que tal posicionamento por parte dos representantes da moral era direcionado para a educação feminina. A educação religiosa e moral configuraram-se como pano de fundo da narrativa. A moral cristã subjacente a esse romance parece ser uma característica importante que o tornava recomendável para as mulheres. Uma vez que, buscava-se combater práticas sociais diferentes das ações aprovadas pela sociedade.

Ainda no capítulo **A casa Cristã**, acompanhamos a preocupação da mãe de Pancrácio, pois o filho em algumas situações não escondia suas práticas cristãs, o fragmento demonstra que mãe e filho eram unidos e a importância da família relacionada à educação e religião.

> A luz veio realçar o efeito do estático grupo formado pela mãe e o filho; que ambos tinham ficado silenciosos, depois da virtuosa matrona Lucina ter respondido a última pergunta de Pancrácio, beijando-o na testa. Não era só amor materno que agitava o seu peito; não era só a satisfação da mãe que tendo educado seu filho na prática de virtudes tão belas, quanto difíceis de sustentar, as vê realçadas e estritamente desempenhadas por uma criança. [138]

Novamente, para construir suas considerações sobre as ações dos personagens, o narrador faz uso de adjetivos e expressões com carga semântica positiva. Desse modo, Lucina é exposta como mãe "virtuosa" e que constata que a educação oferecida a seu filho o tornou um jovem de princípios. É ressaltado ainda, que para uma família é difícil de sustentar uma educação religiosa e dentro dos padrões morais, o que demonstra a preocupação com o leitor que estaria em contato com a obra.

O diálogo entre o menino e a mãe continua, na sequência e é exposta a importância do amor a Deus, da religião e como os sentimentos do bem relacionados à "virtude cristã".

---

[138] Ibidem, A Estrella do Norte ed. 65. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 08.

(confuso) Lucina ainda sublinha que a piedade e o amor pelo próximo são referências importantes para a vida de qualquer cristão.

> Ansiosamente tenho eu observado o desenvolvimento que o germen da virtude cristã tem tomado em ti, e agradecida Deus a maneira porque via arreigarem-se os sentimentos do bem em teu coração. Tenho reparado na tua docilidade, na tua diligência, na tua piedade e no teu amor por Deus e pelo próximo.[139]

A personagem Fabiola é apresentada apenas no IV capítulo que tem o título de: **A família pagã**, o narrador começa a narrativa comparando a família de Pancrácio e Fabiola:

> Enquanto se passavam as cenas descritas nos três precedentes capítulos, outra de caráter, completamente diferente, tinha lugar numa casa, situada entre o monte Quirinal e o Esquilino. Esta casa pertencia a Fábio, que fazia parte da legião equestre; cuja família, cultivando grandes terrenos nas províncias asiáticas, tinha conseguido amontoar uma riqueza imensa. Era este edifício maior e mais suntuoso do que o já visitado. Tinha um grande peristilo ou pátio, rodeado de numerosos aposentos, ricos em todos os tesouros da arte europeia e abundando nas mais raras produções do Oriente. [140]

Outro recurso usado pelo narrador são as longas descrições de ambientes, mas tal atitude não é intencional, pois existe um motivo para as longas referenciações de espaço. Vejamos o que é exposto no relato da residência da personagem Fabiola, as articulações do narrador já são iniciadas pela comparação dos capítulos iniciais: "Enquanto se passavam as cenas descritas nos três precedentes capítulos, outra de **caráter**, completamente diferente", o título do capítulo também já apresenta que é uma família diferente.

> Esplendidos tapetes da Pérsia cobriam os pavimentos, sedas da China, estojos da Babilônia das mais lindas cores, e brocado de ouro da Índia formavam as armações, ao passo que várias obras d' arte curiosas, em marfim, e em diversos metais, serviam de ornato. Fabio, o possuidor de todos esses tesouros, era o verdadeiro tipo do romano indolente, que está completamente disposto a gozar a vida. E, quase podemos afirmar, que nunca se tinha lembrado de que depois desta havia uma outra. A maior parte do dia, passava-o em um dos dois estabelecimentos de banhos, que além do fim a que eram expressamente destinados, serviam de clubes, gabinetes de leitura, casa de jogos e ginásios. Não é, porém, só dele que queremos dar conhecimento ao leitor, senão também de outra pessoa que partilhava o seu luxo extraordinário, e que devia um dia ser a única herdeira de todas as suas riquezas. É sua filha, que segundo costume romano, tem o mesmo nome do

[139] (*A Estrella do Norte*, 1865, p. 65)
[140] Ibidem, A Estrella do Norte ed. 64. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 08.

> pai, suavizado pelo diminutivo Fabiola. Como costumamos fazer, conduziremos o leitor a seu aposento. [141]

Fábio, o pai de Fabiola, é descrito como detentor de inúmeras riquezas, sua casa era adornada com diversos objetos, oriundos de lugares distantes, o que demonstra que ele detinha poder e fortuna. Existe ainda, a menção a preceitos cristãos, por exemplo, o fragmento: "E, quase podemos afirmar, que nunca se tinha lembrado de que depois desta havia uma outra", quando o personagem só se preocupava com a vida na terra e não havia nenhuma menção a outro momento, por exemplo, à vida após a morte. O que expõe que o narrador escreve de um ponto de vista em conformidade com os credos cristãos que acreditavam na vida após a morte e que os atos praticados na terra seriam cobrados em outro momento.

> Não é, por forma alguma, nossa intenção, nem desejo, descrever-lhe minuciosamente as feições, preferimos ocupar-nos mais especialmente dos sentimentos de cada um dos nossos personagens. Contentar-nos-emos, portando, com dizer que Fabiola, que então contava vinte anos, não era em nada inferior a outras damas suas iguais em classe, idade e fortuna, e que tinha muitos pretendentes a sua mão. Mas seu caráter, era **desdenhosa**, **altiva**, **soberba** e **irascível**, governava ali como uma rainha, sobre todos que a serviam, à exceção de duas pessoas, e recebia friamente as homenagens de seus adoradores. [142]

Quando o narrador destaca que não pretende expor "as feições" físicas das personagens, constrói uma espécie de crítica às mulheres contemporâneas ao século XIX, ou seja, as possíveis leitoras do romance. A preocupação dos indivíduos deveria ser estritamente com o ornamento do espírito e sua salvação. Fabiola é apresentada à altura das damas da nobreza romana e de igual fortuna, mas seu caráter também é exposto, tendo em vista que percebemos que não foram economizados adjetivos negativos, como por exemplo: "jovem pérfida, sem sentimentos para com o outro, sem coração", entre outras denomiações. Apesar disso, o narrador já aponta que Fabiola não trata duas pessoas da mesma forma. Talvez este seja um indício de que, no decorrer do romance, o narrador de maneira sútil comece a defender a protagonista. Os dois personagens que Fabiola tratava com afeto eram o pai dela e a prima Agnes. Diante disso, das explicações do narrador, entendemos que era iniciada a defesa de Fabiola.

---

[141] Ibidem, *A Estrella do Norte* ed. 67. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 08.
[142] Ibidem,1865,p.9.

> Três escravas estavam então a seu serviço. São de diversas raças, e foram compradas por grande preço, não só pela sua bela aparência, mas também pelas raras prendas em que primam. Uma dessas é preta; não dessa desprezível raça vulgar, mas de uma raça tal como feições tem a regularidade dos povos asiáticos. É grande conhecedora de plantas, e das suas propriedades cosméticas, medicinais ou perigosas, compõe filtros, beberagens e venenos. Conhecem-na apenas pela sua designação nacional de afra. Junto desta, está outra escrava grega, escolhida pelo seu requintado apuro no vestir, e pela elegância e pureza de sua linguagem; chama-se Graia. O nome de Syra, porque é conhecida a terceira, nos diz que é da Ásia, distingue-se pelos seus ricos bordados e pela assiduidade no trabalho. Conserva-se sossegada e silenciosa, toda entregue ao desempenho de suas obrigações.[143]

A figura do narrador é consolidada como uma figura que advoga a favor das personagens, pois expõe os fatos, como um defensor da religião católica e acredita nas transformações relacionadas à conversão de indivíduos que não professavam a fé cristã. O narrador conserva sua função primeira de narrar os fatos, mas acaba potencializando sua capacidade de emitir conselhos, como uma espécie de intervenção na vida do leitor.

Como exemplos, podemos mencionar que o narrador, aconselhava o leitor a não julgar o comportamento de Fabiola, como podemos demonstrar a seguir: "Fábio não imaginava que devido suas intenções de cercar a jovem de carinhos, devido a ausência do amor maternal, seria o culpado de tornar a filha, um ser humano incapaz de emitir um sentimento de bondade", o narrador de uma forma discreta, insinua que a jovem agia de tal maneira, porque seu pai era o culpado, uma vez que, permitia que a filha fosse atendida em todas as suas vontades, na concepção do narrador a questão de não ser imposto algum limite à jovem, sugeria que o fator desencadeador das atitudes egoístas e perversas da personagem.

3.3 – Syra e a mediação de leitura

Atividade comum no século XIX, o ato de ler em coletividade, ou seja, das tradicionais leituras em rodas, feitas geralmente pela matrona da casa no âmbito familiar, se estende à individualidade. Fortifica-se, nesse período, uma preferência pela leitura individual, uma vez que esta proporciona um contato mais íntimo, mais pessoal entre o leitor e a obra lida. As mudanças advindas por meio da modernidade preocupavam a Igreja Católica em âmbito mundial[144], por isso, apresentamos a hipótese de o a publicação do **Fabiola** tentar resgatar os cristãos, tanto na Inglaterra quando a obra foi publicada no formato livro, como

[143] Ibidem, *A Estrella do Norte* ed. 67. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 07.
[144]DELUMEAU, Jean. **De religiões e de homens**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 268.

em Belém, quando foi publicada em série. E ainda, a preocupação do autor em construir uma personagem como a escrava Syra, que lê para a personagem Fabiola e emite pareceres nas leituras feitas para a jovem romana.

> Mas o que significa ler nas sociedades tradicionais? Com efeito, a capacidade de decifração que muitos possuem recobre uma gama de habilidades das mais virtuosas às mais hesitantes. Trata-se, portanto, de reconstituir, se possível, essas diferenciações mascaradas até hoje pelo emprego da noção necessariamente simplificadora da alfabetização, que opõe, sem nuances, duas populações[145].

Chartier[146] sublinha que o estudo das práticas de leitura, de escrita e do uso do livro estão associadas às questões relacionadas com as diferentes maneiras de viver em uma determinada civilização, uma vez que, indagamos em qual medida a leitura e a mediação da informação podem ser investigadas sob uma perspectiva histórico-cultural, no romance **Fabiola**. E quem seria a personagem, apresentada como escrava que teria um talento para decifrar as leituras mais complexas. Como podemos demonstrar na descrição de Syra:

> A jovem escrava parecia ser diferente das outras servas, era perceptível que Syra se portava de maneira distinta das outras escravas, conhecia bem a leitura filosófica, sabia reconhecer o que a senhora podia ler ou não, e ainda apesar de todos maus tratos por parte de Fabiola, a escrava parecia ter um sentimento fraternal pela jovem romana[147].

Na narrativa, a origem da personagem Syra até um determinado momento não fica clara, o que suscita o questionamento, como uma escrava teria tanta instrução? Uma conjectura seria que algumas escravas do pai de Fabiola foram adquiridas por um alto custo financeiro, e como havia a perseguição dos romanos ao povo cristão, inferimos que a escrava, poderia ter uma origem nobre. Sabemos apenas que a essência da obra era divulgar a história do cristianismo, talvez por isso, o narrador antes de apresentar que Syra era cristã desde o nascimento, demonstra que tencionava criar uma expectiva quanto à origem da escrava.

Ao descobrir a possível linhagem de Syra, seria possível explicar como a escrava podia ser conhecedora de inúmeros títulos de leitura, uma vez que, os leitores potenciais dessa época tinham trânsito livre em bibliotecas públicas e muitos já tinham bibliotecas particulares, também cada vez mais numerosas a partir da época do Imperador Augusto. Aliás, a biblioteca

---

[145] CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.82.
[146] Ibidem, 2009, p. 16.
[147] WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. A Estrella do Norte. 1865. Ed. 18.p.7.

particular tornou-se um sinal obrigatório de *status* nas residências de pessoas abastadas, mesmo que pouco instruídas e incapazes de ler bem. Livros e leituras estavam profundamente inseridos no mundo das representações que distinguem os grupos sociais.

Outra suposta resposta ao preparo intelectual de Syra seria ter lido inúmeras vezes às mesmas obras, na casa de senhores anteriores. E, dando a conhecer sua vasta instrução, não fazia desejo de ostentar sutileza de espírito, nem tão pouco era ela o fruto de grande leitura, ou o resultado de sua esmerada educação. De acordo com o narrador "Fabiola via nas palavras e no comportamento de Syra vestígios de tudo isso, mas ao mesmo tempo, conhecia que os livros que lhe dava a ler continham muitas coisas novas para ela". [148]

> Numa bela manhã de outubro, senhora e escrava ambas estavam lendo, reclinadas à sombra, quando Fabiola, enfastiada com o estilo do livro que Syra tinha na mão, procurou outro mais moderno e de leitura mais agradável, e tirando do seu cestinho um manuscrito, disse:
> _ Syra, põe de parte esse livro aborrecido. Toma lá este, que me dizem ser muito interessante, e que saiu há poucos dias. Será uma novidade para nós ambas. [149]

A imagem que o autor constrói das duas mulheres "reclinadas à sombra", que desfrutam do ato da leitura demonstra a aplicação da moral. Existe ainda, a situação de Fabiola estar desinteressada da leitura feita pela escrava. O narrador sai de cena e aciona o discurso indireto, e assim dá voz à Fabiola, pois é a jovem que pronuncia que a leitura está aborrecida, pois deseja ouvir a leitura de um livro que fosse "novidade", mas tal atividade talvez não estivesse dentro dos preceitos considerados moralizantes.

Fabiola não exercia a atividade de leitura diretamente, porque fazia parte da nobreza e tinha inúmeros escravos. Na sequência do que foi narrado quando a jovem pagã solicita uma nova leitura, a escrava seguiu às orientações da senhora, e iniciou a leitura da obra sugerida. Até então, não saberíamos se a capacidade da escrava era de quem poderia ler em silêncio e, sobretudo, compreender, mas o narrador expõe que no momento que Syra lê as primeiras páginas do livro considerado impróprio, percebe ainda em silêncio que não devia iniciar tal atividade em voz alta. Pois a narrativa estava na categoria de obras imorais.

> A escrava fez o que sua senhora lhe ordenava, mas ao olhar para o pequeno volume, corou. Leu algumas linhas, e reconheceu que os temores eram bem fundados. Ela viu que era uma daquelas obras imorais que se deixavam circular livremente, como S. Justino se queixava, apesar de serem

[148] WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. A Estrella do Norte ed. 68. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 8.
[149] Ibidem, *A Estrella do Norte* ed. 68. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p.7.

> reconhecidas como tais; obras em que seus autores procuravam astuciosamente ofuscar o brilho da virtude, ao passo que os escritos cristãos eram proibidos, ou se havia tornado objeto de ódio. Fechou o livro, e, tranquila, mas resolutamente, disse:
> – Querida senhora, não me ordeneis que leia semelhante livro. Não é próprio nem para eu ler, nem para vós ouvirdes.
> Fabiola ficou espantada. Nunca lhe tinha vindo a ideia que alguém se atrevesse a procurar contrariá-la nos seus estudos. Obras que em nossos dias se proibiram como pouco decentes, eram, naquele tempo, a literatura da moda. [150]

Syra cumpre a tarefa porque recebeu uma ordem de sua senhora, pois o narrador escolhe cautelosamente os verbos para demonstrar as atitudes de Fabiola. Segundo a descrição da cena, apenas ao olhar a obra, a jovem "corou". E ao principiar a leitura, constata que "seus temores eram bem fundados", pois se tratava de um volume considerado "obra imoral", pois o fragmento expõe que tal obra era classificada como "literatura da moda".

Fabiola não permitia ser contrariada, assim indaga inúmeras vezes qual o motivo de a escrava não continuar a leitura, pois questiona ainda, quais são as regras da virtude, qual o motivo que aborreceria a leitura de tais livros, uma vez que desde "Horácio até Ausônio, todos os autores clássicos o provam, quando eles descreviam cenas, que por toda a parte, sobre a tela, ou pelo cinzel, se viam reproduzidas, e que todos os dias se presenciavam?". [151]

Apesar dos questionamentos de Fabiola, a escrava vai explicar sobre as leituras que corrompem a alma, e trazem para o indivíduo demonstrações do bem e do mal na figura dos personagens. Assim, as leituras que eram consideradas subversivas não deviam ser lidas no seio de um lar que seguia os preceitos religiosos, apesar da jovem protagonista ser apresentada como pagã, pode ser feita a leitura de Syra como as instituições que divulgavam regras "prescritivas" para os leitores durante o século XIX. Chartier considera que a leitura "é uma armadilha, acrescentarei que ela é um mecanismo apto a produzir efeitos e que a leitura é, no fim das contas, a oscilação dessa máquina em um confronto com o corpo, com o tempo e com a cultura adquirida. A leitura é, portanto, uma estratégia do afrontamento e da manipulação".

As leituras favoritas de Fabiola eram as obras filosóficas. Todavia, muitas vezes, ficou surpreendida de ver como a escrava, com uma simples reflexão, destruía máximas, nas aparências sólidas, e de como, com moral persuasiva, "patenteava todo o fulgor da verdade,

---

[150] Ibidem, *A Estrella do Norte* ed. 78. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 08.
[151] Ibidem, *A Estrella do Norte* ed. 79. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 07.

de um modo mais evidente e palpável do que o tinham feito autores, que até então admirara seus escritos.” [152]

> Fabiola não conhecia outro meio de distinguir o bem e o mal, a não ser aquele que tinha recebido em sua educação.
> – Que mal pode essa leitura fazer a qualquer de nós? Perguntou ela, sorrindo. Não duvido de que hajam muitos crimes, e ações torpes, descritas neste livro; mas isso não deve induzir-nos a que as comentamos, e, narradas por outrem, podem diverti-nos.
> –Sereis acaso capaz de as cometer?
> –Não, por certo!
> –Ao lê-las porém, preocupam-vos o espírito, e como vos divertem, as recordais com prazer.
> – Certamente! E então que se segue daí?[153]

Na narrativa, a leitura em voz alta demonstrava que Syra era a dama de companhia de Fabiola e assim exercia o papel de mediadora no ato de leitura, logo a leitura em voz alta pode ser compreendida como um processo de longa duração, a diferença entre leitura oral e leitura silenciosa também pode ser entendida como um índice das distâncias socioculturais em uma dada sociedade.

Outro significativo aspecto apresentado pelo narrador refere-se à formação de leitores no âmbito doméstico. A família era a principal responsável pela construção de valores necessários a sua manutenção, desde religiosos, éticos, morais até os de conduta social, e foi nesse importante espaço privado de vivência que a prática da leitura se desenvolveu, principalmente se levarmos em consideração que o gosto pela leitura se constitui em uma atividade adequada a esse contexto de privacidade doméstica, como exemplo, destacamos um fragmento do romance no qual Syra ler após o jantar e o pai de Fabiola está presente (a jovem escrava pega a pedido de Fabiola o cesto que guarda alguns escritos antigos, Fabiola ordena que Syra não leia algo tão enfadonho. O pai pede a criada que atenda ao desejo da filha e é interessante que aparentemente Fabio não está preocupado com a leitura que a filha fará.), supomos que talvez isso aconteça porque Syra sempre protege a Fabiola de ler o que era considerado (imoral).

Enquanto que, em outros ambientes formais e rígidos a leitura é utilizada como meio de acesso à informação e formação de uma nova visão de mundo, ler em casa está relacionado, na maioria das vezes, ao lazer, uma vez que o âmbito doméstico proporciona, dentre outros benefícios, o conforto e o aconchego ao leitor.

---

[152] Ibidem, *A Estrella do Norte* ed. 80. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 08.
[153] Ibidem, 1865, p.07.

Quando indivíduos passaram a ser entendidos como agentes da ação que move o mundo, a questão da representação ganhou destaque. Anteriormente, definiam os indivíduos, mas hoje se entende que os sujeitos se apropriam e recriam de diversas formas as informações que recebem. Logo se os sujeitos interpretam de diversas maneiras o mundo que os cerca, as estruturas nas quais estão inseridos, significa dizer que tudo o que produzem é influenciado pela interpretação que fazem do mundo. Chartier[154] considera ainda que "representações são estes esquemas intelectuais que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido".

A leitura realizada pelas personagens segue um protocolo, logo cada comunidade de leitores lê de acordo com um protocolo de leitura, o investimento do corpo e a leitura em voz alta constitui tal atividade. Na Roma antiga ainda havia a limitação de livros e a concentração era nas residências ou em bibliotecas. A descrição das práticas de leitura representa dimensão do esforço de controle e do desejo de estabelecer protocolos de leitura que buscasse determinar interpretações corretas e usos adequados dos textos. A leitura é um instrumento fundamental de educação e correção de desvios, assumindo papel decisivo no desenvolvimento intelectual e na formação do caráter e da moral da personagem principal.

O ataque contra os romances vinha tanto de autoridades religiosas quanto de intelectuais, ambas concordavam que esse gênero deveria ser evitado, principalmente pelas mulheres, pois se imaginava que elas eram mais fáceis de serem influenciadas pelos maus exemplos comportamentais, que os personagens na história manifestavam, pois ordinariamente as mulheres eram governadas pela imaginação.

Todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores e normas são fornecidos ou sugeridos pela sociedade e seu tempo. Logo, para entender as representações presentes no romance, faz-se necessário entender a sociedade na qual o romance **Fabiola** foi produzido e que também circulou:

> Fabiola não é uma obrazinha frívola feita por escritores que objetivavam corromper o público leitor, caro amigo que lê está estupenda obra que narra os fatos de verdadeiros herois cristãos. Os representantes da Igreja Católica encomendaram uma série de obras, tinha decidido começar pela Igreja das basilicas, mas em meio a uns objetos antigos, encontrei alguns manuscritos que narravam à história de vida da santa Fabiola e seus companheiros.[155]

Percebemos que o autor entende que o romance, se fosse prescrito, cumpria uma função pedagógica de maneira mais eficaz do que os tratados de moral. Logo, Fabiola não

[154] Idem, 1996, p.17.
[155] WISEMAN, Nicholas. Fabiola. A Estrella do Norte, 1865, ed. 42. Belém, p. 1.

podia ser igualado ou comparado às (obrazinhas) que eram vistas de acordo com os detratores do romance como fonte de corrupção dos valores e condutas dos leitores. Para ilustrar a obra, a autor faz uso de uma estratégia comum no século XIX, assim apresenta sua narrativa como se fosse oriunda de uma história real.

Essas leituras contribuíram, assim, para sedimentar amizades, estabelecer novas relações sociais, perpetuar os hábitos cultos ou então, no caso das classes emergentes, contribuíam para aquisição desses novos hábitos, (Fabiola e Syra passavam muitas horas conversando sobre filosofia e sempre que a jovem romana solicitava que a escrava lesse algo diferente, sempre ouvia de Syra: (esse tipo de leitura, não é aconselhavel para ser lida por uma senhora de respeito.) É importante que em todo o decorrer do romance, Fabiola não consegue ouvir a leitura dos livros considerados (imorais), isso pode ser visto como uma ferramenta moralizante.

A ênfase no conflito religioso era mais ampla, uma vez que D. Macedo buscou ajudar a reforçar a fé cristã nas críticas entre os defensores e detratores do gênero romance[156]. Diferente dessas obras desaconselhadas pelos críticos, a construção narrativa do romance **Fabiola** foi baseada em exemplos positivos de moral e virtude. Podemos, então, conjecturar que algumas das intenções do bispo paraense foram pautadas que o romance influia no comportamento dos leitores: (O plano desse escrito é simples e de suma moralidade, é uma lição dada à moças e rapazes que aprendam a preservasse dessas serpentes que são os livros imorais, que se introduzem entre as flores e são alimento de fácil digestão a estômagos fracos)[157]. Percebemos que as palavras usadas pelo autor estão relacionadas ao objetivo de moralizar o público leitor, e tal intenção não foi trabalhada apenas de forma subliminar, foi tudo feito às claras, o objetivo do romance nunca foi escondido.

No que diz respeito à divulgação na Inglaterra, a criação e publicação de **Fabiola** fazia parte de um projeto da Igreja Católica que empreendia publicar uma coletânea de romances chamada de "plano da biblioteca popular católica"[158]. A primeira obra seria "A Igreja das Catacumbas", a segunda teria o título "A Igreja das Basílicas", nos planos religiosos teria um terceiro livro: "A Igreja do Claustro" e na sequência uma quarta obra

[156] Os romances na prática funcionavam como manuais, intencionalmente construídos em longos períodos de modo a persuadir pouco a pouco os leitores das "paixões inúteis". Desse modo, os homens de letras acharam por bem destinar o gênero à instrução e moralização dessa massa inculta, como procedeu o Dom Macedo, quando considerou que o romance publicado n'**A Estrella do Norte** teria um teor diferente dos textos que estariam "sob acusação".

[157] WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. **A Estrella do Norte**, 1865, ed. 48. Belém, p. 3.

[158] Informações contidas do prefácio da primeira edição assinado pelo autor. WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. Inglaterra. 1854.

chamada "A Igreja das Escolas". No prefácio o autor declara que se sentiu mais inclinado a começar pela primeira obra, e que na sequência da produção, julgou que seria melhor a obra ter o título de **Fabiola**, e o que seria inicialmente o título seria o subtítulo.

No que se refere à província paraense, o projeto de D. Macedo Costa foi a materialização ideológica do processo de "romanização" do catolicismo brasileiro, não era questão apenas brasileira, mas sim que vinha de Roma, que tinha como objetivo a ação reformadora dos bispos, padres e congregações religiosas que pretendem moldar o catolicismo brasileiro de acordo com o modelo romano, destacando a prática dos sacramentos e o senso da hierarquia eclesiástica. Estava atrelado a esse objetivo publicar n' **A Estrella do Norte** um romance que tinha uma personagem emblemática como Syra no momento da mediação de leitura e, sobretudo, que estava apta a explicar as dúvidas de Fabiola a respeito dos credos cristãos.

3.4. As faces de Fabiola: a subversão, a moralização e o ideal de virtude religiosa.

O romance **Fabiola** é parte de um interesse maior sobre os papeis da mulher no século XIX, bem como um questionamento sobre as formas de interferência, penetração e ação de comportamentos femininos em âmbito social, cultural e religioso. Uma vez que, a figura da mulher constitui-se em objeto histórico-literário, logo devemos atentar para suas práticas e, sobretudo as suas técnicas de poder. Tal poder deve ser entendido como um exercício repleto das relações heterogêneas e em constante transformação no espaço social e cultural. Dessa maneira, pretendemos relacionar o fenômeno da leitura, considerando o romance **Fabiola**, no qual as cenas de leitura associam-se a temática moralizante e a questão religiosa em Belém na segunda metade do século XIX.

A personagem Fabiola vive em uma casa descrita, com ornamentos suntuosos, com seu pai, e em uma família estabelecida e estável no que envolve questões financeiras, mas o narrador insinua que não é o ideal de família cristã, como confirmamos no fragmento a seguir:

> Filha única, tendo custado a vida a sua mãe, que morreu ao dá-la a luz, fora criada e mandada educar por seu bondoso, mas negligente pai, deram-lhe as melhores mestras, tinham-lhe cultivado o seu espírito, satisfazendo ao mesmo tempo seus mais frívolos desejos. Não, sabia, pois o que era negarem-lhe uma coisa. Assim abandonada a si mesma, Fabiola tinha lido muitos livros, e, especialmente, sobre assuntos graves. Tinha-se, pois,

> tornado douta, como uma filosofa, mas professava as máximas sensuais e absurdas do epicurismo que eram então a moda em Roma. [159]

O narrador, implicitamente, advoga em favor de Fabiola quando menciona, que apesar de ter sido criada por um pai "bondoso", que proporcionou a jovem os melhores educadores, mas negligenciou o alimento do espírito à Fabiola, por ter sido criada em casa pagã. Outro fragmento da citação expõe que seu espírito era alimentado quando seus mestres satisfaziam e atendiam seus "mais frívolos desejos", o que refere que a jovem teria uma alma vazia, pois apenas se preocupava com coisas fúteis e sem valor moralizante. Ainda no fragmento, "abandonada a si mesma, Fabiola tinha lido muitos livros, e, especialmente, sobre assuntos graves." O que demonstra ao leitor que uma jovem devia ser acompanhada quanto a pratica da leitura, sobretudo a família não devia permitir a leitura de obras consideradas perigosas.

As representações sociais sobre as mulheres[160] descritas, no âmbito da instrução da família, do casamento e do trabalho, devem ser entendidas como provenientes de um contexto sócio histórico. A escolha dessas esferas (instrução, família, casamento e trabalho) foi motivada por entendermos como os mais importantes sentidos nos quais as representações sociais são construídas e praticadas, mas a associação da publicação de **Fabiola** pelos editores do jornal **A Estrella do Norte**, existiu uma esfera a mais, a religião.

> Do cristianismo nada compreendia, e tinha para si que deveria ser alguma coisa de muito trivial, muito estupido e muito vil. Desprezava-o, pois tanto, que nunca quisera conhecer seus dogmas. Quanto ao paganismo, com os seus deuses, seus vícios, suas fábulas e suas idolatrias, seguia-o na aparência, rindo-se incrédula de tais loucuras. Só conhecia como positiva a vida presente, e fazia consistir todo o seu desejo em gozar o mais possível.[161]

A moralidade aparecia se não como critério de valor da obra, pelo menos como algo que devia ser mencionado, como um indicativo do merecimento de leitura, pois o crivo da moral era o critério importante nas circulações de narrativas no século XIX, pois, assim cabe analisar se a temática da narrativa ficcional seria moralizante ao público leitor, como no fragmento que será mencionado em seguida, o qual demonstrará que a personagem estaria

---

[159] WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. A Estrella do Norte ed. 63. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 7.

[160] A visão de que as mulheres seriam descendentes da Virgem Maria permeou o século XIX, (embora mão seja uma informação exclusiva desse século). Era um contraponto à visão que prevaleceu entre os séculos XVII e XVIII, que entendia a mulher como um ente carregado de lascívia e maldades naturais, próprias do seu sexo. Esse pensamento prevaleceu no século nos anos oitocentos, embora certa mudança, pois já era considerado que havia algo de valor na figura feminina. JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura Impressa e Educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 86.

[161] Ibidem, A Estrella do Norte ed. 80. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p. 07.

longe de apresentar um comportamento exemplar, uma vez que trocou o noivo a quem era prometida, por um novo pretendente, e assim teve a morte como castigo.

> Foi o seu mesmo orgulho que preservou sua virtude; aborrecia a sociedade pagã pela sua perversidade, e, da mesma forma, desprezava os galanteios desses jovens que, rendendo-lhe a porfia a divertirem com seus excessos. Chamaram-lhe fria e insensível, mas moralmente nada tinham que exprobrar-lhe. [162]

Além do tema do caráter pedagógico-moral do romance de Wiseman, que nos interessa particularmente, procuramos dar ênfase a outra tema abordado ostensivamente na época: o da figura feminina, pois os valores burgueses da época levavam o autor a investir decisivamente em questões relacionadas a figura feminina, pois a mulher, ocupou um papel significativo como intercessora entre os pontos divergentes que se construíam em torno de um potencial de criação, ao mesmo tempo em que colidia com uma ânsia de pureza cada vez maior por parte da palavra escrita. O romance, no século XIX, como é facilmente verificável, sem dúvida, tentou inscrevê-la dentro de um circuito, mais ou menos programável, de uma moral burguesa sustentada a partir de uma herança ainda mal resolvida com a era aristocrática.

> Fabiola estava reclinada sobre o seu leito, tendo na mão esquerda um lindo espelho de prata, e na direita um objeto que causará estranheza achar-se em tão delicadas mãos. Era fino e aguçado estilete, com o cabo de um marfim esculpido, pendente de uma cadeia de ouro. Esta arma era a favorita das damas romanas, e servia-lhes para punirem a seus escravos, se lhes davam o menor motivo de enfado, ou cevar neles sua má indisposição. [163]

A citação demonstra como era o perfil de Fabiola antes de começar a conhecer os preceitos cristãos, se pensarmos o antes da conversão, momento que a personagem teve a coragem de ferir uma escrava com um punhal, e que ainda se comportava como uma moça pérfida e volúvel, comportamento que foi transformado após sua conversão, época na qual a jovem ofereceu sua casa para abrigar cristãos que eram perseguidos, tal comparação demonstra o teor da transformação de Fabiola.

> Pretendes acaso, sendo uma escrava ignorante e sem os princípios de educação, saber isso melhor que tua senhora? Ou realmente imaginas tu, que depois de morta, quando o teu corpo se juntar ao montão de corpos dos escravos que morrem de morte natural ou sob o azorrague, que em pilha

[162] Ibidem, 1865, p.08.
[163] Ibidem, 1865,p.8.

> serão queimados; depois que tuas cinzas e as deles forem lançadas em uma obscura cova, existirá ainda alguma coisa de ti, e viverás ainda uma vida de gozo e liberdade?.[164]

A ambição e a humildade se confrontam de forma perversa e revelam um jogo de papéis extremamente interessantes para se conhecer a complexa trama ideológica que sustenta a maioria das narrativas longas do século XIX.

No momento que a jovem pagã fere a escrava, surge uma nova personagem, chamada Ignez, prima de Fabiola, que chega e presencia a cena na qual a escrava é ferida, e a personagem Fabiola é surpreendida com o olhar de repreensão da prima. De acordo com a descrição do narrador, a menina desde a infância, se mostrara dotada de candura, docilidade, inteligência, simplicidade e inocência, que se havia tornado objeto de amor, e quase de respeito de todos os da casa, desde o seu mais próximo parente até o mais humilde servo.

O tom moralizante da narrativa se apresenta a partir de diferentes recursos estéticos, por exemplo, pela própria sequência das ocorrências, nas quais as virtudes são premiadas e os pecados punidos, de modo a construir um final edificante subjacente aos castigos, dados às personagens levadas pelo vício, e à recompensa, dada aos virtuosos ou aos que se regeneram. O posicionamento moralizante pode aparecer também na fala das personagens, quando estas expressam suas opiniões e concepções de mundo, ou ainda nas concepções do narrador, quando este se posiciona sobre um determinado tema. O cardeal Wiseman, empenhou-se em imprimir um tom edificante ao romance, na medida em que o tom moralizante perpassa vários elementos ao longo da obra

> Creio que fora deste mundo mesquinho, há uma mão poderosa que reunirá os fragmentos dispersos do meu corpo. Há um poder celeste que ordenará ao vento que restitua o mínimo ato de pó de que sou formada, e que houver arrebatado, e eu tomarei de novo a minha forma, não para ser vossa escrava e de pessoa alguma, mas para ficar livre e contente. Aprendi essas doutrinas nobre senhora, no meu país, em uma escola onde não se conhecem, nem se admitem distinções entre gregos e bárbaros, livres e escravos.[165]

O fragmento é composto por uma série de recomendações de comportamento, valores, prescrições proibitivas, e como o próprio título já diz, trata-se de um conjunto de conselhos, dos quais destacamos da citação acima, “Creio que fora deste mundo mesquinho, há uma mão poderosa que reunirá os fragmentos dispersos do meu corpo”[166] trecho que ilustra

[164] Ibidem, A Estrella do Norte ed. 81. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1865, p.7.
[165] Ibidem, 1865, p. 8.
[166] Ibidem, 1865, p. 8.

a importância atribuída à literatura voltada para o ensino de preceitos morais e religiosos, característicos do pensamento dos representantes da igreja.

> Os olhos de Fabiola faiscaram de cólera; pela primeira vez na sua vida se via humilhada, e por uma escrava. Passou o estilete para a mão direita, e dirigiu um golpe quase cegamente à inflexível serva. Syra quase instintivamente estendeu o braço para livrar o corpo e receber nele uma profunda ferida, que lhe causou vivíssima dor. [167]

Os discursos morais colaboraram para enfatizar o sentido dos acontecimentos para as personagens. A questão da edificação também é característica do folhetim, pois em tal narrativa o tom moralizante acontece pelas próprias ações das personagens e suas consequências. Para corroborar em definitivo o tom edificante à narrativa, o autor inclui a temática da religiosidade.

> Além de uma pequena biblioteca, bastante seleta, que sempre havia na casa de campo, e que quase toda consistia em obras sobre a agricultura e outros assuntos de igual interesse, muitos livros do agrado, bem como algumas produções modernas (de que por alto preço se obtinha a cópia) se haviam para ali transportado de Roma, vindo também grande número de objetos, que faziam lembrar Fabiola a sua morada habitual. Passava ela quase todas as manhãs na alameda que já descrevemos, tendo a seu lado uma cestinha de livros, d'onde tirava ora um, ora outro volume. [168]

As mulheres eram consideradas o centro das preocupações, pois era necessário instruí-las para que os filhos também fossem instruídos e, assim, pudesse ser formada a "família ideal". Para que isso acontecesse era necessária a divulgação de valores morais, portanto, algumas dessas considerações acerca da função dos textos publicados era conduzida pela crítica feita por religiosos, pois estes condenavam as obras que expunham conteúdos que destoavam das regras moralizantes.

Leituras que poderão oferecer uma visão das relações que se estabeleciam entre a leitora e o livro, ou melhor, entre a leitora e o romance. Dessa forma, elegeu-se explorar a rede de interdependências sociais tomando como ponto de partida as leituras que os escritores indicavam para as jovens do Brasil do século XIX e, em contrapartida, as leituras que estas faziam. Uma vez que, de acordo Márcia Abreu:

---

[167] Ibidem, 1865, p. 8.
[168] Ibidem, 1865, p. 8.

> A ideia moralizadora pela leitura promovida pelos religiosos, parte de pressuposto exatamente contrários aos dos romances. Os textos cristãos propõem modelos positivos de virtude por meio da narração de vidas de santos e de fatos bíblicos, nos quais se pode conhecer a trajetória de homens e mulheres que não pecam, que cumprem os mandamentos, que temem a Deus [...] os romances também se dizem preocupados com a moral, mas a atingem pelo caminho oposto, mostrando pessoas que erram, que se corrompem, que são fracas diante do vício. Narram essas histórias do ponto vista de quem as condena, mas ao narrá-las põem os leitores em contato com o pecado. Isso já constitui um grave problema: narrar abertamente situações de imoralidade e pecado, permitindo que o leitor se imagine na mesma situação. [169]

Ainda sobre o processo de leitura dos textos, podemos conferir que as temáticas moralizantes eram mote constante nas páginas do jornal paraense, o que parece endossar a hipótese acerca do público leitor, pois parece que era objetivo das narrativas pregar moral e instruir por meio da leitura. Especialmente, no que tange a obra *Fabiola*, o que constituía material de leitura prescritiva, capaz de oferecer ao mesmo tempo advertência moral e ensinamentos religiosos, a partir de uma perspectiva positiva sobre a conduta de uma das personagens.

> Mas, se alguém a tivesse visitado este ano, ficaria admirado de ver quase sempre com uma companhia...e essa companhia era uma escrava! Podemos imaginar quanto ficou satisfeita, no dia seguinte aquele em que teve lugar o jantar em sua casa, ao saber que Syra tinha recusado deixar o seu serviço, sem que a tentasse a promessa da liberdade. E ainda mais satisfeita e admirada ficou, sabendo que a razão porque tinha feito era por lhe consagrar afeição acrisolada. Fabiola tinha a consciência de que nada havia feito para lhe merecer tal estima, nem mesmo se mostrará grata pelo desvelo com que na sua doença a tratará. Ao princípio, quis-lhe parecer que esse desvelo era loucura da parte de Syra. Mas pensou melhor, e reconheceu que era muito injusta no juízo que fazia. É verdade que, muitas vezes, lera exemplos de fidelidade e dedicação em escravos, mesmo para com senhoras déspotas; mas eram exceções à regra geral; e que avultavam meia dúzia de exemplos de afeição em alguns séculos, comparados com milhares de outros de rancoroso ódio, que se presenciavam todos os dias? Contudo, o caso presente era dos mais evidentes, e conseguiu comovê-la.
> [170]

O comportamento de Fabiola é apresentado de forma diferente, pois o narrador sublinha que ela ficou feliz ao saber que a escrava, após o episódio do golpe com o punhal Syra não abandonou suas tarefas e agia como se nada tivesse acontecido. É exposto ainda, que a jovem romana descrita antes como arrogante, já começava a sentir que foi injusta com a

[169] ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003, p. 270-271.
[170] WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. A Estrella do Norte ed.10. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1866, p. 7

escrava e que a dedicação de Syra a comovia. Dessa forma, percebemos que o narrador começa a advogar pela figura de Fabiola. Pois a escrava começa a comover a personagem por meio dos atos cristãos de Syra, que fizeram com que ela se convertesse ao cristianismo.

Em relação à representação de leitura na obra **Fabiola**, devemos lembrar que em consideração a leitura como um todo de significado que, inserida em uma obra literária, indica tanto o modo como o autor espera que sua obra seja idealmente lida, como apresenta informações relevantes sobre os personagens. Logo, tal atividade é definidora de sentidos, a partir das indicações do texto, o que permite ao leitor, traçar o caráter dos personagens e até mesmo prever seus destinos.

> Por algum tempo, observou atentamente se descobria, no proceder da escrava, algum indício, d'onde pudesse deduzir que ela pensava ter praticado uma ação muito generosa, e procurava fazer com que sua senhora a reconhecesse. Porém, nem o menor sinal de semelhante ideia pode descobrir. Syra continuou, como até ali, a desempenhar, com a mesma diligência, os seus deveres, sem dar sinais de se julgar menos escrava do que antes. [171]

A jovem pagã não acredita na existência de alguém com a bondade de Syra, e observa atentamente, o comportamento da criada, mas não comprova nada que desabone o seu comportamento. Assim sendo, não notou nela a menor mudança: sem orgulho, sem pretensões, da melhor vontade se prestava ao desempenho de qualquer serviço doméstico antes atribuído a ela, sem pensar em fazer-se substituir pelas outras. As mudanças começam a ser descritas no coração de Fabiola,

> O coração de Fabiola começou pouco a pouco a sensibilizar-se, e chegou a julgar pouco difícil aquilo que na sua conversação com Ignez tinham dito ser impossível, amar uma escrava. Além disso, seus olhos abriram-se à luz da evidência, e reconheceu que havia no mundo amor desinteressado, e afeição que não visava à recompensa. [172]

Por meio da linguagem do romance, o autor demonstra que transformações podem acontecer, e assim o indivíduo considerado pérfido, de pensamentos frívolos pode ser transformado se houver uma figura que faça mediações e apresente o que é considerado correto, vale dizer quem em relação à publicação de Fabiola nas páginas d' **A Estrella do Norte**, havia um objetivo ideológico e religioso, que é confirmado no decorrer da leitura do romance

[171] Ibidem, 1866, p. 8.
[172] Ibidem, 1866, p.8.

> Suas conversações com a escrava, depois daquela tão notável, que já relatamos, convenceram-na a final de que havia recebido uma educação superior. Demasiado delicada para pedir-lhe que contasse a sua história, lembrou-se de que poderia ser que com ela se houvesse dado o caso que se dava com outras; e era mandarem-nas seus senhores educar, para assim lhes aumentar o valor. Mas bem depressa veio no conhecimento de que ela lia autores gregos e latinos com facilidade e elegância; e que, da mesma forma, escrevia estas duas línguas. Pouco a pouco Fabiola procurou melhorar-lhe a posição, excitando assim inveja das outras escravas. Ordenou a Eufrosina que lhe desse um quadro separado, (a maior das comodidades para a pobre rapariga) e a empregou junto de si como secretaria e leitora.[173]

As conversações com Syra podem ser representadas como a figura que alerta do conteúdo transgressor, no fragmento, o diálogo frequente das personagens convence Fabiola que a escrava em algum momento "havia recebido uma educação superior". Logo, a jovem não apenas pronunciava em voz alta o que lia, sabia explicar com a facilidade o que lia. Fabiola reflete e percebe haver no espírito da escrava um critério misterioso da verdade, uma chave que abria a seu espírito todos os conhecimentos da ciência moral, e dissonante com tudo que era vício e mentira.

Fabiola apresenta ainda, um comportamento ambivalente, pois ainda vacila diante de algumas práticas e assim era descrita como uma jovem maldosa e insolente, a jovem questiona qual o motivo de apenas pensar nas imagens que lia era considerado pecado:

> –Essas imagens são de depravação, a indiferença; recordá-las, é maldade!
> –Como isso é possível? Acaso pode existir a maldade, sem se praticar alguma ação má?
> –É verdade, senhora; e o que é o pensamento, se não a ação do espírito, ou, para lhe darmos seu próprio nome, da alma? Desejais a morte de um homem: é a ação invisível de uma potência que existe em nós, mas que escapa a nossos sentidos. O golpe que dá a morte é apenas a ação mecânica do corpo, o ato visível, como braço que fere. Porém qual é desses poderes que manda, e qual o que obedece? Qual deles terá a responsabilidade do ato final?[174]

O diálogo entre Syra e Fabiola pode ser entendido como representação do que era considerado como prática de leitura perniciosa, pois quando a protagonista questiona como pode "existir a maldade, sem se praticar alguma ação má?". A leitura de narrativas que não eram apropriadas, ou seja, mesmo o contato com os atos dos personagens, já era apreciado uma prática compreendida como desaconselhável para o leitor. Por isso, até mesmo a lembrança da história era vista como referência negativa. O comportamento subversivo é

[173] Ibidem,1866, p.8.
[174] Ibidem, **A Estrella do Norte** ed. 12. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1866, p. 7

ainda apresentado por Fabiola, porque ela questiona a todo momento o posicionamento de Syra:

> – Compreendo, disse Fabiola, um pouco mortificada, depois de breve pausa; mas tenho uma dúvida ainda. A tua convicção é, que temos a responsabilidade tanto dos atos interiores, como das ações exteriores. Mas perante quem somos responsáveis? Se ao primeiro ato se seguir o segundo, seremos responsáveis por esses dois atos para com a sociedade, para com as leis, para com os princípios da justiça, e para conosco mesmos, pois seremos castigados: mas se só existir a ação interna, perante quem seremos responsáveis? Quem poderá ler em nossos corações e arrogar-se o direito de julgar-nos? Quem poderá adivinhar e pesar nossos pensamentos? [175]

A protagonista, não acredita que exista uma figura, uma entidade, que seja capaz de saber dos pensamentos do ser humano. A fala de Syra é importante para configurar uma espécie de receio por parte, sobretudo, das leitoras. Dado que, a figura feminina era vista como objeto de sedução cuja índole ambígua ameaça e atrai. O feminino ameaça e é temido, justamente porque provoca paixões, desperta furores e sentimentos que descontrolam o homem. É cercado de perigos, precisa ser conquistado, domesticado, subjugado, ter a alma modelada de acordo com as necessidades dos representantes ideológicos e religiosos, sua vontade desfeita para se adaptar ao mundo construído ao redor da sociedade da época.

Em Belém havia uma intensa movimentação de jornais que publicavam romances e para os representantes da Igreja católica era o começo de um tempo que certezas seculares vacilavam. Dessa forma, as contradições e os conflitos nascidos do embate entre igreja e modernidade podem ser expressos nesse discurso de veto às leituras não prescritas pela igreja. De acordo com as considerações de Jean Delumeau:

> No século XIX, o cristianismo perde posições nos velhos países cristãos em que se torna objeto de contestação e, às vezes, de rejeição. Mas, ao mesmo tempo, nasce na Europa católica e protestante, e na América do Norte, um número impressionante – a sem precedente na história – de congregações, iniciativas, organizações religiosas, principalmente a serviço dos mais necessitados. E, fora da Europa, faz-se um prodigioso esforço missionário; a França e a Inglaterra desempenham, nesse campo, o papel principal. A igreja católica perde os Estados pontifícios, e mesmo em Roma, mantendo-se na defensiva, depois do trauma da revolução francesa, ela condena, em 1832, o jornal de Lamennais, *L'Avenir*, que propunha a separação da Igreja e do Estado e a liberdade de consciência. A condenação dessas teses e, de modo mais geral, do "progresso", do "liberalismo" e da civilização moderna" é repetida e ampliada no *sílado* publicado por Pio IX, em 1864.[176]

[175] Ibidem, 1866, p.8
[176] DELUMEAU, Jean. **De religiões e de homens**. São Paulo: Loyola, 2000, p.265.

É do conhecimento dos estudiosos da História do livro no Pará, que a cidade de Belém, estava em sintonia com os acontecimentos mundiais, o jornal **A Estrella do Norte**, tinha relações com as publicações na Itália, em Portugal, na França e na América do Norte, o que demonstra que os representantes da Igreja Católica na capital paraense, também tinham um plano em combater as tensões provocadas por credos como, o protestantismo e maçonaria Delumeau[177], expõe, ainda que, nos anos 1833-1841, jovens e piedosos universitários de Oxford, dos quais o mais conhecido "é Newman, quiseram revitalizar a igreja anglicana que julgava entorpecida. Newman, sentindo a precariedade de seus seguidores, converteu-se ao catolicismo em 1845, o que causou sensação na Grã- Bretanha". Uma possível explicação da publicação do romance em Belém é a gradativa conversão de Fabiola ao cristianismo seja uma maneira de conquistar e reconquistar adeptos ao credo da igreja. Pois a cidade vivia um momento de intensos conflitos entre protestantes e católicos, o que pode ter influenciado Dom Macedo a publicar o romance em análise.

Em decorrência das grandes transformações socioeconômicas e políticas, da industrialização, urbanização, fortalecimento da burguesia e o aumento na produção de texto impresso que, consequentemente, propiciou a intensicação do público leitor, o século XIX é também marcado pelas campanhas de alfabetização. O direito de ler e escrever, nessa época, passa a se estender às mulheres, porém muitos questionaram os benefícios da educação pública, e da educação privada feminina, pois não era muito apropriado que as meninas aprendessem a ler e a escrever numa sociedade em que o conhecimento passa ser ameaçador para toda uma ordem edificada por pilares conservadores e tradicionais.

Surge a resposta para todas as indagações de Fabiola, quando a escrava responde a senhora que Deus sabe dos pensamentos do indivíduo, a preocupação de mencionar Deus era porque o contexto social e cultural, era de transição, de ampliação e de alterações fosse nos hábitos de leitura, fosse no perfil social dos leitores.

> –Deus! Respondeu Syra, com enérgica doçura.
> Os dias passaram-se e a escrava sempre explicava suas teorias a jovem senhora que lentamente ficava envolvida, por outro lado, havia um sentimento contrário na jovem: "todo orgulho do paganismo se revoltava em sua alma contra a ideia de não poder nunca achar-se a sós com seus íntimos sentimentos, e de que existia um poder invisível, que podia contrariar seus mais secretos desejos, fantasias e caprichos".[178]

[177] Ibidem, 2000, p.266.
[178] WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. A Estrella do Norte ed. 13. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1866, p. 7

No romance a transformação aconteceu de maneira gradativa, de início a jovem era descrita com vestimentas luxuosas, muitos adornos, o que demonstrava a preocupação com a aparência externa, por isso, inúmeras vezes o narrador enfatizava as escolhas de Fabiola e o vestuário. As mulheres pagãs usavam roupas com cores vibrantes, por exemplo, "o vermelho tem um forte apelo na sociedade ocidental. Cor de reis é também a cor do sangue, das chamas do fogo".[179] Aliar os ardis demoníacos ao sexo feminino já era comum sem a necessidade de ratificação da sua cor. Cores quentes eram consideradas cores do desejo, dos lábios excitados, da pele ardente, do sexo. As cores virginais eram as cores pastel, sem ardil, apropriadas à inocência alardeadas pelas jovens que tinham o matrimônio como objetivo.

No enredo, há ênfase à condição da mulher casada, preservando e dando continuidade à posição do feminino, redimida através da união com um homem que a partir de então será seu mentor e senhor. Assim, em vida, a mocinha sob a tutela de seus pais alcançava o paraíso. O casamento não é mencionado como instituição idealizada na sociedade, principalmente para as mocinhas, o único modo de serem plenas, a maneira legal, e divinamente aprovada, de alcançarem o objetivo maior da maternidade. Essa não é a ênfase exposta no romance, o fio condutor da narrativa é a moralização relacionada a quem segue a fé cristã.

Fabiola, profunda admiradora da leitura, alimentada pela ficção, e, a partir deste contato com o impresso, poderia manifestar desejos de viver suas aventuras descritas nas narrativas da mesma maneira que viviam os personagens das obras lidas. Nesse sentido, a figura de Syra é ferramenta ideal para censurar os desejos e emoções de Fabiola no ato de leitura. O enredo de Fabiola não está relacionado a costumes urbanos e descrevendo uma realidade que convinha ao leitor. A narrativa acontece na antiga Roma, momento que o povo católico sofreu a mais intensa perseguição por parte dos representantes políticos em Roma.

Sendo assim, com o objetivo de conter o surgimento de certas aspirações perigosas provenientes das más leituras realizadas pelo público leitor feminino, vimos que o imperativo controle que a Igreja Católica exercia sobre a educação ainda se mantinha fortemente no século XIX.

O romance apresentava teor religioso e educativo, ratificando os bons comportamentos, principalmente o feminino, o lugar da mulher, o amor à pátria e, sobretudo, o temor a Deus. O Pará era herdeiro das tradições lusitanas, assim o território paraense era povoado de mulheres atadas às condições determinadas pela sociedade. Colonizado ainda pela

[179] Ibidem, A Estrella do Norte, 1865, p. 7.

tradição católica. A educação feminina era justificada pelo seu destino de mãe. Um discurso hegemônico propagava a noção.

3.5. A moralização e a premiação da virtude

A moral era critério de avaliação de composições literárias, uma vez que, a concepção da literatura vigente incluía, portanto, tom moralizante. O romance apresentava personagens com comportamentos inadequados, o que poderia corromper os costumes dos leitores que tivessem contato com a obra. O que percebemos no diálogo no qual Inês, antes de sua execução pede à Fabiola que estude e compreenda as máximas cristãs, pois apenas dessa forma a jovem romana deixará o estado que se encontrava sua alma. A protagonista pergunta qual seria esse estado e a jovem cristã responde:

> – Nas trevas, querida Fabiola. Quando penso em ti, conheço que és dotada de brilhante inteligência, de índole generosa, de coração leal e compassivo, de espírito culto, e de tendência natural para moral e para a virtude. Que mais se pode desejar em uma mulher?.[180]

Notamos que os adjetivos que descrevem Fabiola são com significado positivo. Dessa forma, o autor coloca tais adjetivos na voz de outra personagem feminina que será executada por não negar os credos que seguia e ainda tenta convencer Fabiola a se tornar cristã. Essas estratégias na construção da obra têm eficácia moralizadora, a forma que a Inês descreve a jovem romana, são os artifícios que podem ser entendidos como exemplos de boa conduta, pois tais comportamentos esses valores conduziriam o leitor a ser virtuoso, pois era no âmbito familiar que a normatização, sobretudo em relação ao público feminino alcançava seu ápice, tal situação acontecia porque a mulher devia seguir uma série de normas relacionadas à conduta moral, e em razão disso o papel reservado à mulher era ser mãe de família.

Após a morte do pai de Fabiola, a jovem se converteu ao cristianismo, a partir disso, se envolveu efetivamente na defesa do povo cristão, e usou sua casa como abrigo para proteger e esconder os cristãos das perseguições dos imperadores romanos, o narrador do romance, mostra o que aconteceu depois da vitória do cristianismo:

---

[180]WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. *A Estrella do Norte* ed. 13. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1866, p. 7.

> – Ambos nós, disse Fabíola, sem o querermos, derramamos o sangue daquela nossa irmã querida, que está agora no céu.
> – Pela minha parte, do dia em que a feri, e que lhe dei ocasião de patentear quanto era virtuosa, datam os primeiros raios de luz divina que penetraram as trevas em que jazia.
> –Assim acontece sempre, concluiu Fabiola. O exemplo de Jesus Cristo, fez os mártires; e os exemplos dos mártires faz com que persistamos fiéis na sua fé.
> –Possa a Igreja, nos seus dias de paz e de vitória, não esquecer quanto deve a época do martírio. Nós ambos trabalhamos nesta santa cruzada, para a salvação de nossas almas.
> Mais tarde, após uma longa série de anos, em que praticara numerosos atos de caridade e eminentes virtudes, Fabiola foi descansar em paz. [181]

O fragmento acima são as últimas linhas do romance, e vejamos, a ênfase em Syra como mediadora de leitura, a maneira que a personagem foi colocada, implica o que na narrativa? Entendemos que a imagem de Syra é exposta como pregadora do evangelho, o que pode ser comprovado pelos seus atos, pois no episódio que foi ferida, a escrava continua a servir a senhora com resignação e obediência. O autor usou a figura da escrava como uma forma de doutrinação por meio da perspectiva cristã. E a referida personagem, mostrou ainda, à Fabiola, que a lei moral tem a finalidade de deixar claro aos indivíduos, os seus deveres, suas falhas e auxiliar na distinção entre o bem e o mal.

Nesse momento, a origem de Syra já tinha sido revelada, pois a jovem tinha o nome de Myrian e era irmã do maior perseguidor do povo cristão, Fulvio, que no passado orquestrou a venda da irmã, para assim herdar sozinho, a fortuna do pai.

O narrador dá voz à personagem, por meio do discurso direto, para que seja a voz de Fabiola, mais próxima dos leitores quando quer fazer referência ao papel da Igreja Católica, "possa a Igreja, nos seus dias de paz e de vitória, não esquecer quanto deve a época do martírio" é estratégia para tentar persuadir cristãos de não abalarem sua fé, e até mesmo objetivar a conversão de não cristãos.

No trecho que encerra o romance, o narrador toma a voz da narrativa para si, e declara que após anos de bondade e ações virtuosas, Fabiola alcança a vida eterna. Assim, a mensagem central de **Fabíola** é o fundo moralizante e de conversão religiosa ao cristianismo, assim o gênero romance foi trabalhado de acordo com os padrões das representações católicas, e assim, a leitura religiosa, podia ser justificada por buscar promover, prioritariamente, o desenvolvimento do espírito. A moralização foi temática recorrente nos

[181] Ibidem, 1866, p.8.

textos do século XIX, e esteve presente como elemento importante para compreensão dos discursos suscitados pelas discussões acerca do gênero romanesco.

No ano de 1864, ano que antecede a publicação de Fabiola no periódico paraense, Dom Macedo, no dia 27 de março, na edição nº 13, publica um prólogo à edição Fabiola, na narrativa o bispo apresenta uma espécie de prescrição da obra, que seria um forte e eficaz instrumento de formação moral do leitor:

> Esta obrazinha pela sua pouca extensão cabe em o nosso quadro. Oxalá que a pudéssemos fazer seguir de outras mais volumosas e importantes como é a—**Fabíola**— do mesmo ilustre Cardeal, que é um quadro magnífico da sociedade cristã sob as últimas perseguições dos Imperadores romanos. [182]

O fragmento expõe os méritos positivos da obra *Fabiola*, o bispo ainda sublinha a pouca extensão da obra, uma forma de chamar a atenção do público leitor, é destacado também a importância da obra por narrar os feitos magníficos dos cristãos durante os anos de mais intensa perseguição por parte dos imperadores romanos.

Os objetivos do bispo do Pará na época coetânea à publicação de Fabiola, como também à recepção do romance, quanto a outras publicações, notas, prefácios, entre outros eram de informar e ainda instruir o leitor de acordo com os padrões morais da igreja católica.

O gênero romance sempre necessitou se defender das acusações que pesavam sobre, algumas vezes a crueldade e frieza nas descrições, apresentação de temáticas nem sempre consideradas a serem apreciadas pela sociedade, serviram como motivações para os detratores lançarem acusações ao gênero no que envolve o teor moralizante.

Com a publicação de **Fabiola** o autor e também os editores d' **A Estrella do Norte**, usavam a forma do romance para divulgar a obra supracitada, como verdadeiro romance histórico sobre as origens do cristianismo. O romance pode ser considerado como uma maneira de didatizar a conversação de uma pessoa, pois, narra passo a passo a trajetória de Fabiola, desde o momento que ela é descrita como indivíduo subversivo, sua transformação e a moralização descrita nos episódios que Fabiola transforma sua casa em um local para abrigar os cristãos feridos. A virtude é alcançada por meio de sua morte, pois o autor informa que milhares de cristãos visitavam seu túmulo.

O autor faz no romance uma espécie de crítica ao universo burguês do século XIX, pois entendemos que houve uma transposição do contexto da burguesia para a Roma antiga,

---

[182] COSTA, Dom Macedo. **Prólogo à versão de um romance**. ed. 13. Belém: Tipografia da Estrella do Norte, 1864, p. 2.

vale mencionar que Dom Macedo, também criticava as mudanças advindas da modernidade e as transformações da burguesia. Syra é responsável pelas mudanças da personagem, e leva Fabiola a se converter a fé cristã, e ainda atua como ferramenta de divulgação do cristianismo. Fabiola é alma transformada pela palavra de Deus.

Considerações Finais

A análise do romance **Fabiola** nos mostrou que não foram apenas obras de autores que ainda circulam em manuais de literatura que estiveram em circulação e nas mãos dos leitores. O mapeamento de uma obra moralizante e prescritiva também demonstrou que a Igreja Católica tanto no contexto mundial e no Pará objetivou propagar os preceitos do catolicismo.

As sucessivas traduções do romance também confirmam a circulação da obra, o que demonstra que havia um interesse editorial em divulgar o romance do Cardeal Wiseman, logo houve um público leitor para essa obra, o que evidenciou que existia a preocupação em ser mantido certo padrão de conduta em encadeado ao que o público lia.

Avaliamos que o enredo Fabiola se aproxima aos romances **Manon Lescaut**, **Pamela**, **Clarissa**, **Madame Bovary** entre outros, pois entendemos que o autor da obra religiosa, buscou inspiração nos romances que mais influenciaram a trajetória do gênero. A partir dessa comparação, destacamos que a finalidade de transmitir valores e padrões considerados corretos ao leitor, não foi exclusividade apenas do romance moralizante, sendo atribuída também, ao romance moderno.

De acordo as informações expostas no editorial d' **A Estrella do Norte**, o periódico se detinha a publicar informações relacionadas à religião e a importância do tema para a sociedade. O que é confirmado na citação a seguir: "Os últimos anos do século XIX também constituem, para igreja, o início de uma longa crise que engendra simultaneamente a laicização da escola e do Estado, a ruptura dos equilíbrios tradicionais (evolução dos costumes, descristianização, escolarização generalizada)".[183] A publicação da obra *Fabiola* em Belém estava relacionada a transformar a fé de católicos e não católicos em uma força de pressão suficiente para sua influência pesasse de maneira eficaz no contexto público.

O romance é trabalhado como difusor de mentalidades, os jornais ajudam a esclarecer qual imagem se fazia do leitor paraense no século XIX. A narrativa analisada

[183] CHARTIER, Anne Marie e HEBRARD, Jean. **Discursos sobre a Leitura (1880-1980)**. São Paulo: Editora Ática, 1995, p.23.

apresenta a junção entre o comportamento dos personagens e as concepções da sociedade da época. Além disso, demonstram alguns procedimentos acerca do novelo da narrativa, e que levariam o leitor a identificar-se com determinados valores e padrões considerados exemplos de conduta e moral.

Este trabalho apresentou o teor moralizante religioso como fio condutor do romnace **Fabiola**, bem como de qual forma os personagens e o narrador foram ferramentas, postas em circulação na obra analisada, publicado periódico católico **A Estrella do Norte**. Trabalhamos ainda, as transformações do contexto político e religioso, os ideais liberais e democráticos. O Cardeal escreve o romance com um objetivo, e os editores do periódico paraense também publicam a obra com o objetivo de pregar uma reforma moral e religiosa que, começando pela figura feminina, que foi vista como ferramenta moralizante e pregadora do evangelho, para tentar converter quem não seguia o cristianismo.

As leituras recomendadas por Syra, podiam não ter nenhum efeito em Fabiola, mas como objetivo maior do romance era moralizar o público leitor, a transformação na personalidade da jovem pagã começa a acontecer. A leitura oralizada ajudaria nos momentos de diversão e lazer e também divulgava obras publicadas recentemente. Era praticada em família, e assim um determinado indivíduo direcionava a leitura. A obra destaca, ainda, a exaltação da virtude religiosa, o que é o fio aspecto condutor da narrativa, o romance não é uma história de amor e decepção, mas um trabalho, eminentemente político e religioso, cuja construção foi escolhida para convencer um público que tanto os editores ingleses, quanto os d' *A Estrella do Norte*, consideravam corrompidos na sua fé.

A abordagem religiosa não é centrada apenas na figura de Fabiola, Syra, e narrador, podem ser considerados elementos importantes, pois é por meio de suas interferências e mediações de leitura que é iniciada a conversão de Fabiola, que a fez não ter medo da morte. O narrador surge como figura com propriedade para tratar da temática, pois tem posse de informações importantes relativas ao enredo.

A composição da personagem Fabiola foi feita a partir do que consideramos ser pautado em três categorias, pois a partir da subversão, a moralização e a virtude. A subversão acontece quando a jovem deixa de acreditar nos ideais pagãos, ensinamentos que eram defendidos por seu pai e começa apresentar o perfil que a coloca no momento da trama que a moralização ganha cena, pois é quando começa a ter atitudes nobres. A virtude é demonstrada a partir de sua morte, uma vez que, é defendido no romance que a verdadeira vitória para o cristianismo é alcançada após a morte.

Referências

ABREU, Márcia. “Da maneira correta de ler: Leituras das belas letras no Brasil Colonial”. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

_____. “Prefácio: percursos da leitura”. In: **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. P. 223.

_____. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Apud. Ficção. In. MORETTI, Franco. **A Cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann – São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ASSIS, Machado. **O Jornal e o Livro**. Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994.

AUBERT, Roger. **A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno**, tomo.III.Trad. Pedro Paulo de Sena Madureira e Júlio Castañon Guimarães. Petrópolis: Vozes (Coleção Nova História da Igreja). 1976.

AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta**: A Moreninha e Os Dois Amores. Campinas. 1998. P, 225. < http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/valeria.pdf>

AZZI, Riolando. **A crise da cristandade e o projeto liberal**. São Paulo: edições Paulinas, 1991.

AZZI, Riolando. **O Altar Unido ao Trono**. Um projeto conservador. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

BARBOSA. Marinalva. **História cultural da imprensa**: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauadx, 2010.

BRANCO. Francisco Gonçalves de Medeiros. **Gabinete de Leitura**: Movimento Literário. A EPHOCA, Ed. 157. 1859.

CHARTIER, Anne Marie e HEBRARD, Jean. **Discursos sobre a Leitura** (1880-1980). São Paulo: Editora Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CULLER, Jonathan. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Beca, 1999.

CUNHA. Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**: Os romances de M. Delly. Autêntica. Belo Horizonte. 1999.

Defoe, Daniel. **Os segredos de Lady Roxana**. Ediouro, s.d.

DELUMEAU, Jean; BONNET-MELCHIOR, Sabine. **De religiões e de homens.** São Paulo: Edições Loyola. 2000.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Martin Claret.2003.

GALLAGHER, Catherine. Ficção. In. MORETTI, Franco. **A Cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann – São Paulo: Cosac Naify, 2009.

HOORNAERT, Eduardo. (Coord). **História da Igreja na Amazônia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura Impressa e Educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

MATTOS, Franklin. **A cadeia Secreta**: Diderot e o Romance Filosófico. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

NADAF. Yasmin Jamil. **Páginas do passado**: ensaios de literatura. São Paulo: editora, 2014.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Romualdo, José e Antônio**: Bispos na Amazônia do Oitocentos. Belém: EDUFPA, 2015.

NOBRE, Izenete Garcia**. Leituras a vapor**: a cultura letrada na Belém Oitocentista. Belém do Pará, 2009. 128f. Dissertação – Mestrado em Estudos Literários – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**. A censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

PRÉVOST, Abade. **Manon Lescaut**. Rio de Janeiro: Jackson Editores, 1959.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888**: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Renato Janine. **Madame Bovary morreu de tanto ler romances**. In: Folha de São Paulo.

ROBERT. Marthe. **Romance das origens, origem do romance**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio** ou **Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SALES, Germana. **Palavra e sedução**: uma leitura dos prefácios oitocentistas. Tese de Doutorado. IEL, UNICAMP. Campinas, SP: 2003. P.333. Disponível em: <

file:///G:/Disserta%C3%A7%C3%A3o/Reposit%C3%B3rio%20de%20textos/SalesGermanaMariaAra%C3%BAjo.pdf>.
SILVA, Ana Claúdia Suriani da. **Machado de Assis**: do Folhetim ao Livro. São Paulo: nversos, 2014.

SITI, Walter. "O romance sob acusação". In: **A Cultura do romance**. Org. MORETTI, Franco. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STENDHAL. **O Vermelho e o Negro**. Tradução de Souza Júnior e Casimiro Fernandes. Rio de Janeiro: Tecno-print, 1988.

VARGAS LLOSA, M. **A orgia perpétua**: Flaubert e 'Madame Bovary'. Rio de Janeiro: Francisco Alves,

VASCONCELOS, Sandra Guardini. Romances e leitura na Inglaterra setecentista. In: Roger Chartier: **A força das representações**: História e Ficção. ROCHA, João Cezár de Castro. Org. Santa Catarina: Argos. 2011.

VASCONCELOS, Sandra. **A Formação do Romance Inglês**: ensaios teóricos. São Paulo: HUCITEC. 2007.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília, 2ed. Editora da Universidade de Brasília, 1929.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WELLEK, R. & A. WARREN. **Teoria da literatura**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.

WISEMAN, Nicholas. **Fabiola**. Lisboa. Livraria Internacional.1872.

Fontes primárias

A Ephoca

A Estrella do Norte